

Organizadoras

Rose Mara Pinheiro

Ana Luisa Zaniboni Gomes

POLIFONIA E ALTERIDADE:

COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO
EM ÉPOCA DA COVID-19

Organizadoras

Rose Mara Pinheiro
Ana Luisa Zaniboni Gomes

POLIFONIA E ALTERIDADE

COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO
EM ÉPOCA DA COVID-19

Reitor

Marcelo Augusto Santos Turine

Vice-Reitora

Camila Celeste Brandão Ferreira Ítavo

Obra aprovada pelo

CONSELHO EDITORIAL DA UFMS

Deliberação nº 51, de 22 de dezembro de 2020

Conselho Editorial

Rose Mara Pinheiro (presidente)

Além-Mar Bernardes Gonçalves

Alessandra Borgo

Antonio Conceição Paranhos Filho

Antonio Hilario Aguilera Urquiza

Delasnieve Miranda Daspert de Souza

Elisângela de Souza Loureiro

Elizabete Aparecida Marques

Geraldo Alves Damasceno Junior

Marcelo Fernandes Pereira

Rosana Cristina Zanelatto Santos

Vladimir Oliveira da Silveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Divisão da Editora UFMS, Campo Grande, MS, Brasil)

Polifonia e alteridade [recurso eletrônico] : comunicação e educação em época da COVID-19
/ organizadoras Rose Mara Pinheiro, Ana Luisa Zaniboni Gomes. -- Campo Grande, MS :
Ed. UFMS, 2020.

Dados de acesso: <https://repositorio.ufms.br>
Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-86943-32-0
Versão Digital: dezembro de 2020.

1. Comunicação na educação. 2. Comunicação de massa e educação. 3. Pandemia de
COVID-19, 2020- . I. Pinheiro, Rose Mara. II. Gomes, Ana Luisa Zaniboni.

CDD (23) 370.192

Bibliotecária responsável: Wanderlice da Silva Assis – CRB 1/1279

Organizadoras

Rose Mara Pinheiro

Ana Luisa Zaniboni Gomes

POLIFONIA E ALTERIDADE

COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO
EM ÉPOCA DA COVID-19

CAMPO GRANDE - MS

2020

© das autoras:

Ana Luisa Zaniboni Gomes
Adriana Maria Santos de Almeida Campana
Amaurícia Lopes Rocha Brandão
Caio Teruel
Cristinara Alves Rodrigues
Dalila Fernandes Vieira Sbardelotto
Dayse Maciel de Araujo
Diva Souza Silva
Edilane Carvalho Teles
Fernanda Lima Souza
Filomena Maria Avelina Bomfim
Helena Corazza
Ignacio Aguaded
Lucas Guimarães Resende
Marcele Aroca Camy
Michelle Araújo do Nascimento
Naiane Gomes de Mesquita
Rose Mara Pinheiro,
Sílvia Cristina dos Reis,
Suéller Costa
Vanessa Matos dos Santos

1ª edição: 2020

Projeto Gráfico, Editoração Eletrônica
TIS Publicidade e Propaganda

Revisão

A revisão linguística e ortográfica
é de responsabilidade dos autores

A grafia desta obra foi atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 1º de janeiro de 2009.

Direitos exclusivos
para esta edição



Divisão da Editora UFMS - DIEDU/AGECOM/UFMS

Av. Costa e Silva, s/nº - Bairro Universitário, Campo Grande - MS,
79070-900 - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Fone: (67) 3345-7203
e-mail: diedu.agecom@ufms.br

Editora associada à



ISBN: 978-65-86943-32-0

PRÓLOGO

ENTRE VÍRUS, NO MEIO DO RODAMONHO

Adilson Citelli

O Grupo de Pesquisa Comunicação e Educação da Intercom, oportunamente, traz à luz este volume com dez artigos elaborados em torno da pandemia da Covid-19 e seus impactos na vida associada, nas escolas, nos processos comunicacionais. Os textos ganharam apresentação pelas organizadoras do volume. Em esforço de síntese, reconheço três grandes linhas de força atravessando o material lido: atualidade do problema em tela, importância do trabalho científico, capacidade de oferecer respostas rápidas a problemas emergentes. Passo a esclarecê-los.

A chegada do SARS-COV-2 no Brasil, à volta do mês de março de 2020, ocorreu no bojo de um flagelo anunciado, e que já se fazia presente em inúmeros países, nomeadamente e com mais destaque pela proximidade conosco, Itália e Espanha. Ou seja, não faltavam avisos. O governo brasileiro e o seu ar de paisagem, misturando ironias (é uma gripezinha), má-fé (devem morrer umas cinco mil pessoas), investidas ideológicas (é o vírus chinês), e demais preciosidades compostas por achincalhes, agressividade contra os profissionais da saúde, luta pelo poder, afirmações anticientíficas, ajudou a preparar o terreno para o mergulho no caos. O fato é que tivemos algum tempo para preparar medidas capazes de minimizar o problema, infelizmente deixadas ao léu pelo menoscabo do governo federal, que, aliás, abriu um front de briga interna com governadores e prefeitos, acusados de atrapalhar os fluxos do mercado, haja vista haverem implantado medidas de distanciamento social e restrições a atividades empresariais.

Frente ao projeto promotor do desgoverno aboletado no Palácio do Planalto (acentuo a palavra projeto), os pesquisadores e pesquisadoras reagiram rapidamente para encontrar alternativas à tragédia em marcha. Passadas 48 horas desde a confirmação do primeiro infectado em nosso país, duas pesquisadoras da Universidade de São Paulo – a professora Ester Sabino e a pós-doutoranda Jaqueline Goes de Jesus – anunciaram o sequenciamento de genoma do novo coronavírus. E os exemplos de ações da ciência se multiplicaram nas diferentes áreas de conhecimento, como é possível reconhecer no presente livro, com investigações originais feitas no calor da hora, através de entrevistas e questionários realizados com professores e professoras, alunos e alunas, familiares de estudantes, grupos religiosos, instituições educativas, nas várias latitudes do nosso país. Os empreendimentos permitem saber como as questões pedagógicas, os afetos, os relacionamentos e mesmo as análises sobre a pandemia estão se refletindo e ajudando a esclarecer aspectos da escolarização, do cotidiano de docentes e discentes, e mesmo de expansões concernentes à educação não-formal. O que é tarefa a ser reconhecida com entusiasmo.

Os textos lidos expressam significativa coletânea de experiências e que podem ser identificadas através das pesquisas promovidas pelos autores e autoras nos inúmeros ambientes e circunstâncias educacionais. É a estratégia utilizada para colocar em circulação as respostas que o campo da comunicação e educação (educomunicação) vem oferecendo para enfrentar o problema da pandemia. E aqui entram as propostas para melhor cumprir a momentânea suspensão dos vínculos presenciais em sala de aula, dentre elas as variadas possibilidades do ensino remoto (e as armadilhas existentes dentro dele, em boa monta resultantes da sociedade “desigualitária” na qual vivemos), a criação de plataformas de trabalho – algumas levadas a termo por secretarias estaduais e municipais de ensino. Os esforços de professores e professoras, assim como de algumas autoridades educativas responsáveis, podem ser lidos no continuum

de orientações, recomendações e referências traduzidas em estratégias múltiplas percorridas no livro, cujos mecanismos híbridos associados sejam os materiais impressos (muitas vezes retirados nas próprias escolas) sejam os sites, programas e suportes, que incluem *WhatsApp*, *Facebook*, *Google Meet*, *Zoom*, *Google Classroom*, *Powtoon* e *Videoscribe* (ambos voltados aos vídeos de animação), Podcasts etc. Equivale dizer, apesar dos pesares e das intercorrências que todos conhecemos, o acionamento de diferentes dispositivos em amplitude comunicativa – que fique claro o substantivo amplitude –, vem sendo buscado pelos educadores e educadoras.

Enfim, o que se demonstra neste livro é a vitalidade e a capacidade de estudiosos e estudiosas da interface comunicação e educação em recolher experiências, analisar resultados e oferecer soluções voltadas a superar dois tipos de vírus: o da pandemia e o da truculência regressiva em marcha no país. Inspiremo-nos no poeta Mario Quintana: eles passarão... eu (nós) passarinho(s)!

Adilson Citelli é Professor Titular junto ao Departamento de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, onde atua nos programas de graduação e pós-graduação.

PREFÁCIO

A EDUCOMUNICAÇÃO COMO REFERENCIAL PARA A ÁREA DA SAÚDE PÚBLICA: DA PESQUISA À INTERVENÇÃO

Ismar de Oliveira Soares

Estamos recebendo, em nossos computadores e notebooks, o livro digital *Polifonia e Alteridade*, com dez artigos sobre Comunicação e Educação em época de pandemia da Covid-19. Neste mesmo instante, o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes nos lembra que minimamente 386 pesquisas sobre a Educomunicação foram produzidas, ao longo das duas últimas décadas, em 106 áreas de concentração, mantidas por 105 programas de pós-graduação, em todo o país (busca por educomunica*, em 16/09/2020).

O último registro, de número 386, volta-se para o virtual que, célere, chega à sala de aula, promovendo uma revolução pedagógica (Universidade Mackenzie, SP). Já o registro de número 382 aponta para a comunicação educativa em saúde, envolvendo escolas e adolescentes (Universidade de Brasília, DF). Em poucas palavras: o digital e as práticas em saúde estão sendo incorporados definitivamente ao âmbito da pesquisa educacional.

O novo e-book vem exatamente comprovar esta constatação. Detenho-me, inicialmente, no artigo número 2 do índice, com o título “Mídia e Educação em Tempos de Covid-19: Relatos dos Professores do Ensino Fundamental na Rede de Educação Pública de Mato Grosso do Sul”, que se propõe a refletir sobre como os professores têm enfrentado os desafios do ensino intermediado pela tecnologia durante o período de

pandemia ocasionado pela Covid-19, fazendo uso, para tanto, dos referenciais Mídia-educação e Educomunicação.

Esta é a singularidade do texto: aproximar duas áreas de conhecimento que vinham se estranhando, em passado recente, identificando-as como complementares e pertinentes entre si. O trabalho caminha, apresentando relatos de cinco profissionais, entre professores e coordenadores pedagógicos, coletados por meio de entrevistas, constatando, ao final, que tal mediação tecnológica educ comunicativa tem sido tão eficiente em ancorar a construção do conhecimento que já deixa antever sua permanência, quando um novo normal surgir.

Uma parada inicial, de modo semelhante, no texto de número 8 - “Educomunicação em tempos de coronavírus: interface Comunicação e Teologia” - se faz necessária. O artigo descreve experiências de aprendizado, durante a pandemia da Covid-19, de estudantes de Graduação do primeiro ano de Teologia do Instituto São Paulo de Estudos Superiores (ITESP), na disciplina Educação para a Comunicação I. Analisando as provocações que advieram da situação de confinamento, identificaram a reinvenção no modo de estudar e atuar, mobilizada pelas considerações teóricas advindas da prática educ comunicativa, conduzindo a um novo pensar, um novo produzir, um novo conviver e um novo dialogar.

Nos dois casos, observa-se a incidência expressa do pensamento educ comunicativo nos espaços de formação fundamental e superior.

Tomando o conjunto dos dez artigos, é possível, na verdade, identificar a presença de três das sete áreas de intervenção próprias do campo da Educomunicação, a saber:

- Área da **Educação para a comunicação**, com dois artigos, abordando “práticas de mídia e educação” (art. 2, já referido) e “alfabetização midiática” (artigo 10, sobre “Alfabetização midiática em telas: desenvolvimento de estratégias transmidiáticas em contexto de infodemia”);

- Área da ***Medição tecnológica nos espaços educativos***, com quatro textos: um primeiro, sobre os recursos midiáticos no nível superior (artigo 9 – “O ensino de Jornalismo em tempos de pandemia: a educação a distância e o uso de tecnologias nas instituições de Ensino Superior de Campo Grande – MS”); um segundo, voltado às práticas de ensino virtual (artigo 1 – “Os desafios do ensino remoto durante a pandemia: Relatos das atividades do IFCE Campus Acaraú”); um terceiro, igualmente relacionado a educação on-line (artigo 6 – “ Comunicação e Educação a Distância no contexto da Pandemia”): Um quarto, voltado ao diálogo sobre tecnologia com os responsáveis pelos estudantes (artigo 7 – “Ações educacionais nos percursos de recepção das escolas e famílias com o ensino remoto”).

Este último *paper* apresenta uma pesquisa em andamento, que emergiu da escuta e observação das escolhas educativas e formativas das comunidades escolar e familiar. Em outras palavras, uma pesquisa que busca o entendimento sobre a natureza das mediações tecnológicas nos espaços educativos, pensado a partir da reação dos próprios alunos, de seus pais e/ou responsáveis.

- Área de ***Pedagogia da comunicação***, igualmente com quatro artigos: um primeiro, analisando o protagonismo midiático estudantil (art. 4 – “O potencial do podcast como dispositivo educacional em prol da autonomia estudantil: um estudo de caso sobre sua utilização no Ensino Médio da Rede Pública em tempos de pandemia”); um segundo, debatendo uma prática de ensino diferenciada, decorrente dos novos modos de ensinar (art. 3 – “Aprendizados em tempos de pandemia: o desafio de professores da educação básica em ressignificar a sua didática e inovar suas práticas com o ensino remoto”); um terceiro, evocando a percepção dos alunos sobre as vantagens e desvantagens dos modelos presenciais e on-line de ensino (art. 5 – “Desafios e oportunidades para o ensino superior presencial e on-line Pós-Pandemia Global 2020: Percepções dos Alu-

nos”); Incluímos, nesta área, o trabalho sobre a “interface Comunicação e Teologia” (texto 8).

Lembramos, finalmente, que o convite para uma visita aos trabalhos incluídos no novo e-book coincidiu com minha integração numa ação envolvendo Educomunicação e Saúde. E olha que não é trabalho pouco! Trata-se de um projeto em implementação pela Secretaria de Saúde do estado de São Paulo, sob o título *Educom.Saúde*, um curso *on-line* promovido, com o apoio de educadores da ABPEducom, destinado a profissionais de saúde de 100 municípios, com entre 50 mil e 100 mil habitantes, tendo como meta formar mobilizadores para a implementação de processos colaborativos, na base dos municípios, na defesa do bem-estar e do combate às endemias e à pandemia. Para ser viável, o curso foi planejado a partir do uso de uma plataforma virtual e, para ser eficaz, uma equipe de 17 especialistas soma seus esforços para dar uma assistência dialogante e individualizada, a cada um dos cursistas. É a Educomunicação convertendo-se em política pública na área da saúde, como já o tem sido na área da educação formal e em programas voltados para a sustentabilidade ou educação ambiental, em muitos municípios e estados brasileiros. Relembro tais dados para ressaltar a riqueza da práxis educacional, numa somatória entre prática e pesquisa, revelada nos capítulos do presente e-book, justamente denominado como “Polifonia e Alteridade”.

Ismar de Oliveira Soares é Presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais de Educomunicação.

Agradecimentos

*Este livro não teria sido possível sem o apoio e patrocínio da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sem a proposta da **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação** e sem os pesquisadores integrantes do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Educação, da Intercom.*

SUMÁRIO

Introdução	15
Cap. 1 - Os desafios do ensino remoto durante a pandemia: relatos das atividades do IFCE - Campus Acaraú	
Amaurícia Lopes Rocha Brandão	18
Cap. 2 - Mídia e Educação em tempos de Covid-19: relatos de professores do ensino fundamental na Rede de Educação Pública de Mato Grosso do Sul	
Cristinara Alves Rodrigues, Dalila Fernandes Vieira Sbardelotto, Michelle Araújo do Nascimento, Rose Mara Pinheiro.....	39
Cap. 3 - Aprendizados em tempos de pandemia: o desafio de professores da Educação Básica em ressignificar a sua didática e inovar suas práticas com o ensino remoto	
Suéller Costa	53
Cap. 4 - O potencial do podcast como dispositivo educomunicativo em prol da autonomia estudantil: um estudo de caso sobre sua utilização no ensino médio da Rede Pública em tempos de pandemia	
Filomena Maria Avelina Bomfim, Lucas Guimarães Resende, Silvia Cristina dos Reis	81
Cap. 5 - Desafios e oportunidades para o ensino superior presencial e on-line pós-pandemia global 2020: percepções dos alunos	
Dayse Maciel de Araújo	98
Cap. 6 - Comunicação e Educação a distância no contexto da pandemia	
Diva Souza Silva.....	115

Cap. 7 - Ações educacionais nos percursos de recepção das escolas e famílias com o ensino remoto	
Adriana Maria Santos de Almeida Campana, Edilane Carvalho Teles, Fernanda Lima Souza.....	128
Cap. 8 - Educomunicação em tempos de Coronavírus: interface Comunicação e Teologia	
Helena Corazza.....	148
Cap. 9 - O ensino de Jornalismo em tempos de pandemia: a Educação a Distância e o uso de tecnologias nas Instituições de Ensino Superior De Campo Grande (Ms)	
Caio Teruel, Marcele Aroca Camy, Naiane Gomes de Mesquita, Rose Mara Pinheiro, Thayná Rafaela de Oliveira	167
Cap. 10 - Alfabetização Midiática em telas: desenvolvimento de estratégias transmidiáticas em contexto de Infodemia	
Vanessa Matos dos Santos, Ignacio Aguaded.....	184
Sobre os Autores	201

INTRODUÇÃO

POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES PARA TECER O FUTURO

Os dez textos que compõem esta publicação foram especialmente produzidos por docentes e pesquisadores do Grupo de Pesquisa Comunicação e Educação da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) como forma de tentar responder a uma das necessidades que nos acomete a todos nesta pandemia da Covid 19: refletir sobre nossas práticas em um mundo reconfigurado pela emergência sanitária.

Seus integrantes, oriundos de instituições de ensino superior públicas e privadas e atuantes nas cinco regiões do país, dedicam-se aos estudos que apontam referenciais teóricos e metodológicos que permitem compreender os diálogos entre os processos comunicacionais e de ensino-aprendizagem existentes em espaços educativos formais, informais e não formais. No atual cenário de distanciamento e isolamento sociais, tais espaços estão tensamente fusionados, cada um em busca de seu próprio tempo. Difícil mapear essa paisagem, quanto mais interpretá-la à luz do que conhecemos mas não mais reconhecemos.

Assim, em meio a uma pandemia que corrói o mapa-múndi, aqui no Brasil pranteamos perdas afetivas misturadas a uma grande crise econômica, esgarçamento social e instabilidade política como há muito não se via. Não à toa, esta obra que ora vem se juntar à enciclopédia de saberes é material valioso porque propõe-se a registrar reflexões e experiências datadas no aqui e agora e fincadas no terreno fértil da interface Comunicação e Educação, da Educomunicação.

A ideia de um e-book temático nasceu por conta de duas demandas concomitantes: o edital Publica UFMS (nº01/2020), da Editora UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que incentiva e apoia a publicação de livros em formato digital por docentes e técnicos-administrativos

efetivos da Universidade, e do projeto *Lives Cátedra Intercom*, uma série de encontros em ambiente virtual como forma de manter ativas as discussões e produções dos Grupos de Pesquisa, além de oferecer um espaço de aprendizado e diálogo para pesquisadores, estudantes e profissionais da Comunicação durante o período de isolamento social. Entre os dias 5 de maio e 7 de julho de 2020 foram organizadas 19 *lives* em formatos variados (palestra, entrevista, mesa redonda, debate, conversa) propostas a partir do tema central do Congresso da Intercom 2020, adiado para dezembro: “Um mundo e muitas vozes: da utopia à distopia?”. As *lives* foram apresentadas ao vivo, sempre às terças e quintas-feiras, das 18h às 19h30.

A *live* do GP Comunicação e Educação ocorreu no dia 9 de junho com o tema “Polifonia e Alteridade: Comunicação e Educação em época de pandemia da Covid-19”, o mesmo que adotamos para nomear este e-book. Para compor o panorama das atividades educativas nas cinco regiões do país foram convidados oito colegas pesquisadores: Rosane Rosa, da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM (RS); Diva Souza Silva, Christiane Pitanga e Vanessa Matos dos Santos, da Universidade Federal de Uberlândia – UFU (MG); Sérgio Luiz Alves da Rocha, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ (RJ); Rita Argolo, da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC (BA); Cláudio Messias, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG (PB), e Will Montenegro, da Universidade do Amazonas – UNAMA (PA). Com mediação de Rose Mara Pinheiro, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS (MS), a atividade contou com a participação especial das duas maiores referências da área em nosso país: Ismar de Oliveira Soares e Adilson Citelli, ambos da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/USP. A série completa das *Lives Cátedra Intercom* está disponível nos canais oficiais da entidade no *Facebook*, *Instagram* e *YouTube*.

Os artigos que aqui compartilhamos, portanto, foram gestados neste contexto desafiador. São verdadeiros exercícios de pensar o futuro e tenta-

tivas legítimas de ressignificar o papel da escola, experimentar novas ambiências educativas, repensar o alcance estratégico do uso das tecnologias, rediscutir as práticas docentes e as metodologias. Também tratam de redescobrir a potência do afeto, do acolhimento e da solidariedade na experiência humana. Mas, sobretudo, apontam para a necessidade de reaproximar as políticas públicas de educação da importância que sempre tiveram na vida do país, assegurando autonomia intelectual, gestão e estrutura de trabalho e sólida formação acadêmico-científica.

Agradecemos a todos que participaram da construção desta obra que certamente ajudará a fortalecer nossas vivências educativo-comunicativas.

Boa leitura!

CAPÍTULO 1

OS DESAFIOS DO ENSINO REMOTO DURANTE A PANDEMIA: RELATOS DAS ATIVIDADES DO IFCE - CAMPUS ACARAÚ

Amaurícia Lopes Rocha Brandão

INTRODUÇÃO

Para alguns, 2020 seria o início da década de vinte do século XXI, outros afirmam ser em 2021, um hábito dos seres humanos de renovação da esperança a cada ciclo. Contudo, jamais se cogitou que no dia 11 de março de 2020, a síndrome respiratória aguda grave causada pelo novo coronavírus, SARS-COV-2, fosse considerada pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Até maio de 2020, registrava-se 6.411.023 contaminados, aproximadamente 3.000.000 recuperados e 385.000 mortos no mundo. No Brasil, têm-se 560.000 casos, sendo 240.627 recuperados e mais de 33.000 mortes (RASTREADOR DO COVID-19).

Para evitar o colapso do sistema de saúde, provocado pela alta taxa de disseminação da doença, as cidades foram obrigadas a adotar medidas de restrição para evitar aglomeração. Dependendo da incidência de casos em relação ao número de leitos de UTIs e respiradores mecânicos disponíveis, optou-se pelo isolamento social vertical ou horizontal e nos casos mais graves, *lockdown*.

Ao contrário de outras pandemias, esta é a primeira em que o mundo está conectado em rede. Em 2010, Eric Schmidt, ex-CEO da Google, pronunciou que “a cada dois dias geramos um volume de dados equivalente ao que criamos do início da civilização até 2003”. Esta circulação

exponencial de informações criada e compartilhada não apenas por seres humanos, mas por sistemas de inteligência artificial tem como impacto negativo a proliferação de *fake news* que contradizem o conhecimento científico, tornando-se prejudicial para o combate ao novo coronavírus.

Por outro lado, as Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs) expandem a noção de tempo e espaço e permitem a realização de atividades de forma remota, minimizando os prejuízos do distanciamento social provocado por uma pandemia na economia e na metodologia de ensino-aprendizado. Segundo dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), até o final do mês de abril deste ano, 191 países haviam determinado o fechamento de escolas e de universidades, atingindo 1,6 bilhão de crianças e jovens, equivalente a 90,2% de estudantes no mundo (BRASIL, 2020).

Entretanto, as desigualdades socioeconômicas no Brasil tornaram-se mais evidentes, com a exposição da exclusão digital, apenas 57% dos brasileiros possuem acesso à internet pelo computador e 97% dos acessos são via smartphone (IBGE, 2019). O que limita a adesão de discentes ao ensino remoto, paralelo a fatores emocionais e econômicos que interferem na concentração e qualidade de realização das atividades. Durante o acesso às mídias digitais os usuários, além do ensino remoto, são bombardeados pelo excesso de informações, em redes sociais e sites de notícias que compartilham conteúdos em tempo real, provocando insegurança diante a situação.

Neste cenário, este artigo tem como objetivo compreender as estratégias criadas para amenizar o impacto do ensino-aprendizagem durante a pandemia, por meio de relatos das atividades realizadas no IFCE - Campus Acaraú.

Utiliza a pesquisa-ação com base empírica, em que concepção e realização estão associadas a uma ação ou resolução de um problema coletivo em que pesquisadores e participantes atuam no contexto em

análise (THIOLLENT, 1986, p.14). A partir do método exploratório, por meio do levantamento bibliográfico, coleta de dados para o embasamento do estudo de caso, aprofundando uma realidade específica, o compartilhamento de experiências do ensino remoto durante a pandemia. A interpretação dos resultados será utilizada através da abordagem qualiquantitativa (GIL, 2008).

O referencial bibliográfico é composto pelos teóricos Preti (1996), Lister e Harnish (2011), a distinção entre os conceitos de ensino remoto e ensino a distância; Merchan Hamann; Costa (2016) e Rezende (2009), compreensão do histórico de pandemias; Sodré (2002), conceitos de mediatização e mediação; e análise da interação quase-mediada on-line, Thompson (2018). A coleta dos dados deu-se pelo envio de Formulário Google, com duas questões de múltipla escolha e uma pergunta subjetiva sobre ensino remoto e quarentena. O link gerado foi enviado pelo grupo de *WhatsApp* IFCE Acaraú, formado por 79 servidores. E pesquisa de dados secundários, divulgados pelo site da instituição, no período de 20 de março a 30 de maio.

Destaca-se o aumento de projetos submetidos no edital PIBIC 2020-2021, atuação no projeto de ações ao combate à Covid-19 com produção de máscaras *face shield*, doadas ao sistema de saúde de Acaraú, oferta de cursos de formação inicial continuada para o projeto de extensão FIC em casa, realização de aulas remotas para finalização do semestre letivo 2019.2, campanhas solidárias, entre outros.

As contribuições das mídias digitais para a realização de atividades remotas são um diferencial em relação a outras pandemias. Uma oportunidade de repensar os formatos do sistema educacional, enfatizando a relevância do uso da tecnologia no processo de ensino-aprendizado.

Breve histórico das pandemias

Carlos Magno, professor da faculdade de Medicina da Universidade Estadual Paulista (Unesp) e membro do grupo de contingência da Covid-19 no estado de São Paulo, explica no site da CNN Brasil (2020) a diferença entre os termos epidemia, “quando uma doença apresenta um crescimento abrupto, além do que é esperado” e pandemia, “uma epidemia de âmbito global. É a OMS quem determina se uma epidemia será chamada de pandemia, mas há um critério técnico: tem de haver transmissão ativa em pelo menos três continentes”.

O cenário de proliferação de uma epidemia é imprevisível, o controle e a prevenção, ainda, são as medidas mais indicadas. Contudo, a população mundial adaptou-se a estágios de pânico provocados pelo aumento de morbidade e mortalidade e de banalização, sobretudo, quando se trata de endemias e surtos. Estes descritos pelo professor Carlos Magno como “uma epidemia que acontece de maneira constante ao longo do tempo no mesmo local” e “uma epidemia de menor proporção, restrita a um só lugar, como um surto de gripe em uma casa de repouso, surto de uma bactéria em um hospital”, respectivamente.

Registros da primeira epidemia apontam surto de influenza, em Creta, na Grécia, no século V a.C. Os episódios têm evidência circunstancial e são relatados em escrituras religiosas, registros militares ou crônicas de época (COSTA; MERCHAN-HAMANN, 2016).

O morticínio sem paralelo da Peste Negra torna esta a mais trágica das epidemias. Em 1334, o número de mortes registrados na Mongólia e norte da China foi de cinco milhões, somado a 24 milhões nos países do Oriente. Em 1347, alcança a Crimeia, o arquipélago grego e a Sicília. Embarcações genovesas procedentes desta região aportam em Marselha, no sul da França no ano seguinte, dizimando maior parte da população em um ano. Acredita-se que a Europa tenha perdido um

terço da população nessa época (REZENDE, 2009). Resultou ainda em consequências sociais, demográficas, culturais, econômicas e religiosas. Algumas zonas rurais e urbanas foram despovoadas, famílias se extinguiram, propriedades foram abandonadas e a produção agrícola reduziu-se, provocando escassez de alimentos e bens de consumo. Como o empobrecimento da nobreza, fortalecendo a burguesia, que teve sua ascensão nesse período e a perda de poder do clero (MAJOR, 1954, p.341).

Dentre as doenças infecciosas a influenza destaca-se pelo potencial pandêmico, as registradas nos últimos três séculos aconteceram nos anos de 1889, 1918, 1957, 1968, 1977 e 2009. Sendo as maiores a Gripe Espanhola (1918-1920), a Gripe Asiática (1957-1960) e a de Hong Kong (1968-1969). Até a Gripe Russa (1977-1978), cada nova cepa pandêmica substituiu a anterior. A partir desta, são nomeadas pelos subtipos de vírus Influenza A (H1N1) e (H3N2) que cocirculam com cepas do vírus Influenza B de linhagens Victoria e Yamagata. (COSTA; MERCHAN-HAMANN, 2016).

Anterior ao desenvolvimento da atividade turística, a incidência de uma pandemia acontecia em períodos de conflitos bélicos, destaca-se a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), Guerra da Coreia (1950-1953), Guerra do Vietnã (1964-1973) e a ocupação soviética do Afeganistão (1979-1989).

A Gripe Espanhola é considerada a mais grave pandemia de influenza, o número de óbitos foi estimado entre 20 a 50 milhões de pessoas no mundo, mais que o dobro de mortes em quatro anos da Primeira Guerra Mundial, e um terço das ocorridas em seis séculos da Peste Negra. A pandemia de H1N1, em 2009, provocou entre 151.700 e 575.400 mortes (REZENDE, 2009).

Os principais fatores de contaminação são associados a ambientes propícios a fatores climáticos, aglomeração e ausência de protocolos de higiene, que não precisam ser rígidos, mas simples, como o hábito de

lavar as mãos com água e sabão. Enfatizando a importância e necessidade de ações educativas.

Ensino remoto é o mesmo que ensino a distância?

O desenvolvimento de tecnologias, sobretudo, as digitais, permite mudança no sentido da atividade laboral na contemporaneidade, deixando-se de enfatizar o “onde se vai trabalhar” para “o que se faz” (LISTER e HARNISH, 2011). A ressignificação da noção de tempo e espaço acarreta na economia da produtividade e impacta nas formas de sociabilidade. A internet permite a ampliação do conceito de local de trabalho, como a criação de coworking em shoppings e cafés, espaços que permitem o compartilhamento de local de trabalho por pessoas que não, necessariamente, realizam as mesmas atividades.

O trabalho remoto (*remote work*) é um processo de flexibilização e individualização do trabalho, que não deve ser confundido com a atividade autônoma, uma vez que existe relação contratual, em que os empregados se comunicam e colaboram por diferentes ferramentas tecnológicas (LISTER e HARNISH, 2011).

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) já registrava esse formato antes da pandemia em países como Alemanha, Argentina, Áustria, Bélgica, Canadá, Estados Unidos, Canadá, Portugal e Brasil. Empresas governamentais europeias utilizam o trabalho remoto desde os anos 1980, como medida de reduzir investimentos na mobilidade urbana, consequentemente, influenciando a redução do tráfego de veículos e da poluição. Permite ainda o encurtamento do “capital de talentos” e evita a migração de trabalhadores, impactando no mercado consumidor regional. Além disso, colabora com a redução de desemprego e o surgimento de subemprego, reforçando o aumento da produtividade e ajuda na economia do tempo (EUROPEAN COMMISSION, 2000).

No Brasil, a Lei n. 12.551/2011 altera o art. 6º da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) e equipara a vinculação jurídica do trabalho realizado presencialmente ao realizado a distância: “Não se distingue entre o trabalho realizado no estabelecimento do empregador, o executado no domicílio do empregado e o realizado a distância, desde que estejam caracterizados os pressupostos da relação de emprego”. O parágrafo único acrescenta: “Os meios telemáticos e informatizados de comando, controle e supervisão se equiparam, para fins de subordinação jurídica, aos meios pessoais e diretos de comando, controle e supervisão do trabalho alheio” (BRASIL, 2011).

Neste formato, a realização do ensino remoto dá-se com o estabelecimento da comunicação entre os dispositivos participantes. O IFCE Campus Acaraú optou pelo Google Sala de Aula e a utilização do *Google Meet* para atividades síncronas. Para isso, é imprescindível que docentes e discentes possuam internet com velocidade adequada para acessar as plataformas. Durante as aulas virtuais, avaliações devem ser realizadas para análise do progresso dos alunos e para conhecimento da eficiência e adequação das metodologias de ensino ao formato remoto.

Entretanto, deve-se compreender este formato que apresenta peculiaridades e não pode ser confundido com o ensino a distância (EaD), caracterizada pela separação física entre docente-discente que interagem por meio da utilização de tecnologias de informação e comunicação (TIC). Para Preti (1996), a evolução na estrutura das escolas e universidades atende às novas exigências educacionais e à crescente demanda da classe trabalhadora diante da evolução dos conhecimentos científicos e tecnológicos, exigindo mudanças em nível da função e da estrutura da escola e da universidade.

Regulamentada no Brasil pelo Decreto nº 5.622, art. 1º, o ensino EaD destaca a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem, por meio de TICs que promove a interação entre do-

cente e discente com atividades educativas em lugares ou tempos diversos (BRASIL, 2014).

Destaca-se que o ensino remoto surge como solução emergencial para a realização de atividades de maneira síncrona e assíncrona, adequando-se ao atendimento das necessidades dos usuários envolvidos neste processo.

Mediatização do ensino-aprendizagem

Castells (2002 apud MARTINO, 2015) aborda a coexistência entre novas tecnologias e a alteração de processos que modificam a distribuição e a capacidade de produção de bens e serviços. Destaca as revoluções tecnológicas após períodos de conflitos, como o surgimento da internet na década de 1960, resultante do desenvolvimento na área de inovação que se deu entre as duas guerras mundiais. Fator de reestruturação do capitalismo global, que estimulou uma sociedade capitalista e informacional, criando a cibercultura, conceituada como:

A reunião de relações sociais, produções artísticas, intelectuais e éticas dos seres humanos que se articulam em redes interconectadas de computadores, isto é, no ciberespaço. Trata-se de um fluxo contínuo de ideias, práticas, representações, textos e ações que ocorrem entre pessoas conectadas por um computador – ou algum dispositivo semelhante – a outros computadores. (MARTINO, 2015, p. 27).

Lévy (2003, p. 28) acrescenta que o ciberespaço permite interação e compartilhamento entre indivíduos a partir de dispositivos conectados à rede. “No mundo digital, a distinção do original e da cópia há muito perdeu qualquer pertinência. O ciberespaço está misturando as noções de unidade, de identidade e de localização”.

Severiano (2006) contextualiza esse processo como uma pseudo-indivuação, as inovações tecnológicas junto com as mídias digitais

cumprem papel de capital na integração universal, que corresponde simultaneamente à infraestrutura material como promoção e divulgação de bens simbólicos. A ampliação das formas de conexão entre os indivíduos provoca a horizontalidade e heterogeneidade da comunicação, cada ponto presente na rede estabelece interação com inúmeros outros descentralizados. A ocupação desses espaços segue em constante mutação, os dados armazenados em bancos de dados podem ser acessados pelos usuários a qualquer minuto.

Contudo, Han (2016) observa que a quantidade de conteúdos disponíveis não necessariamente está relacionada à qualidade das informações e à credibilidade das fontes. Ressalta que com o excesso a função de comunicar é substituída pelo ato de acumular. O acesso às tecnologias da informação e comunicação proporciona a reconfiguração social, que implica em constante transformação econômica, política e sociocultural. Assim, a compreensão da configuração social determina as teorias comunicacionais a cada época, como é o caso da midiatização da contemporaneidade.

Conceituada por Sodré (2002) como processo informacional de comunicação realizado pela mediação, que dependente das organizações, enfatizado por um tipo específico de interação, a tecnointeração é caracterizada pelo médium. Por mediação, entende-se toda e qualquer cultura influenciada pela simbologia e significação das ações provocadas pelas mídias e a interação entre os indivíduos.

A teoria interacional da mídia é estudada por Thompson (2018), pela análise do impacto dos meios de comunicação relacionado ao tipo de ação e interação criadas entre o dispositivo e o usuário. No livro *A mídia e a modernidade*, Thompson (1998) distingue três tipos de interação, a primeira é a face a face, ocorre no contexto de copresença, em que interlocutores dividem o mesmo espaço-tempo. Por isso, apresenta caráter dialógico, com fluxo bidirecional de informação e comunicação, complementada pela capacidade de multiplicidade de sinais simbólicos,

que auxilia no entendimento da fala, por meio de gestos e expressões faciais, cheiros e toques e sons e sinalizações visuais.

A interação mediada é a comunicação realizada com o auxílio de um dispositivo, como o caso de uma chamada telefônica ou envio de e-mail. A interação é permitida mesmo quando os participantes não compartilham de um espacial-temporal comum, limita o caráter dialógico pela ausência de trocas simbólicas. E a quase-interação mediada, identificada pela extensão das relações sociais no espaço e no tempo. Ao contrário das anteriores, possui caráter monológico, marcada pela comunicação de fluxo unidirecional e orientada pelo espectro indefinido de potenciais destinatários. O envolvimento com a mídia dá-se durante o consumo do conteúdo produzido pela mídia, como a relação dos consumidores de conteúdos através de mídias como a televisão, o rádio, o jornal, a revista etc (THOMPSON, 2018, p. 19).

A conexão em redes permite a interação mediada on-line, nesta existe a possibilidade de estabelecimento de diálogo e espectro definido de receptores, com o auxílio de algoritmos, característica que a difere da interação quase-mediada. Característica que a difere da interação mediada, já que os dispositivos em rede geram multiplicidades de conexões entre os destinatários, que podem compartilhar as mensagens ao ponto de dificultar o reconhecimento da origem do conteúdo (THOMPSON, 2018, p. 20).

No contexto do ensino, as mediações coexistem, a interação face a face é a mais comum no ensino presencial. A interação mediada com a troca de e-mails informativos e atividades que promovem a quase-interação mediada por meio da utilização de meios de comunicação, como a criação de jornais estudantis, rádios e televisões universitárias. Apesar de não ser exclusividade do ensino remoto, a interação mediada on-line se tornará prioridade durante a suspensão das aulas presenciais. Como forma de não comprometer o processo de ensino-aprendizado, é interessante a produção de conteúdos que estimule e alcance os objetivos das disciplinas.

Peirce (1995) apresenta três dimensões da mediação comunicacional: estética, ética e lógica. A dimensão estética descrita como ciência normativa, caracteriza-se pela composição do conceito subjetivo de belo. Os estudos de Perez; Trindade (2019, p. 115-119), apesar da abordagem mercadológica, no caso do ensino permitiria a compreensão na produção de conteúdos para o ensino remoto. Considerando as ferramentas utilizadas pelo docente a fim de deter a atenção do aluno diante das várias distrações ofertadas pelo ambiente virtual. Desta forma, faz-se necessária a inserção de formas e conteúdos com soluções criativas, explorando cores, efeitos 3D, recurso disponível no *Powerpoint*.

Além de apelos nostálgicos que despertem a lembrança do aluno pela vivência de momentos no ambiente escolar durante as aulas presenciais, estabelecendo a relação com os conteúdos de forma interdisciplinar, transdisciplinar e multidisciplinar. As tecnologias digitais também permitem a utilização de vários aplicativos e softwares que permitem a complementação da explicação, como utilização de vídeo do YouTube, o Prezi para a criação de vídeo-aulas interativas e recursos de gamificação.

A dimensão ética, ciência ação ou da conduta, envolve os processos produtivos dentro da legalidade, seleção de insumos e consideração das relações de trabalho envolvidas. Adaptado ao ensino remoto, o docente deve ser mais atencioso e criterioso em relação às referências, sobretudo às imagens utilizadas em slides e vídeos compartilhados. Atendendo-se às normas de direitos autorais e citações, como a busca em sites de domínio público (PEREZ; TRINDADE, 2019, p. 119-121).

E a dimensão lógica, na concepção de Peirce (1995) é chamada de semiótica, permite a classificação e descrição de signos vinculados à ideia de raciocínio, interpretação e representação, subdividida em lógica da produção, do mercado e negócios e de formação e pesquisa (PEREZ; TRINDADE, 2019, p. 121-123). Para o ensino remoto, aplica-se a formação e pesquisa, o aprendizado do aluno deve ser avaliado, desde a compreensão das metodologias utilizadas pelo docente.

No livro *Dos meios às mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia* (1997, p. 16), Martín-Barbero afirma que “a comunicação se tornou mais uma questão de mediação, questão de cultura e, portanto, não só de conhecimento, mas, de re-conhecimento”. A concepção barberiana compreende a recepção midiática como processo de interação não apenas entre os indivíduos, mas, sobretudo, as trocas simbólicas existentes no contexto que estes indivíduos se encontram. A chamada “mediações comunicativas da cultura” são compostas de ação da tecnicidade, relacionada às tecnologias da informação e comunicação; a institucionalidade, crescente dos meios como instituições sociais; a sociabilidade, as atitudes cotidianas de todos os sujeitos sociais em negociações; e as novas ritualidades vinculadas aos novos formatos industriais advindos da tecnicidade (COSTA, 2015, p. 150-151).

Para Sousa (2006), o contexto sociocultural, advindo das relações econômicas da reestruturação capitalista, as novas relações sociais estabelecidas pela tecnologia e a transformação da relação entre a escola e a comunicação, exige a ressignificação do processo de ensino-aprendizado. O espaço escolar é reconhecido como agente hegemônico da escrita, saber e razão. Porém, ao insistir na manutenção de uma metodologia não compatível às novas tecnologias de comunicação e informação, torna-se espaço de rejeição quando comparado a outras formas de aquisição do conhecimento.

O jovem contemporâneo sempre conectado não faz distinção entre a noção de on-line e off-line, que se intercomunicam. Citelli (2012) discute a relação comunicação e educação, um desafio cultural visível a cada dia, identificado pelo distanciamento entre o ensino em sala de aula, que coloca o docente como detentor do conhecimento e o conhecimento obtido por meio de outros dispositivos, diante da quantidade de informação disponível na internet. Para o autor, a escola pode e deve incorporar os recursos tecnológicos digitais ou não, como maneira de estimular

o aluno ao protagonismo e ao interesse pela assimilação no processo de ensino-aprendizado.

Tecnologias e conexão: desafios e oportunidades no ensino remoto

No dia 17 de março deste ano, após a suspensão das atividades não essenciais pelo governo do estado, as atividades presenciais no IFCE – Campus Acaraú foram interrompidas. A instauração de um clima de incertezas, devido ao crescente número de infectados e de mortes provocadas pelo coronavírus, é manifestada pelos servidores e discentes.

Desta forma, com intuito de amenizar os impactos negativos provocados pela suspensão do ensino presencial, coordenações de cursos, pesquisa e extensão convocaram reuniões para padronizar e garantir ações, estabelecendo o trabalho remoto. Ao mesmo tempo, a reitoria coordenava programas a serem realizados em conjunto com todos os campi.

O programa de Ações no combate à Covid-19 possui projetos em todo o Ceará. As ações são destinadas para a criação de produtos para o setor econômico, produtos para área da saúde, serviços de comunicação, produção de álcool em gel, criação de *software* para saúde e para economia, fabricação de respiradores e impressão de *face shields*, com a utilização de impressora 3D. Este último, com participação do Campus Acaraú (PRPI; IFCE, 2020).

O projeto de extensão FIC em Casa oferta cursos de formação inicial continuada à comunidade externa. Disponibilizados no site Google Sala de Aula ou pela plataforma Moodle do IFCE, já utilizada pelos cursos de educação a distância ofertados pela instituição. No campus Acaraú os cursos ofertados foram: Produção de Eventos On-line, Lógica Básica para Informática e Introdução à Educação Financeira.

O IFCE Solidário, campanha institucional para arrecadação de fundos e materiais de higiene e limpeza, em parceria com a Cáritas Brasileira – Regional Ceará, organização não governamental com atuação em todas as regiões cearense (IFCE, 2020a).

A criação do Comitê de Enfrentamento ao Coronavírus no combate à pandemia até o dia 30 de abril de 2020 havia realizado seis reuniões, com atas disponíveis no site. As ações de enfrentamento estão de acordo com as orientações do Ministério da Educação e Ministério da Saúde. Dentre as medidas, destacam-se:

- Promover iniciativas educativas sobre higiene de mãos e etiqueta respiratória (conjunto de medidas comportamentais que devem ser tomadas ao tossir ou espirrar);
- Estimular a higienização das mãos com água e sabonete líquido e/ou preparações alcoólicas, provendo, conforme as possibilidades, lavatório/pia com dispensador de sabonete líquido, suporte com papel toalha, lixeira com tampa com acionamento por pedal e dispensadores com preparações alcoólicas para as mãos (álcool em gel), em pontos de maior circulação, tais como: recepção, corredores de acessos às salas de aulas e refeitórios;
- Estimular o uso de lenços de papel, bem como seu descarte adequado;
- Realizar a limpeza e desinfecção das superfícies das salas de aula e demais espaços (cadeiras, mesas, aparelhos, bebedouros e equipamentos) após o uso. Preconiza-se a limpeza das superfícies, com detergente neutro, seguida de desinfecção (álcool 70% ou hipoclorito de sódio);
- Evitar compartilhamento de copos/vasilhas;

- Estimular o uso de recipientes individuais para o consumo de água, evitando o contato direto da boca com as torneiras dos bebedouros;
- Manter os ambientes arejados por ventilação natural (portas e janelas abertas);
- Evitar atividades que envolvam grandes aglomerações em ambientes fechados, durante o período de circulação dos agentes causadores de síndromes gripais, como o novo coronavírus (Covid-19);
- Manter a atenção para indivíduos (docentes, discentes e demais profissionais) que apresentem febre e sintomas respiratórios (tosse, coriza, etc.). Orientar a procura por atendimento em serviço de saúde e, conforme recomendação médica, manter afastamento das atividades;
- Comunicar às autoridades sanitárias a ocorrência de suspeita de caso(s) de infecção humana pelo novo coronavírus (Covid-19) (IFCE, 2020b).

Os eventos on-line realizados pelo campus Acaraú são: Seminário de Aquicultura, I Torneio Xadrez On-line dos Vales do Curu e Baixo Acaraú, Semana de Formação em Atividades Remotas para os servidores, *lives* no *Instagram* realizada pela equipe de comunicação social todas as segundas-feiras, entrevistando direção geral, direção de ensino, coordenação de pesquisa, coordenação de extensão e docentes. As palestras on-line *Narrativas sobre o racismo: um olhar sobre o racismo no Brasil e Bate papo racial* no Brasil, o mito da democracia racial, organizadas pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI). Realização do curso Soluções biotecnológicas aplicadas às ações de enfrentamento à Covid-19, criado pelo Laboratório de Tecnologia Educacional e Bioinformática (LaTEB) e o lançamento do e-book *Guia prático em educação socioambiental*. Ações da Coordenadoria de Atendimento Estudantil, que promove atendimento psicológico e manutenção do auxílio

estudantil. Campanha solidária destinada à comunidade quilombola do Córrego dos Iús, em Acaraú (IFCE, CAMPUS ACARAÚ, 2020).

Simultaneamente, realiza-se planejamento para amenizar possíveis transtornos pelo ensino remoto, sobretudo, os resultantes da dificuldade de acesso à internet declarada por muitos discentes no questionário enviado pela direção de ensino. Em maio, oferta-se a primeira turma, destinada aos alunos concludentes do semestre 2019.2. Observou-se baixa adesão, como ocorrido no Curso Técnico em Eventos, em que apenas um aluno foi de acordo, o ensino remoto deu-se pelo Google Sala de Aula e Google Meet. No dia 08 de junho, deu-se início a segunda turma e, após a conclusão do processo de licitação de chips que serão disponibilizados aos discentes sem acesso à internet, será iniciada a terceira turma. Em julho, conforme previsto no calendário letivo anual, o período de férias está mantido. A previsão de início do semestre 2020.1, ainda de forma remota, será em agosto do ano corrente.

A adaptação dos discentes a este formato foi analisada por meio de questionários com perguntas objetivas e subjetiva, criado na extensão Formulário Google e enviados aos os servidores do campus Acaraú através do grupo do aplicativo *WhatsApp*. A primeira pergunta, de múltipla escolha, questiona os principais desafios para a realização do trabalho remoto. As respostas obtidas foram: 63,6% afirmam dificuldade em conciliar o ensino remoto com as atividades domésticas; 63,3% acreditam que o período de pandemia está interferindo na capacidade de concentração; 54,5% precisam dividir atenção entre atividades de ensino remoto e cuidado com as crianças em casa; 54,5% não conseguem estabelecer uma rotina; 36,4% afirmam falta de domínio com as tecnologias digitais; 36,4% relatam problema de saúde; 27,3% apontaram a sensação de insegurança; e nenhum dos participantes escolheu a opção ausência de problemas.

Sobre as atividades realizadas, as respostas foram: 90,9% estão atuando no ensino remoto; 90,9% participam de reuniões, 27,3% ministram curso de extensão no projeto Fic em casa; 18,2% continuam com

atividades de grupo de pesquisa; 18,2% realizam lives; 9,1% desenvolvem atividade de laboratório; 9,1% estão aproveitando para atualizar o Projeto de Plano de Curso e o Plano de Unidade Didática; 0% participa do projeto combate à Covid-19. Apenas uma pessoa compartilhou sua experiência, ao afirmar:

“sinto angústia ao tentar conciliar tudo ao mesmo tempo, e isso piora quando tomo conhecimento de pessoas próximas adoecendo por Covid”.

Apesar dos inúmeros desafios que os docentes enfrentam durante a pandemia e a adaptação ao ensino remoto, percebe-se os questionamentos sobre a reformulação do ensino associado às tecnologias de informação e comunicação. Desta forma, seria esta a oportunidade de uma revisão metodológica, a partir de práticas pedagógicas que atendam a necessidades reais da comunidade.

Considerações finais

Anteriormente à pandemia da Covid-19, inúmeros são os estudos sobre a relação entre o processo de ensino-aprendizagem e as tecnologias de informação e comunicação. A interação mediada on-line permite o direcionamento a conteúdos relacionados com as ementas das disciplinas através da utilização de ferramentas digitais que possibilitem maior interação entre discente e docente.

A primeira pandemia hiperconectada traz reflexões quanto à forma de execução das atividades, como o ensino remoto, cujas dificuldades de realização apresentadas decorreram da exclusão digital no país. A maioria dos discentes com acesso identificou-se com o formato que permite um dinamismo no ensino.

Assim, é necessário repensar as metodologias de ensino, por meio da inserção da educomunicação, já que a epidemia da desinformação está entre as mais prejudiciais à existência humana.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor Wiesengrund. Teoria da semicultura. Educação e sociedade, v. 56, Ano XVII, 1996. Disponível em: <http://planeta.clix.pt/adorno/>. Acesso em: 12 mai 2020.

BATES, Anthony William Tony. Educar na era digital: design, ensino e aprendizagem. São Paulo: Artesanato Educacional, 2016.

BRASIL. Lei n. 12.551, de 15 de dezembro de 2011. Diário Oficial da União. Brasília, 16 dez. 2011. Seção 1. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/12551.htm. Acesso em: 20 mai 2020.

BRASIL. CNE aprova diretrizes para escolas durante a pandemia. Ministério da Educação. 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article/12-noticias/acoes-programas-e-projetos-637152388/89051-cne-aprova-diretrizes-para-escolas-durante-a-pandemia?Itemid=164>. Acesso em: 20 mai 2020.

BRASIL. Decreto nº 5.622 de 19 de dezembro de 2005. Ministério da Educação. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/dec_5622.pdf. Acesso em: 03 jun 2020.

CITELLI, Adilson Odair. Inflexões Educomunicativas. Comunicação & Educação. São Paulo: Paulinas, v. 17, n.1, p. 7-12, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v17i1p7-12>. Acesso em: 06 jun 2020.

CNN BRASIL. Qual a diferença entre epidemia e pandemia? Saúde. São Paulo, 12 março de 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/03/12/qual-a-diferenca-entre-epidemia-e-pandemia>. Acesso em: 06 jun 2020.

COSTA, Elisângela Rodrigues da. Midiatização da escola: discurso e prática. Parágrafo, São Paulo, v. 3, n.1, p.149-156, 2015. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/reicofi/issue/view/44>. Acesso em: 06 jun 2020.

COSTA, Lígia Maria Catarino da; MERCHAN-HAMANN, Edgar. Pandemias de influenza e a estrutura sanitária brasileira: breve histórico e caracterização dos cenários. *Pan-Amazônica de Saúde, Ananindeua (PA)*, v. 7, n.1, p. 11-25, 2016. Disponível em: <http://scielo.iec.gov.br/pdf/rpas/v7n1/v7n1a02.pdf>. Acesso em: 23 mai 2020.

CUNHA, Paulo Arns da. A pandemia e os impactos irreversíveis na educação. *Educação*, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2020/04/15/pandemia-educacao-impactos/>. Acesso em: 20 mai 2020.

CUSTÓDIO, Simone Guimarães et al. O papel do tutor na humanização da aprendizagem na educação a distância. *EaD em Foco*, Rio de Janeiro, v. 9, e767. 2019. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/767>. Acesso em: 20 mai 2020.

EUROPEAN COMMISSION. Benchmarking progress on new ways of working and new forms of business across Europe. *ECaTT final report 2000*. Bruxelas: IST, 2000.

FONSECA, Cláudia Chaves. Por uma pedagogia da notícia: o conceito de comunicação em Paulo Freire. *Mediação*, Belo Horizonte, v. 20, n. 27, p. 73-87, jul./dez. 2018. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/6572/0>. Acesso em: 13 mai 2020.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HAN, Byung-Chul. *No enxame: Reflexões sobre o digital*. Lisboa: Relógio D'Água, 2016.

INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ; PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E INOVAÇÃO. Ação de combate ao COVID-19. Disponível em: <http://prpi.ifce.edu.br/nl/MenuCovid19/>. Acesso em: 05 jun 2020.

INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ; PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E INOVAÇÃO. Instituto lança campanha para arrecadar doações. Disponível em: <https://ifce.edu.br/noticias/noticias-de-destaque/instituto-lanca-campanha-para-arrecadar-doacoes>. Acesso em: 05 jun 2020a.

INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ; PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E INOVAÇÃO. IFCE contra o Coronavírus. Disponível em: <https://ifce.edu.br/comunicacaosocial/recomendacoes-sobre-o-novo-coronavirus-covid-19>. Acesso em: 05 jun 2020b.

INSTITUTO FEDERAL DO CEARÁ; PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E INOVAÇÃO. CAMPUS ACARAÚ. Disponível em: <https://ifce.edu.br/acarau/colecoes/noticias>. Acesso em: 05 jun 2020.

KARPINSKI, Josiani Aparecida et al. Fatores críticos para o sucesso de um curso em EAD: a percepção dos acadêmicos. Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP, v. 22, n. 2, p. 440-457, jul. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/aval/v22n2/1982-5765-aval-22-02-00440.pdf>. Acesso em: 20 mai 2020.

LÉVY, Pierre. Que é o Virtual? São Paulo: Editora 34, 2003.

LISTER, Kate; HARNISH, Tom. The State of Telework in the U.S. – How Individuals, Business, and Government Benefit, 2011.

MAJOR, Ralph H. A History of Medicine. Oxford: Blackwell Scientific Publications, 1954.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Teoria das Mídias Digitais. Petrópolis: Vozes, 2015.

MELLO, Álvaro. Teletrabalho (telework): o trabalho em qualquer lugar e a qualquer hora. São Paulo: Qualitymark, 2000.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE; ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Folha informativa – COVID-19. 28 de maio de 2020. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:covid19&Itemid=875. Acesso em: 01 jun 2020.

PEREIRA, Rosane da Conceição. Construção da Metodologia Científica em Comunicação Social: o atual levantamento da referência. Ensino, Educação e Ciências Humanas, Londrina, v.12, n.1, p. 53-56, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.17921/2447-8733.2011v12n1p%25p>. Acesso em: 20 mai 2020.

PEREZ, Clotilde; TRINDADE; Eneus. Três dimensões para compreender as mediações comunicacionais do consumo na contemporaneidade. Matrizes, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 109-126, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v13i3p109-126>. Acesso em: 06 jun 2020.

PRETI, Oreste. Educação a distância: uma prática educativa mediadora e mediatizada. Cuiabá: NEAD/ IE –UFMT, 1996.

RASTREADOR DO COVID-19. Disponível em: bing.com/covid/local/brazil. Acesso em: 01 jun 2020, às 17h55 (A).

REZENDE, Joffre Marcondes de. As grandes epidemias da história. In: À sombra do plátano: crônicas de história da medicina. São Paulo: Editora Unifesp, 2009. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/8kf92/pdf/rezende-9788561673635-08.pdf>. Acesso em: 02 jun 2020.

SARAIVA, Karla Shuck. Educação a distância: outros tempos, outros espaços. Ponta Grossa: UEPG, 2010.

SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira. Pseudo-individação e homogeneização na cultura do consumo: reflexões críticas sobre as subjetividades contemporâneas. Estudos e Pesquisas em Psicologia (Online). Rio de Janeiro, n. 2, v. 6, 2006.

SOBRATT – Sociedade Brasileira de Teletrabalho e Teleatividades. Disponível em: <http://www.sobratt.org.br/diretrizes.html>. Acesso em: 02 jun 2020.

SODRÉ, Muniz. Antropológica do Espelho: Uma Teoria da Comunicação linear e em rede. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002.

SOUSA, Mauro Wilton de. (Org.). Recepção mediática e espaço público: novos olhares. São Paulo: Paulinas, 2006.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

THOMPSON, John B. A interação na era digital. Matrizes. São Paulo, v. 12 n. 12, p.17-44, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i3p17-44>. Acesso em: 03 jun 2020.

THOMPSON, John B. A Mídia e a Modernidade. Uma teoria social da mídia. Petrópolis (RJ): Vozes, 1998.

CAPÍTULO 2

MÍDIA E EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE COVID-19: RELATOS DOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL NA REDE DE EDUCAÇÃO PÚBLICA DE MATO GROSSO DO SUL

Cristinara Alves Rodrigues, Dalila Fernandes Vieira Sbardelotto,
Michelle Araújo do Nascimento, Rose Mara Pinheiro

INTRODUÇÃO

As atividades sociais passam por um período de transformação. O que antes se apresentava como um desafio controlado em sala de aula – o uso da tecnologia nas atividades com os alunos – agora se torna uma realidade que não pode ser ignorada diante da pandemia de coronavírus (Covid-19), que assolou o mundo inteiro.

Por força de decretos e normativos, a fim de se evitar a disseminação da doença, escolas fecharam as salas de aula. Os professores, então, tiveram de adaptar suas rotinas e passaram a dar suas aulas remotas por meios de dispositivos e plataformas digitais. Os alunos precisaram se adaptar a essa nova realidade aprendendo a fazer uso dos meios disponíveis para receber conteúdo ministrado pelos professores.

Ao longo das reflexões propostas neste artigo e diante da urgência que o isolamento social impôs a toda a sociedade brasileira (e mundial), está sendo possível repensar a educação bancária, mesmo que compulsoriamente. As observações aqui descritas pairam sobre os professores e coordenadores pedagógicos do Ensino Fundamental da Rede Pública de Ensino Municipal de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Desde 2015, a Secretaria Municipal de Educação vem promovendo

ações para a formação em Educomunicação para os professores, que em 2019 já havia se intensificado, estendendo-se a todos os professores que optarem pela prática educ comunicativa para o uso de meios e linguagem de comunicação em sala de aula.

Fundamento contido na Resolução CNE/CEB nº 7, de 14/12/2010, que fixa diretrizes curriculares nacionais para o Ensino Fundamental de nove anos, assegura ser dever do Estado garantir a oferta de ensino fundamental público, gratuito e de qualidade, sem requisito de seleção. A educação de qualidade entendida como direito fundamental, deve ser relevante, pertinente e equitativa, sendo que a

equidade alude à importância de tratar de forma diferenciada o que se apresenta como desigual no ponto de partida, com vistas a obter desenvolvimento e aprendizagens equiparáveis, assegurando a todos a igualdade de direito à educação (BRASIL, 2010, s. p.).

A partir dos relatos e experiências dos professores que participaram dessa sondagem, realizada por entrevista, pretende-se levantar pistas que indiquem se o ensino remoto que tem sido oferecido para os alunos assegura de fato o direito previsto na Resolução citada, de forma que garanta educação de qualidade e equitativa nessas novas condições adotadas em razão da pandemia da Covid-19.

Para contribuir na compreensão do desenvolvimento da educação mediada por novas tecnologias, vamos delinear os conceitos de Mídia-educação e Educomunicação, em que os dispositivos tecnológicos de comunicação se constituem como novos modos de aprendizado escolar.

A partir das ideias de Ismar de Oliveira Soares, exploramos como o conceito de Educomunicação dialoga com as tecnologias na educação do Ensino Fundamental. A seguir, tomamos conhecimento de fragmentos dos relatos dos professores entrevistados, em relação aos con-

ceitos de Educomunicação e Mídia-educação que estão sendo aplicados no ensino remoto aos alunos do Ensino Fundamental da rede municipal de Campo Grande, MS.

Mídia-educação

Ainda que praticamente onipresente, a mídia ainda não ocupa lugar de destaque na formação profissional básica dos professores e tampouco alcança os conteúdos escolares no Brasil como era de se esperar. Uma das premissas da Mídia-educação se constitui da necessidade de oferecer formação em novas tecnologias de informação e comunicação para as novas gerações. Dentre as práticas nos campos da comunicação e educação, a mídia-educação, ou *Media Literacy*,

é conceituada como as atividades capazes de desenvolver nos cidadãos habilidades específicas para acessar, analisar, produzir informação, ter capacidade de argumentar e saber como influenciar leitores ativos das mídias, a fim de torná-los cidadãos mais participativos, críticos e conscientes (ANDRELO E OLIVEIRA, 2012, p. 102).

Neste aspecto, a Mídia-educação é uma competência a ser desenvolvida dentro da sala de aula, com o objetivo de estimular nos alunos uma visão crítica acerca dos meios de comunicação, tornando-os familiares às novas tecnologias e adquirindo capacidade de operacionalizá-los de forma responsável. Cada vez mais presentes nas rotinas dos cidadãos, os dispositivos tecnológicos adquirem, aos poucos, um caráter de indispensabilidade para se tornar parte integrada à sociedade. Para Bévort e Belloni (2009), as mídias

são, portanto, extremamente importantes na vida das novas gerações, funcionando como instituições de socialização, uma espécie de “escola paralela” mais interessante e atrativa que a instituição escolar, na qual

crianças e adolescentes não apenas aprendem coisas novas, mas também, e talvez principalmente, desenvolvem novas habilidades cognitivas, ou seja, “novos modos de aprender”, mais autônomos e colaborativos, ainda ignorados por professores e especialistas (BÉVORT; BELLONI, 2009, p. 1083-1084).

Na sociedade contemporânea, em que os dispositivos tecnológicos estão mais presentes nas rotinas do cotidiano, é mais que necessário uma alfabetização tecnológica dentro das escolas. O ensino do manuseio e impacto desses dispositivos e seus variados usos contribui na compreensão do alcance dos meios de comunicação bem como estimula nos alunos o uso da tecnologia como forma de participação nos espaços digitais – uma participação que seja construída de forma responsável e crítica. Incentivar a participação dos alunos como criadores permite que eles avancem do papel de consumidores passivos para protagonistas, pois “estudar não é um ato de consumir ideias, mas de criá-las e recriá-las” (FREIRE, 1982, p. 9).

O acesso aos dispositivos tecnológicos e à rede mundial de computadores é outro obstáculo enfrentado pelos alunos na aquisição de conhecimento sobre mídia. Segundo dados da Cetic (Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação) da Unesco, na pesquisa Tic Kids Brasil (2018a), que levanta e divulga evidências sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no país, 11% da população entre 9 e 17 anos não é usuária da internet, o que equivale a 4,8 milhões de crianças e adolescentes.

Em meio à pandemia da Covid-19, essa exclusão digital fica mais evidente, expondo a desigualdade de acesso à educação e ao ensino remoto, que não chegam a todos os lares brasileiros.

Educomunicação e Tecnologia

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o ensino de nove anos, aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação em 2010,

afirmam ser importante a escola valer-se de recursos midiáticos, além de ser igualmente fundamental submetê-los aos seus próprios propósitos educativos. Como meta número 2, o mesmo documento propõe que a escola passe a adotar recursos tecnológicos como instrumentos relevantes no processo de aprendizagem (SOARES, 2015).

Ainda, sobre as Diretrizes, Soares afirma que o Ministério da Educação (MEC)

propõe que a comunicação não seja apenas objeto de observação e de análise crítica, mas que esteja efetivamente integrada à área de conteúdos, no currículo. Podemos considerar essa como a meta educacional número 5 do programa governamental, que se traduz na inserção da comunicação como eixo transversal a todo o processo educativo. (SOARES, 2015, p. 9)

A formação do professor passa, então, pelo desafio do conhecimento sobre as novas tecnologias e também as práticas educacionais. Na meta número 6, as Diretrizes prevêm que o professor passe por formação adequada para o uso dessas tecnologias e que sejam provisionados recursos midiáticos atualizados e em quantidade que atenda aos alunos.

O desafio do professor é múltiplo durante a pandemia, quando precisa se adaptar às novas tecnologias de ensino em uma situação não planejada, atender aquele aluno que também não estava habituado às aulas remotas e ainda fazer uso dos preceitos educacionais, integrando o aluno no processo educacional por meios dos dispositivos digitais.

Preocupação já levantada por Soares (2011), quando cita uma pesquisa norte-americana que aponta o aumento da educação a distância nas próximas décadas, e a inquietação das autoridades e centros de pesquisas, colocando entre as questões em discussão a perda do controle sobre a educação por parte de seus principais agentes, os professores e alunos. “É tão urgente quanto necessária a compreensão correta da tec-

nologia, a que recusa entendê-la como obra diabólica ameaçando sempre os seres humanos ou a que perfila como constante a serviço de seu bem-estar” (FREIRE, 1997, p.20).

A compreensão correta sobre a tecnologia, um entendimento já destacado por Paulo Freire há anos e que deveria estar em aplicação nas escolas do país, a tornaria um processo amadurecido de implantação, mas encontra agora um desafio de execução acelerada como a única possibilidade para professores, alunos e pais.

Desafios dos Professores

Os professores do Ensino Fundamental da Rede Pública Municipal de Campo Grande (MS) abrem discussões a respeito da importância da mídia na escola, especialmente na relação professor e aluno e sua contribuição para um reposicionamento das práticas de ensino e na construção de um sentido menos secundário das mídias no ambiente escolar.

A quantidade pura e simples de informações transmitidas pela imprensa, revistas, filmes, rádio e televisão excede, de longe, a quantidade de informações transmitidas pela instrução e textos escolares. Esse desafio destruiu o monopólio do livro como auxiliar de ensino e abriu brechas nas próprias paredes da aula, tão de súbito que ficamos confusos, desconcertados. (CARPENTER; MCLUHAN, 1980, p.18)

Durante a pandemia de coronavírus que atingiu todo o planeta a discussão da urgência da alfabetização midiática é retomada em sentido amplo. Mas “não basta multiplicar as formas de comunicação, também é preciso a compreensão” (MORIN, 2002, p. 43). Neste sentido, faz-se necessária a reflexão sobre esse processo e seus impactos no ensino tradicional.

Nesta pesquisa ouviu-se professores do Ensino Fundamental da rede pública municipal de Campo Grande (MS), reflexões sobre suas

experiências durante as atividades escolares no período da pandemia de Covid-19, referente ao primeiro semestre de 2020. De modo a garantir o anonimato dos professores, a identificação é feita pelas iniciais dos nomes.

Aprendendo a Aprender no Digital

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) podem auxiliar os professores, que são peças fundamentais na gestão da educação, a transmitir a informação de uma forma mais dinâmica, veloz e interessante. Mas a aprendizagem tanto dos alunos quanto dos professores no manuseio das ferramentas de TICs foi desafiadora, como afirma a professora de Ensino Fundamental II:

“Alunos e professores estão aprendendo a aprender, muita novidade tecnológica em seu cotidiano em curto espaço de tempo” (ACG).

Apesar das dificuldades de aprendizagem tecnológicas do momento, os docentes e discentes da rede pública municipal de Campo Grande (MS) têm alta adesão ao novo formato de aulas 100% on-line:

“Conseguimos uma adesão de mais de 70% dos alunos e 100% dos professores da escola. 30% dos alunos que não participam das aulas relatam não ter internet ou por falta do computador” (RLD).

O ato de ensinar e aprender simultaneamente proporcionado pelo momento leva o professor aos desafios de ser agente de mudança ativo em constante formação.

“A pandemia trouxe uma maneira diferente de ensinar e aprender. Está sendo um momento de reinventar enquanto professor e estudante” (NAD).

Em relação à educação, acredita-se que as possibilidades interativas e participativas da mídia digital transcendam as limitações da mídia “de massa”, que é hierárquica e vai de cima para baixo; e que, portanto,

essas possibilidades poderiam enfraquecer a autoritária “política do conhecimento”, como é chamada na pedagogia tradicional. O potencial que a mídia digital oferece aos estudantes para que se tornem criadores – ao invés de “consumidores” do conhecimento – é considerado por alguns como algo quase revolucionário (BUCKINGHAM, 2012, p. 41).

A situação excepcional evidenciou uma capacidade de adaptação às tecnologias disponíveis, permitindo uma exploração das funcionalidades oferecidas pelos dispositivos e até mesmo a própria capacidade de os professores fazerem uso das possibilidades interativas.

“Alguns professores se superaram e fizeram aulas extremamente atrativas, com vídeos, áudios e materiais diversos, outros professores tiraram dúvidas dos alunos, por meio de mensagens de texto.” (RLD)

Para aqueles que já adotavam aulas híbridas, com salas de aulas presenciais e digitais, as aulas remotas já não representaram tamanho desafio. No entanto, as aulas precisaram de adaptações de acordo com as necessidades de cada turma. Professora do Ensino Fundamental II que dá aulas em turmas de anos diferentes identifica particularidades de cada fase do ensino

“[...]turmas completamente diferentes requerem por parte dos professores metodologias e atividades diversificadas”(IF).

Barreiras

A barreira física, por virtude do isolamento social, não foi a única encontrada pelos professores. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Tecnologia da Informação e Comunicação (Pnad Contínua TIC), divulgada pelo IBGE em 29 de abril de 2020, mostra que 46 milhões de brasileiros não têm acesso à internet, o que representa que um em cada quatro estudantes não tem acesso à principal ferramenta utilizada para a educação atualmente.

HCL é professora de Ensino Fundamental I em uma escola rural e conta como é grande a dificuldade de acesso tecnológico:

“[...] normalmente já existe uma grande dificuldade de acesso tecnológico, onde o poder público sequer investe em computadores e profissionais para atender a unidade em tempos normais de ensino”.

Mas essa não é uma barreira recente. Segundo a Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nas Escolas Brasileiras, realizada pelo Cetic em 2017, apenas 36% das escolas em zonas rurais no Brasil possuíam acesso à internet.

“Infelizmente, esse tipo de ‘arranjo’ educacional promove exclusão também à medida que nem todos têm acesso à internet e nem conhecimento para tal” (ACG).

As metodologias que, além de serem pedagógicas agora passam a abranger as tecnologias digitais, constituem grande desafio para os professores, pois a assistência à educação ultrapassa o relacionamento estudante-professor e precisa da família como agente ativo de todo o processo de aprendizagem do estudante.

“Os maiores desafios encontrados se concentram nas questões metodológicas. Desenvolver uma maneira de ensinar e orientar não apenas os estudantes como em sala de aula, mas também as famílias foi um grande desafio”. (NAD)

Com as normas de isolamento social, as residências e os locais de trabalho se fundiram e exigiram dos professores posturas que ultrapassam as atividades profissionais. O primeiro bimestre do ano letivo de 2020 foi de muito trabalho e renúncias pessoais em prol do futuro das salas de aula, como relata a professora IF:

“[...]abri mão da minha privacidade por entender que o momento era de ajuste, de colaboração, de serenar colegas e famílias, de acalmar alunos e

estudar mais sobre tecnologias na educação: gravações de vídeos aulas, podcast, apps diversos que vão contribuir para uma produção mais profissional no segundo bimestre, fazendo com que as aulas sejam mais animadas e menos cansativas para os estudantes”. (IF)

Perspectivas Pós-Pandemia

Em *Ofícios de Cartógrafo*, Jesús Martín-Barbero (2004) ressalta a importância do repensar a educação e as políticas culturais e de comunicação ao exercício e evolução da democracia na sociabilidade contemporânea, a partir dos novos modos de linguagem e de sensibilidades construídos pela desterritorialização dos saberes.

Não só os alunos e os professores estão passando por adaptações, todo o ecossistema educativo está sendo reestruturado. A expectativa é de que as famílias experimentem novas formas de participação e colaboração com o ambiente escolar.

“Em relação aos pais, sinto que o momento que estamos passando tem promovido ‘encontros’ interessantes, pois o distanciamento dos alunos tem conectado pais e professores. Assim abriu-se espaço para o diálogo”. (IF)

“A mudança ou relativização do paradigma dominante e as novas formas de organização do trabalho provocam alterações importantes na relação pedagógica em todos os níveis de escolaridade, tanto nos modos de ensinar e aprender quanto nos conteúdos disciplinares” (SODRÉ, 2002, p. 96). Os esforços para viabilizar o aprendizado a distância para tantos estudantes têm ido muito além de adquirir o conhecimento da utilização dos meios tecnológicos. Para alguns professores, os métodos aprendidos nesse momento serão propulsores de um novo olhar, onde a colaboração entre a Comunicação e a Educação estejam sempre presentes.

“Os professores devem inserir na vida dos estudantes o entusiasmo pela pesquisa. Isso é fundamental para que eles tenham autonomia” (IF).

O momento é importante para ampliar o diálogo que sirva como base para criação de leis e resoluções que direcionem a adoção das tecnologias de comunicação em sala de aula. Após a pandemia, as políticas públicas deveriam fortalecer as práticas da tecnologia e aulas on-line para dar suporte ao ensino presencial nas escolas.

“Vimos que a educação tecnológica é necessária e de extrema importância, pois além de ser parte do desenvolvimento da sociedade, é também primordial para o dia a dia de todo cidadão em qualquer época” (ACG).

Essas perspectivas nos motivam a refletir sobre a implementação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer espaços educativos presenciais e virtuais, “assim como melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso de recursos da informação no processo de aprendizagem” (SOARES, 2003, p. 1).

Mudanças em toda a estrutura do sistema educativo estão ocorrendo com a maior participação advinda da comunicação e tecnologias da informação, mas os grupos sociais nos quais os principais agentes estão inseridos devem ser os mais atingidos, transformando profundamente a maneira como nos inter-relacionamos.

“Acredito que a educação não será a mesma depois da pandemia, pois as relações entre famílias e escola também serão outras; os estudantes sairão mais amadurecidos e sabendo que eles são os produtores do próprio conhecimento. E nós, os professores, entenderemos de uma vez por todas que a escola é espaço de acolhimento, e para boa parcela da população estudantil é a última fronteira entre a criminalidade e o futuro seguro”. (IF)

Considerações Finais

No decorrer desta investigação pode-se refletir sobre alguns apontamentos históricos, como: a relação comunicação e educação que começa

a questionar os modelos e métodos educacionais ao longo da década de 60 e a própria educomunicação no final da década de 90 até os dias de hoje; a internet que nasce (1969) dentro de instituições de ensino e tem seu desenvolvimento, assim como muitos dos sites e aplicativos que temos hoje (ex: Google), por meio de objetivos primariamente educacionais.

Promovendo um cotejo entre os aspectos sociais e culturais, torna-se importante considerar que a educação tende a valorizar os meios tradicionais de ensino-aprendizagem mesmo sendo o epicentro de profundas transformações ao indivíduo e à sociedade, como o já mencionado desenvolvimento de tecnologias da informação. Então, repensar o sistema educacional apenas incluindo a tecnologia no cotidiano da educação pode ser um modelo insustentável, “nada pode prejudicar mais a educação do que nela introduzir modernizações tecnológicas sem antes mudar o modelo de comunicação que está por debaixo do sistema escolar” (MARTÍN-BARBERO, 2011, p. 121).

O modelo de comunicação linear de Lasswell (1948) é obsoleto para o modelo de sociedade que se apresenta em nossa época. Este é o momento de fazer uma reavaliação das mudanças ambicionadas pela educação para si própria, fundamentada na premissa da comunicação dialógica.

REFERÊNCIAS

ANDRELO, Roseane; OLIVEIRA, Marcele Tonelli de. Mídia-educação: da criatividade à livre-expressão na escola. Comunicação & Educação, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 101-109, jan./jun. 2012.

BRASIL. Resolução nº 07/2010, de 14 de dezembro de 2010. Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Ministério da Educação. Brasília, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf. Acesso em: 26 mai. 2020.

BÉVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. Mídia-educação: conceitos, histórias e perspectivas. Educação & Sociedade, Campinas, v. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009.

BUCKINGHAM, David. Precisamos realmente de educação para os meios? Comunicação & Educação, São Paulo, v.17, n.2, p. 41-60, jul./dez. 2012.

CARPENTER, Edmund; MCLUHAN, Marshall. Revolução na Comunicação. 4 ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores, 1980.

CETIC. Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação. Pesquisa TIC Kids Online Brasil. 2018a. 17 set. 2019. Disponível em: <https://www.nic.br/noticia/na-midia/falta-acesso-a-internet-para-faixa-de-9-a-17-anos/>. Acesso em: 25 mai 2020.

CETIC. Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação. CGI - Comitê Gestor da Internet. Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nas Escolas Brasileiras. São Paulo, out. 2018b. Disponível em: https://www.cgi.br/media/docs/publicacoes/2/tic_edu_2017_livro_eletronico.pdf. Acesso em: 25 mai 2020.

FREIRE, Paulo. Desafios da educação de Adultos frente à nova reestruturação tecnológica. Brasília, v.1, p. 20, 1997. Apresentado no Seminário Internacional Educação e Escolarização de Jovens e Adultos (IBEAC), 1996, São Paulo, SP.

FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. 5 ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora Paz e Terra, 1982.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - Tecnologia da Informação e Comunicação. Rio de Janeiro, abril. 2020. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/10d5c0576ff8d726467f1d4571dd8e62.pdf. Acesso em: 25 nov. 2020.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais: da comunicação à educomunicação. In: CITELLI, Adilson. O.; COSTA, Maria Cristina C. (Orgs.). Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 121-134.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Ofício de Cartógrafo. Travessias Latino-Americanas da Comunicação na Cultura. São Paulo, SP: Editora Loyola, 2004.

MORIN, Edgar. As Duas Globalizações. Complexidades e Comunicação: Uma Pedagogia do Presente. 2 ed. Porto Alegre, Editora EDIPUCRS, 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira. A Educomunicação em diálogo com as tecnologias, na educação básica. Comunicação & Educação, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 7-14, jul./dez. 2015.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação. O conceito, o profissional, a aplicação. São Paulo, SP: Paulinas, 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. Alfabetização e Educomunicação. O papel dos meios de comunicação e informação na educação de jovens e adultos ao longo da vida. 2003. Apresentado no 3º Telecongresso Internacional de Educação de Jovens e Adultos, 2003, Brasília, DF. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/89.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2020.

SODRÉ, Muniz. Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

TOKARNIA, Mariana. Um em cada 4 brasileiros não tem acesso à internet, mostra pesquisa. Agência Brasil, Rio de Janeiro, 29 abr 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet>. Acesso em: 25 mai. 2020.

SILVA, Leonardo Werner. Internet foi criada em 1969 com o nome de “Arpanet” nos EUA. Folha de São Paulo, São Paulo, 12 ago 2001. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u34809.shtml#:~:text=A%20internet%20foi%20criada%20em,Departamento%20de%20Defesa%20norte%20Damericano>. Acesso em: 06 jun. 2020.

CAPÍTULO 3

APRENDIZADOS EM TEMPOS DE PANDEMIA: O DESAFIO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA EM RESSIGNIFICAR A SUA DIDÁTICA E INOVAR SUAS PRÁTICAS COM O ENSINO REMOTO

Suéli Costa

INTRODUÇÃO

Os percalços da educação básica sempre foram temas de inúmeros debates. Baixos índices em avaliações nacionais e internacionais; elevação dos analfabetos funcionais; aumento da evasão no ensino médio; precariedade em infraestrutura nas escolas regionais; atrasos em investimentos tecnológicos; desigualdades no acesso ao ensino, e, por sua vez, à aprendizagem. Inúmeros são os problemas a serem relatados, e, que, com a pandemia gerada pelo novo coronavírus, a Covid-19, passaram a ser, segundo especialistas, escancarados. Com a suspensão das aulas presenciais e o ensino remoto¹, cerca de 48 milhões² de estudantes

¹ O ensino remoto passou a ser aplicado a partir do dia 16 de março de 2020 em território nacional como forma de evitar a propagação do coronavírus no país. As medidas adotadas após a determinação foram adaptadas à realidade de cada cidade, e, em pouco tempo, gestores municipais e estaduais tiveram de se adequar ao novo cenário e propor estratégias para conduzir o aprendizado de seus alunos em um novo formato. As maiores dificuldades elencadas, logo após o anúncio, foi a inclusão de todos os alunos neste processo, que passou a ser intermediado pelas tecnologias, um recurso ainda inacessível a muitos estudantes.

² Segundo o Censo Escolar da Educação Básica 2019, divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) em fevereiro de 2020, havia exatamente 47.874.246 alunos matriculados nos ensinos Infantil, Fundamental e Médio. Eles estão distribuídos em 180.610 escolas, e a rede municipal é a responsável por 60% delas, somando 48% dos alunos. Os dados mostram também que 88,9% dos alunos se encontram em áreas urbanas.

da Educação Básica, matriculados em aproximadamente 180 mil unidades escolares das redes pública e privada, tiveram de migrar para um novo ambiente de aprendizagem (INEP, 2020) . A nova proposta metodológica exigiu dos alunos, paciência; das famílias, resiliência; e dos professores, atualização imediata. Este cenário ilustrou a desigualdade em termos de acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) para ambos os públicos. Tanto alunos quanto educadores foram desafiados a buscar recursos para garantir a conectividade e estratégias para seguir as novas concepções de ensino. No entanto, este artigo tem o objetivo de analisar os professores. Como eles vêm se sobressaindo diante desta necessidade de se reinventar para ressignificar as práticas pedagógicas e dar continuidade à formação dos educandos do ciclo básico, que envolve os ensinos Infantil, Fundamental e Médio.

Este artigo traz uma reflexão sobre a ressignificação do educador, tanto com relação à sua prática quanto ao seu perfil profissional. As TICs passaram a ser acionadas para auxiliar no ensino e na aprendizagem. No entanto, elas tornaram-se condutoras, e não mediadoras, desse processo. Coube ao professor a responsabilidade de orientar esta dinâmica, provando que, sendo presenciais ou remotas, as aulas neste ciclo de ensino veem a presença desse profissional como essencial para que a aprendizagem, de fato, seja concretizada entre os estudantes. Tal responsabilidade levou essa classe a desbravar diversos recursos de aprendizagem, dispositivos comunicativos e plataformas tecnológicas compatíveis às novas metodologias a serem aplicadas. Até mesmo aqueles que se mostravam resistentes a aderir a esses suportes ousaram enfrentar as dificuldades para intermediar novos processos educativos com o apoio das tecnologias.

Estas percepções vivenciadas ao longo deste período foram analisadas por meio de uma pesquisa qualitativa, tendo como estratégia

metodológica a observação das práticas desenvolvidas no ensino remoto por um grupo de professores que atuam na Educação Básica e na rede pública de ensino. Para sistematizar as indagações, a esses profissionais, que lecionam nos ensinos Infantil, Fundamental (Ciclos Iniciais e Finais) e Médio, foi aplicado um questionário on-line³. Dividido em cinco seções, o documento agregou perguntas dissertativas e de múltipla escolha. Por meio delas, os seguintes aspectos foram analisados: *a)* o perfil dos educadores (área de formação, região e rede de ensino em que atuam) *b)* as dificuldades encontradas durante o processo de mudança; *c)* as ferramentas escolhidas para conduzir as aulas remotas; *d)* como e onde os profissionais buscaram atualizações para compreender os novos formatos; *e)* o posicionamento das secretarias de Educação, para avaliar se houve a preocupação em oferecer formação e auxiliar os professores com recursos tecnológicos; *f)* as mudanças na rotina pedagógica e a reação dos educadores diante das novas experiências; *g)* como eles se veem depois deste processo emergencial; *h)* como os entrevistados visualizam a educação pós-pandemia. As questões abertas ampliaram o entendimento de cada realidade e as perspectivas dos educadores com relação ao ensino nas escolas brasileiras.

A avaliação seria destinada a um grupo de uma rede de ensino municipal, mas, devido à repercussão desta temática e da necessidade de explorar territórios para entender os desmembramentos do ensino remoto e a sua aplicabilidade em diferentes realidades, optou-se pela abertura do questionário para educadores que atuam em redes municipais e estaduais nos sistemas de ensino das dez cidades que englobam o

³ O questionário foi aplicado exclusivamente on-line no período de 5 a 12 de junho de 2020. Esta foi a primeira etapa deste estudo. Após a submissão deste artigo, o documento será reaberto, para estender a pesquisa e realizar novos desdobramentos.

Alto Tietê⁴. O objetivo era conhecer as diferentes estratégias adotadas pelos órgãos regionais e as adaptações dos professores, além de suas dificuldades e os caminhos percorridos para dar continuidade ao seu trabalho. A pesquisa contou com 57 participantes, representantes de nove municípios da região explorada. Eles são atuantes na rede estadual⁵ e municipais⁶, o que permitiu conhecer como cada uma delas vem se posicionando, conduzindo seus educadores e acompanhando a dinâmica do ensino remoto.

A análise dos relatos apurados com alguns professores e dos registros recebidos por todos os respondentes propõem uma provocação à formação, atualização e valorização do educador, que, mesmo diante de inúmeras críticas ao seu letramento digital e informacional, em meio a uma situação emergencial, buscou sua reinvenção e mostrou que seu papel é inerente a qualquer ferramenta tecnológica. Este é o momento para se pensar em novas diretrizes para as formações desses profissionais, que precisam continuamente inovar a sua prática, mas também se sentir amparados, tanto do ponto de vista instrumental, com acesso a infraestrutura adequada, quanto intelectual, com aprendizados e experiências condizentes à educação do século XXI.

Os professores no cenário da pesquisa

Intitulada *Ensino remoto: aprendizados dos professores em tempos de pandemia*, a pesquisa foi realizada no período de 1 a 12 de junho de

⁴ O Alto Tietê é uma região formada por dez municípios – Arujá, Biritiba Mirim, Ferraz de Vasconcelos, Guararema, Itaquaquetuba, Mogi das Cruzes, Poá, Salesópolis, Santa Isabel e Suzano – localizados na Grande São Paulo. Com exceção de Santa Isabel, a pesquisa envolveu representantes (respondentes) de todas as outras cidades.

⁵ As escolas da rede estadual localizadas nas cidades do Alto Tietê possuem, ao todo, 175 mil alunos matriculados.

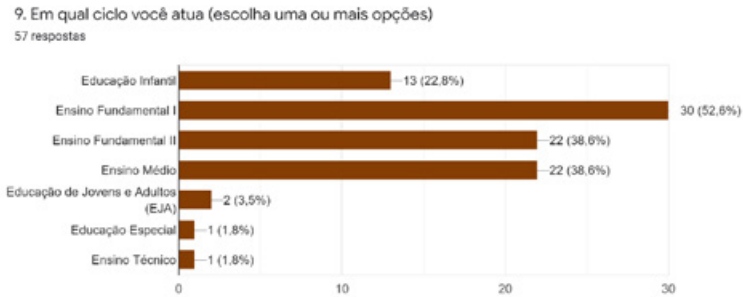
⁶ Ao todo, as dez redes municipais, representantes dos municípios do Alto Tietê, somam 182.853 alunos matriculados, sendo a de Itaquaquetuba, com o maior número de estudantes, 45 mil; e Salesópolis, com a menor quantidade, 2.324 crianças.

2020 e dividida em duas etapas. Na primeira, desenvolvida entre os dias 1 e 5 de junho, houve a escuta de alguns educadores, por meio de entrevistas⁷, com o objetivo de se aproximar das principais dificuldades desses profissionais e das suas ações para acompanhar as novidades e se adequarem ao ambiente tecnológico. Em seguida, entre os dias 5 e 12 de junho, foi aplicado o questionário on-line, estendendo a abrangência, o que permitiu acompanhar as experiências realizadas com alunos de diferentes faixas etárias, com uma diversidade de recursos tecnológicos, estratégias metodológicas e propósitos pedagógicos, cujos resultados, mesmo, em meio às dificuldades, foram enriquecedores.

Os participantes da pesquisa encontram-se na faixa etária dos 24 aos 62 anos de idade. Eles se dividem entre as redes municipais de Educação de Arujá, Biritiba Mirim, Ferraz de Vasconcelos, Guararema, Itaquaquecetuba, Mogi das Cruzes, Poá, Salesópolis e Suzano, que compreendem os ensinos Infantil e Fundamental I; e há, também, uma parcela, os especialistas, que atuam na rede estadual de São Paulo, que abrange os ensinos Fundamental II e Médio. São municípios próximos uns dos outros, portanto, nem todos moram na região onde trabalham. Dos 57 respondentes, 40,4% possuem graduação, enquanto os demais 59,6% agregam uma pós-graduação em suas áreas de formação. O grupo leciona nas várias etapas da Educação Básica. Muitos trabalham em mais de uma escola, e, no caso de alguns, em mais de um ciclo, e, por sua vez, em diferentes períodos, conforme mostra o gráfico abaixo:

⁷ As entrevistas foram realizadas por chamadas de áudio e vídeos realizadas pelo aplicativo *WhatsApp*. Ao todo, dez educadores foram ouvidos, aqueles com os quais foi possível conhecer alguns dos projetos incrementados mesmo que remotamente, como telejornais, podcasts, blogs, redes sociais, canais do *YouTube* com as suas turmas. Produções que nasceram em tempos de pandemia e que, segundo os professores, têm o objetivo de permanecerem ativas com o retorno às aulas presenciais.

Quadro 1: Infecções relacionadas com o saneamento (água e excretas) e suas medidas de prevenção e exemplos (organismos ou a doença).



“Em qual ciclo você atua (escolha uma ou mais opções)?”

Fonte: COSTA, 2020

Dos professores entrevistados, 75,4% são polivalentes e atuam nas primeiras etapas da Educação Básica, sendo 22,8% no Infantil e 52,6% no Fundamental I – Anos Iniciais. Os ensinos Fundamental II e Médio somam 77,2%, no entanto, é preciso destacar que são professores que trabalham em ambos os ciclos. Alguns deles, como os de Língua Inglesa, Artes e Educação Física, também agregam funções nas redes municipais, que atendem as fases iniciais. Portanto, o gráfico demonstra uma variedade profissional entre os ciclos, pois muitos agregam mais de uma formação e percorrem diversas etapas da Educação Básica. Dentre os especialistas, quase todos os componentes curriculares foram representados. Houve respondentes das áreas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Matemática, História, Geografia, Ciências, Biologia, Química, Filosofia, Educação Física, Artes e Música. Há alguns que, paralelamente às suas aulas, atuam em projetos extracurriculares, lecionando matérias eletivas, como Projeto de Vida, Música e Administração. Para completar, há uma outra parcela que atua com um alunado específico, como a Educação de Jovens e Adultos (EJA), o Ensino Técnico e a Educação Especial. De forma geral, todos os ensinos foram identificados.

Dentre os dados coletados, este artigo apresentará um recorte das análises, atentando-se aos seguintes aspectos: estratégias adotadas, recursos tecnológicos utilizados, principais dificuldades, suporte dos gestores educacionais, as experiências e transformações na formação profissional e as expectativas para o cenário a ser encontrado após o ensino remoto.

Um novo modo de ensinar e aprender

No final de março de 2020, professores de todo o Brasil foram avisados que, a partir de então, não voltariam à escola. Com a preocupação em conter a contaminação da Covid-19, eles estavam sendo encaminhados a um novo modelo de ensino: o remoto. Independentemente das habilidades dos educadores, todos teriam de entender o novo cenário, e, no esquema *home office*, diretamente de suas casas, precisariam adotar estratégias de acordo com a sua dinâmica, condições de trabalho, e, principalmente, com a realidade de seu alunado. Algumas redes de ensino anteciparam as férias escolares de julho; outras, o recesso escolar de final de ano. Enquanto isso, um outro grupo resolveu avaliar a realidade do seu público e pensar em um modelo que ajudaria a dar continuidade ao trabalho. Enquanto as redes particulares organizavam suas plataformas especializadas, com o material didático personalizado, as unidades da rede pública buscavam o melhor caminho.

A rede estadual de São Paulo criou o Centro de Mídias de Educação de São Paulo (CMSP)⁸, que se responsabilizou pela produção de videoaulas e do material escolar, além da criação de um aplicativo para os alunos e professores, e, ainda, a transmissão de todo o conteúdo num canal de televisão aberto, para viabilizar o acesso a todos. As re-

⁸ O Centro de Mídias SP é uma iniciativa da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo para contribuir com a formação dos profissionais da rede e oferecer aos alunos uma educação mediada por tecnologia.

des municipais analisadas, cada uma ao seu modo, adotou um procedimento, mas, de forma geral, mostraram-se alinhadas. Desde o início, sabia-se que as tecnologias iriam conduzir o novo ensino, e, por meio delas, era preciso buscar os melhores aplicativos e plataformas gratuitas, acessíveis e intuitivas, para agregar todos os que integram o processo de aprendizagem: professores, alunos e familiares. Devido a estes recursos, a primeira preocupação foi com os estudantes sem acesso aos dispositivos, e muito menos à internet. Segundo o último levantamento divulgado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), baseado em pesquisa da TIC Kids On-Line 2019, no Brasil, 4,8 milhões de crianças e adolescentes, de 9 a 17 anos, não têm conectividade em casa. Eles representam 17% de todos os brasileiros desta faixa etária. Esta dicotomia social levou à realização de diferentes estratégias, conforme relatado pelos entrevistados.

“Foi criada uma plataforma, e as famílias a acessam localizando a escola de seus filhos e sua série. Com as atividades concluídas, encaminham pelo canal de comunicação. Não foi feito nenhum levantamento, por parte da Secretaria de Educação, para saber quais famílias teriam dificuldade para acessar a plataforma”.

“Nossas aulas são de forma remota, e os pais e responsáveis pelos alunos sem acesso à internet retiram as atividades impressas na unidade de ensino”.

“Enviamos as atividades pelas plataformas sugeridas pela gestão das escolas, e, pelas redes sociais, entramos em contato diariamente com os alunos”.

“Enviamos ao aluno material didático, como livros, apostilas, cadernos, e todo material suplementar, como lápis de cor, borracha, caneta. Criamos grupos no WhatsApp, porque 99% das minhas famílias têm acesso a ele. Por lá, gravo vídeos, faço videochamadas com os alunos e mando todas as comandas aos pais”.

“Nas escolas em que os alunos não tinham acesso à internet, foram elaboradas atividades para todo o mês de maio, que foi impressa e os pais retiraram com a diretora. Nós criamos grupos de WhatsApp, e por ele também enviamos as atividades e as nossas orientações. Pelo aplicativo, tiramos dúvidas. Os pais acompanham e se envolvem no processo. É muito importante o acompanhamento dos responsáveis. Eles enviam fotos desses alunos para os professores”.

Inicialmente, houve um impacto entre o público envolvido, no entanto, um despertar para um universo de possibilidades. Segundo Belloni (2009), observa-se, há anos, que os diferentes dispositivos midiáticos vêm promovendo uma “autodidaxia” nos jovens. É preciso entender esses novos ‘modos de aprender’, que ainda é incógnita para a maioria dos professores, e reconhecer a importância das TICs e sua integração à educação. A estudiosa ressalta que

As tecnologias de informação e comunicação já estão presentes e influentes em todas as esferas da vida social, cabendo à escola, especialmente à escola pública, atuar no sentido de compensar as terríveis desigualdades sociais e regionais que o acesso desigual a estas máquinas está gerando (BELLONI, 2009, p. 10).

No entanto, apesar da eficácia desses novos suportes, é preciso evitar “o deslumbramento, que tende a levar o uso mais ou menos indiscriminado da tecnologia por si e em si, ou seja, mais por suas virtualidades técnicas do que por suas virtudes pedagógicas” (BELLONI, 2009, p. 24). Ou seja, esses meios têm um papel importante, e, na pandemia, mostraram que são essenciais, mas não são o instrumento em si. Todo o processo exige uma estratégia metodológica, a personalização do conteúdo, a atenção às diferentes dificuldades e o cuidado com a didática que melhor explicita os componentes curriculares explorados. Habilidades estas que provêm dos educadores. Ganhou-se um novo *locus*, mas os seus mediadores continuam os mesmos, mas, agora, de forma ressignificada.

Principais dificuldades apontadas no ensino remoto

O acesso à internet, as habilidades com as tecnologias, a falta de equipamentos apropriados, e, principalmente, as condições sociais dos alunos, ao considerar que boa parte deles não usufrui do aparato necessário para dar continuidade aos seus estudos, foram as principais dificuldades apontadas pelos entrevistados. A espontaneidade com as aulas diante das câmeras foi outro empecilho. Alguns adotaram as aulas gravadas, outros, ao vivo, mas alegam que existe o desconforto com as câmeras. Possuem dificuldades para tornar as aulas envolventes, sendo a interação um outro desafio, pois a distância inviabiliza as dinâmicas, as brincadeiras, os jogos e as ações em grupo, além do clima de confraternização.

“São muitas as dificuldades, como aprender a manusear a plataforma. Estar ao vivo também é muito difícil, pois não tenho afinidade com câmera. Além disso, prender a atenção dos alunos e ao mesmo tempo lidar com os temperamentos de diferentes pais”.

“Por mais que estejamos conectados à tecnologia, é muito diferente entender todos os instrumentos que temos à disposição. Não tem fórmula mágica, o professor precisa usar os instrumentos, só assim descobre como é útil”.

Os depoimentos esboçam as dificuldades na questão tecnológica, mas também as relacionadas ao aspecto socioemocional, em especial, os que atuam com os ensinos Infantil e Fundamental I. Alguns apontaram que decidiram fazer aulas ao vivo, pelo Zoom ou Google Meet, e, ainda, realizar videochamadas individuais, para rever os alunos e permitir que todos pudessem reencontrar, mesmo que virtualmente, os amigos e a professora. Os primeiros encontros foram emocionantes, segundo os relatos, e era nítida a alegria, inclusive dos pais, com a iniciativa.

Foram elencados, ainda, problemas com relação à questão “temporal”, porque a pandemia gerou um descontrole na carga horária des-

ta categoria, que já é marcada por um ritmo de trabalho excessivo. Os atendimentos aos alunos ocorrem ao longo do dia, e não mais no horário tradicional das aulas; assim como a atenção às famílias, que, por também trabalharem, às vezes, precisam buscar apoio à noite ou aos fins de semana. Além disso, os respondentes alegam que uma parte do seu tempo precisa ser estendida para as suas atualizações, para melhorar o desempenho nas ferramentas utilizadas, e, ainda, aos estudos e às pesquisas para o planejamento das aulas, que agora exigem ainda mais dedicação, em vista das novas estratégias que têm de ser incorporadas, conforme elencados nos fragmentos a seguir:

“Atendimento durante o dia todo, para conseguir planejar, elaborar, propor atividades e orientar pais e alunos. E, ainda, acompanho sempre as informações para atualização e aperfeiçoamento”.

“Criei uma rotina com horários pré-estabelecidos para tarefas que alternam com o atendimento aos alunos e familiares, que são prioridade, e atendo nos três períodos, manhã, tarde e noite”.

“Precisamos de plataformas adequadas, recursos digitais e adaptação das crianças ao novo formato. A carga de trabalho também é muito diferente, então, a adequação da minha rotina profissional tem sido um grande desafio”.

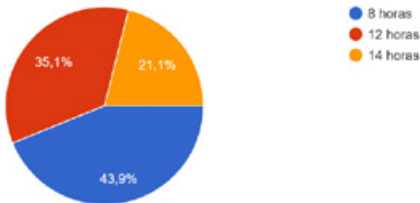
Segundo o mapeamento, os professores têm seguido uma jornada de trabalho de 8 a 14 horas diárias em tempos de pandemia, conforme destaca a figura 2. Aqueles que atuam em mais de uma escola, como os especialistas, são os mais prejudicados, e um dos motivos para esta carga de trabalho são as redes sociais. Os educadores possuem grupos de todas as suas turmas⁹, e as mensagens instantâneas, em especial, as

⁹ Para se ter uma ideia, um dos entrevistados, que leciona Língua Inglesa e Língua Portuguesa em três escolas estaduais, relatou que possui 43 grupos no *WhatsApp*. Para não se perder com os conteúdos e a dinâmica de suas aulas, ela criou salas no *Google Classroom*. No entanto, é na rede social que os alunos mais a procuram, exigindo do seu tempo uma carga horária estendida.

do *WhatsApp* são as que demandam mais disposição. É por este aplicativo que chegam as imagens dos alunos registrando suas atividades, as dúvidas dos estudantes e dos familiares, e, também, os recados oficiais das secretarias de Educação. Este período exigiu desses profissionais a gestão do tempo, a organização das atividades, o foco nas prioridades e o equilíbrio para dar atenção a todos os envolvidos neste processo.

Figura 2: Jornada de trabalho dos professores

16. Sente que a sua jornada de trabalho aumentou consideravelmente? Se sim, em média, quantas horas você tem trabalhado por dia?
57 respostas



“Sente que sua jornada de trabalho aumentou consideravelmente? Se sim, em média, quantas horas você tem trabalhado por dia?”

Fonte: COSTA, 2020

Os relatos abaixo ilustram a realidade dos entrevistados, que, diante de uma maior demanda de atividades, o trabalho vem sempre em primeiro lugar, deixando a atenção à sua própria família, às tarefas de casa e as demais responsabilidades pessoais em outro plano.

“Tudo mudou. Antes eu tinha uma rotina para trabalhar em três escolas e fora do horário de trabalho eu me desligava das minhas tarefas profissionais. Agora, ninguém respeita o horário, os pais e alguns coordenadores também. Achem que estamos ociosos em casa, prontos para atendê-los”.

“Não está sendo fácil. Tenho um filho de 8 anos que está no 3º ano e com atividades remotas, com aulas ao vivo pela manhã; e um segundo filho de

1 ano e 5 meses, que também necessita de atenção constante. Como sei das dificuldades de cada família, acabo respondendo-as assim que me enviam uma mensagem. Não consigo estabelecer uma rotina. Fico em meio às tarefas da escola e os afazeres de casa durante 13 horas do dia”.

“Pela manhã envio as atividades e interajo com alguns; à tarde recebo as fotos, faço orientações, organizo meus portfólios e monto meus novos planos de aula. À noite, oriento algum pai que precisa ajudar os filhos nas tarefas, porque é o momento em que retornam do trabalho, e, muitas vezes, precisam da minha ajuda, e acabo sendo solicitada”.

Neste cenário, é perceptível uma análise com base em autores que analisam a contemporaneidade, dentre eles o estudioso Jonathan Crary (2014), autor da teoria “24/07”, que apresenta o panorama de um mundo cuja lógica não se prende mais a limites de tempo e espaço. Funciona ininterruptamente, durante o dia inteiro, e, ao longo da semana, para atender, segundo o autor, à sociedade capitalista. Ele estuda o sujeito contemporâneo, que lida cotidianamente com a aceleração social do tempo, que pode ser representado pelos participantes desta pesquisa. Este conceito é explorado de forma mais ampla por Adilson Citelli (2016), que direciona estes estudos no âmbito das atividades docentes nos espaços educativos do ensino formal. Para o pesquisador, está em curso novos modos de ser, aprender e conviver no mundo, e atender a um enorme número de demandas sem se deixar levar pelo agir mecânico requer discernimento, além de um entrecruzamento de saberes que sejam baseados em um caráter meramente transmissivo. Uma preocupação observada nos respondentes, que estendem sua jornada diária por conta da preocupação em oferecer um atendimento personalizado aos seus alunos, além de reafirmar o vínculo com as famílias e a responsabilidade pelo aprendizado de suas turmas. Sua função ultrapassa espaços, dos físicos aos virtuais; e o tempo, da manhã à noite. Trata-se de um professor que atua na lógica 24/07, atendendo,

por sua vez, a dinâmica do mundo contemporâneo, cada vez mais dinâmico em virtude das reconfigurações tecnoeconômicas.

Transformações nas práticas profissionais

Ao serem questionados quanto às mudanças em seu perfil profissional, os respondentes compartilharam os aspectos positivos do ensino remoto. Apesar das inúmeras dificuldades elencadas, os aprendizados também são incontáveis, e a diminuição da resistência à tecnologia, a desenvoltura com os recursos tecnológicos, a curiosidade em desbravar novos suportes, o interesse em buscar estratégias para cada conteúdo a ser aplicado e a revelação de novas habilidades são os principais pontos ressaltados nos relatos.

“Antes eu era muito receosa em me expor, agora gravo vídeos com maior facilidade. Eu me arrisco em trazer algo novo toda aula para testar com as crianças”.

“Senti uma mudança muito significativa, pois também não tinha muita familiaridade com as tecnologias digitais. E, de repente, eu me vi ‘forçada’ a aprender mais para poder auxiliar os meus alunos”.

“Encarei tudo de forma muito positiva e tem sido um grande aprendizado, tanto para a minha prática quanto para o meu vínculo com as crianças e as famílias”.

“A rotina ficou mais complexa, mas desafiadora. Também, decidi dedicar um tempo à procura de novas ferramentas para serem instrumentalizadas por mim e pelos meus colegas. Não tive muita dificuldade com o uso das novas tecnologias. Em algumas unidades onde leciono, era o único professor a utilizar blogs como ferramenta de ensino-aprendizagem e era visto como maluco. Muito interessante os novos olhares que essa nova realidade nos impôs: uma verdadeira mudança de paradigma. Lembrando que essa busca e

instrumentalização de novas tecnologias faz parte de um interesse pessoal. Infelizmente, as unidades de ensino não costumam investir nessa modalidade de formação para seus professores. Talvez agora, as coisas mudem”.

Percebe-se que, inicialmente, explorar o novo foi desafiador, agora, tornou-se instigador. Muitos estão se adaptando às plataformas, sendo o *Zoom* e *Google Meet* as mais usadas para as aulas ao vivo; o *Google Classroom* a principal rede para armazenar as atividades, as aulas gravadas, as avaliações e o acompanhamento da turma; as redes sociais para manter a integração entre todos e passar os recados oficiais e as orientações das tarefas semanais, sendo o *WhatsApp* o mais acessível, e o *Facebook* o mais usado pelas escolas, que, diariamente, postam os semanários e roteiros das aulas de todas as turmas. Estas páginas são para os pais, mas, também, para as Secretarias de Educação, que, pelas publicações, acompanham o que vem sendo aplicado pelos professores de todas as disciplinas. Já as redes que seguem um modelo apostilado receberam o acesso a uma plataforma da editora. No entanto, segundo os respondentes, o portal tornou-se uma nova fonte de estudos, porque a interação ocorre, de fato, pelas plataformas escolhidas pelos educadores. São eles que melhor puderam escolher as estratégias para se aproximar de seus alunos, avaliar as dificuldades de suas turmas, verificar os que não têm acesso e buscar alternativas para os que não estão digitalmente incluídos.

Os desafios de se reinventar a todo o momento

Logo que o ensino remoto passou a ser adotado, a formação, o suporte e os recursos aos professores foram um dos pontos que demandaram críticas, em especial, aos que possuem mais dificuldades com o ambiente digital. Segundo os entrevistados, muitos tiveram de buscar atualizações por meio de cursos on-line, vídeos do *YouTube*, tutoriais em blogs e portais, além de orientações dos amigos mais interados aos

recursos digitais para entender os novos desafios, e, principalmente, o seu novo *lôcus* de trabalho. A mudança foi emergencial, e, em pouco tempo, cada um se aventurava num suporte, e, por meio dele, condicionava seus conteúdos.

Cada rede de ensino possui uma experiência diferente. Na estadual, por exemplo, após o desenvolvimento das plataformas (aplicativo, redes sociais, portal, canais abertos de televisão) e do material personalizado elaborado pela equipe do CMSP, composta por profissionais da Educação e da Tecnologia da Informação (TI), todos os educadores participaram de uma semana de formação para conhecer o que foi preparado e planejado para o corpo docente e discente. Além de usufruir dos suportes organizados pelo governo estadual, alguns profissionais adotaram outras plataformas para conduzir as suas turmas. Pelo CMSP, os alunos têm acesso às aulas de todas as disciplinas dos ensinos Fundamental e Médio, mas elas não são ministradas pelo professor da sua turma, e sim por profissionais contratados. Por este motivo, alguns aderiram ao *Google Classroom*, aos grupos de *WhatsApp*, à produção de videoaulas e às aulas on-line ao vivo (intermediadas por eles) para manter a interação com as suas classes.

Nas redes municipais, as estratégias, no geral, partiram dos próprios educadores, que avaliaram qual delas melhor se apropriavam à sua realidade. De acordo com os relatos, algumas ofereceram *lives*, reuniões on-line, indicações de cursos e eventos para o corpo docente; outras realizaram reuniões por aplicativos para compartilhar experiências e sugestões para o trabalho dos profissionais; enquanto algumas buscaram a ajuda de colegas e realizaram propostas colaborativas. Três redes municipais analisadas criaram um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). O fato é que, de alguma forma, todos buscaram atualizações, e boa parte dos entrevistados desejam explorar novos recursos. Quando questionados sobre as formas encontradas para se aprofundar

nas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), o interesse, a disposição, o esforço e a motivação para se reinventar e inovar a sua prática profissional estão representados nos depoimentos. Eles desejam manter este ritmo de estudos e, com o retorno às aulas presenciais, pretendem tornar o ensino mais híbrido.

“Tenho feito muitos cursos on-line, usado o YouTube para aprender a usar as tecnologias e conto também com o auxílio de alguns colegas de trabalho que estão mais antenados”.

“Sempre procurei conjugar tecnologia e educação. Sou um verdadeiro entusiasta das TEs. Busco cursos e procuro dedicar um tempo para aumentar minha proficiência em determinadas ferramentas/interfaces que considero indispensáveis. Gosto de cursos e pesquisa manuais. Sempre busquei tutoriais no YouTube”.

“Pudemos nos reinventar e aprender algo que nunca imaginávamos, dar aulas on-line, aulas remotas, onde a tela do celular e do computador virou nosso quadro negro, fazendo utilização de metodologias atrativas para chamar a atenção dos alunos. Pretendo continuar com esses avanços, que antes vinham sendo questionados por muitos, mas, agora, eles comprovaram sua eficácia. Pois o ensino híbrido é uma realidade, que já vinha batendo na porta e pode se concretizar com a pandemia, sendo uma forma de impor melhor qualidade de aprendizado do aluno”.

Além dos estudos, os investimentos em infraestrutura também despertaram a atenção. Os respondentes alegaram que precisaram promover algumas mudanças no seu novo ambiente de trabalho. As atividades *home office* exigiram um plano de internet melhor, para acelerar a velocidade de conexão; um computador avançado; um celular mais moderno; cartões de memórias com mais espaço; uma melhora na iluminação do espaço de trabalho; recursos para a gravação das aulas, como tripés, iluminação, além de câmera fotográfica. Aqueles que se identificaram com as novas funções, a de produtor e editor de vídeo

os, e proviam de condições financeiras, decidiram investir nestes suportes. Alguns, inclusive, compraram a licença de programas especiais para potencializar suas produções, entre os citados foram o *Powtoon* e *Videoscribe*, voltados a vídeos de animação. Isto demonstrou, mais uma vez, o compromisso do educador para melhorar, cada vez mais, a sua performance, a fim de cativar o seu alunado. Os depoimentos abaixo ilustram como as mudanças foram além do aspecto cognitivo, mas também em infraestrutura, adaptações de espaço e reorganização temporal.

“Precisei adquirir um chip para WhatsApp Business, aumentei o plano de internet (para mim e para meus filhos, que também estudam de forma remota), comprei fones e programamos o notebook que não usávamos. Também arrumamos o mobiliário, para ser adequado a uma sala de estudos”.

“Também precisei adaptar um espaço, comprar materiais de escritório, alterar a iluminação, dentre outras mudanças”.

“Precisei pagar pelo aplicativo que uso para preparar as minhas videoaulas”.

“Troquei de celular, comprei um computador e aumentei meu pacote de internet”.

“Sim, precisei aumentar o meu plano de internet, mudar a disposição da minha sala para virar uma sala de aula. Comprei lousa, tripé etc.”

Apesar disso, a interação propiciada pelo ensino presencial, é insubstituível, segundo os entrevistados. Embora as tecnologias propiciem inúmeras possibilidades, o afeto, o carinho, o contato e a atenção propiciados pela convivência diária enaltecem as relações e fortificam a confiança entre professor e aluno. A falta desse convívio, propiciado pelas relações pessoais, foi sentida por todos os respondentes. Segundo os participantes, mesmo se apropriando de brincadeiras, músicas, dinâmicas, nas aulas ao vivo, os educadores relataram que a interação não é a

mesma. Com as turmas menores, as dos ensinos Infantil e Fundamental, o vínculo é essencial, e, para este público, o processo foi mais desafiador. Trata-se de um ciclo com alunos da faixa etária dos 3 aos 10 anos, que precisam de orientação, acompanhamento, auxílio e motivação.

“Acredito que as crianças aprendem por meio das interações e relações que estabelecem na escola. A educação remota auxilia de certo modo, mas não substitui a presencial”.

“Adorei as aulas remotas, porém não acho adequado no Ensino Fundamental. Os alunos são dependentes, não têm maturidade nem experiência para aulas não presenciais”.

Neste grupo, o papel da família enalteceu, pois tornou-se fundamental para a condução das atividades. Muitos pais também tiveram de aprender a manusear os recursos tecnológicos, e trabalhar aspectos fundamentais com seus filhos, como autonomia, organização, disciplina, compromisso e responsabilidade. Para os professores das etapas iniciais, no começo, a relação foi conflituosa, mas, um mês depois, percebeu-se uma integração, o que possibilitou o trabalho colaborativo e ampliou a valorização do professor, cujo trabalho passou a ser reconhecido.

“Acredito que haverá mais envolvimento e participação por parte das famílias. A tecnologia veio para ficar e tem demonstrado isso faz tempo, agora, com a situação que estamos vivendo, só ficou mais claro isso. Particularmente, pretendo continuar usando esses recursos”.

Para os alunos dos ensinos Fundamental II e Médio, por se concentrarem na faixa etária dos 11 aos 17 anos, presume-se que têm mais facilidade com os suportes tecnológicos. No entanto, não estão isentos de dificuldades. Apesar de estarem imersos no universo digital, boa parte deles conectados e em sintonia nas redes sociais, foi preciso adaptação, orientação e acompanhamento. Por um lado, parte deles

também se tornaram mais autônomos, responsáveis, interessados e condutores do seu aprendizado. Apesar de o papel da família também ser importante neste ciclo, o contato da professora é diretamente com a sua turma, e não os pais, diferentemente das crianças. Segundo os respondentes que atuam com estes grupos, este é um dos diferenciais, e, por serem alunos maiores, ressaltaram também a possibilidade de ampliarem as fontes de pesquisa, a fim de aprimorar o conhecimento nas áreas estudadas, algo que a internet propicia para aqueles que sabem usá-la com fins educativos. Dentre os pontos positivos destacados, a possibilidade de trabalhar com os jovens a cultura digital, antes de entrar nos conteúdos curriculares, foi um deles.

Embora a navegação no ciberespaço, entre os adolescentes e os jovens, seja uma atividade frequente, explorar as potencialidades do universo digital e usá-las para ampliar a sua formação foi outro ponto ressaltado entre os estudantes para que eles passassem a usar a internet conscientemente, com atenção ao conteúdo que recebem e compartilham, às fontes que seguem, aos portais que acompanham e às referências de pesquisas. Porém, apesar de serem maiores, a mediação dos professores em todo o processo de aprendizagem durante o ensino remoto também se mostrou essencial. Esses profissionais são os condutores e norteadores da aprendizagem dos jovens, que diante de inúmeras informações à sua frente, veem no educador o orientador de seus estudos, de suas pesquisas e das atividades que melhor vão ajudar em sua formação. Mais um resultado de que, embora as tecnologias tenham qualidades inúmeras, a mediação dos educadores ainda se mostrou insubstituível, e, mais uma vez, é possível observar pelos relatos, quando os entrevistados foram questionados sobre esses aspectos.

“Sempre utilizei recursos tecnológicos, mas tudo isso só reforçou a importância do contato humano e da interação social que só a escola presencial é capaz de oferecer. A primeira vítima dessa pandemia foi o ensino domiciliar”.

“Acho importante inserir os alunos no cotidiano digital, ainda mais os das redes estaduais. Mas também acho as aulas presenciais essenciais”.

De forma remota ou presencial, os depoimentos enaltecem a importância do educador nos processos de ensino e aprendizagem. Este papel se torna evidente nos cursos de Educação a Distância (EaD), que, embora seja sistematizado e melhor estruturado, não dispensa o papel de um tutor, responsável por mediar as diferentes turmas e motivar os alunos em todas as etapas do curso. Segundo especialistas em EaD, não só o formato, o design, a plataforma, a administração e os recursos tecnológicos envolvidos em um curso on-line importam. São essenciais, mas inconcebíveis sem a presença de um mediador, aquele que irá orquestrar todo o processo, papel encabeçado por um professor, que nesta categoria de ensino responde pela tutoria. “O tutor é uma peça fundamental no processo, porque ele não é um mediador automático como um equipamento, mas sua experiência, sua sensibilidade, seu conhecimento, sua habilidade para motivar o aluno podem fazer muita diferença” (NOFFS; CARNEIRO; 2015; p. 71).

Educação pós-pandemia

A necessidade de uma Educação de qualidade e alinhada com as transformações da sociedade ganhou uma maior relevância diante do cenário vivenciado durante a pandemia. As experiências compartilhadas pelos entrevistados mostram o avanço dos educadores em termos de formação, atualização, criação e produção. O ponto positivo dessas renovações é a revelação de que pretendem dar continuidade a esses aprendizados e ao uso das tecnologias da comunicação e informação em suas práticas, e não de forma esporádica, e sim, complementar às suas metodologias. Tal comportamento, que ilustra uma pequena parcela dos que atuam no âmbito educacional, podem nos prever o que a educação pós-pandemia anuncia: professores atualizados, que se dispu-

seram a explorar o universo tecnológico – complexo e imprevisível –, para desenvolver habilidades e competências pertinentes à cultura digital, a fim de conhecer as suas potencialidades e aperfeiçoar suas práticas, e, assim, melhorar a formação de seus alunos. Os respondentes, conforme apontam os relatos, prescreveram algumas transformações.

“Penso que tudo será muito diferente, chegamos à conclusão de que a sala de aula pode ser móvel e adaptada. Muitos alunos e pais buscaram no YouTube explicações (tutoriais) para conteúdos e encontraram excelentes materiais. Vejo a educação sofrendo uma profunda transformação, e que as tecnologias disponíveis estão trazendo uma revolução na rotina e na atual zona de conforto que as escolas brasileiras se encontram. A instabilidade inicial nos mostrou que é possível mudar e reinventar. Certas situações, apesar de ruins, nos tira da comodidade da rotina, da monotonia do conforto mental e traz mudanças significativas, não só para o ‘novo’, mas para o despertar da criatividade e de novas adaptações”.

“Com certeza, caminhamos para o ensino híbrido, e acredito que ampliou a visão de todos quanto à necessidade de melhoria das tecnologias à educação”.

“O ensino já era para ser híbrido há anos, a pandemia só acelerou o processo. Continuarei trabalhando com recursos tecnológicos, afinal, essa sempre foi a minha prática”.

“Acredito que será um grande desafio para todos nós, mas continuarei utilizando essas novas ferramentas para dar continuidade às aulas”.

“A pandemia veio para nos transformar. Na escola onde leciono, os alunos utilizam, assim como nós professores, os recursos tecnológicos. O que mudou foi a forma de usarmos esses recursos”.

Mudanças nos cenários, nas posturas, nas práticas, no olhar para os recursos tecnológicos, considerando-os aliados de um processo educativo. Segundo Noffs e Carneiro (2015), não é mais possível pensar em

processo de escolarização sem tecnologia, “porque as políticas educacionais e econômicas serão cada vez mais orientadas para adultos ativos, cujas competências devem ser continuamente revistas em função do desenvolvimento tecnológico” (p. 72). Novas habilidades, como uma participação mais ativa, crítica e reflexiva, passaram a ser exigidas na Sociedade da Informação e do Conhecimento. Portanto, a educação deste novo século, segundo os autores, deve contemplar tais características.

Ainda se pautando para a educação do futuro, Moran *et al* (2000, p. 30) elenca cinco princípios metodológicos norteadores para uma prática pedagógica considerada inovadora. Ao analisá-los, pode-se concluir que todos foram perceptíveis ao longo do ensino remoto. São eles: 1) Mediação pedagógica e o papel do professor como mediador/orientador (evidenciados nas plataformas utilizadas ao longo da pandemia); 2) integração de tecnologias, metodologias e atividades, aproximando as diversas mídias existentes (notáveis nas diferentes experiências compartilhadas pelos entrevistados); 3) variar a forma e as técnicas utilizadas em sala de aula e fora dela, improvisando e não deixando assim tudo previsível e monótono (preocupação perceptível nas respostas dos participantes da pesquisa); 4) Planejar e improvisar quando necessário, ajustando o planejado às circunstâncias da prática (um dos requisitos notáveis no ensino mediado pelas tecnologias, também marcado por imprevisibilidades, principalmente, com relação ao aspecto técnico); 5) Valorizar a comunicação virtual e os aspectos de presença e distância (notável entre as redes sociais utilizadas para manter o vínculo contínuo entre alunos e familiares).

Mediante às aceleradas transformações sociais, todos os profissionais, em especial, os que atuam na escolarização, devem passar por um processo contínuo de formação, envolvendo educação permanente (NOFFS; CARNEIRO; 2015). Este é o caminho para acompanhar as tendências - sem abandonar as teorias tradicionais que elucidam o histórico

educacional e ilustram os avanços nos processos de ensino e aprendizagem - que vêm desenhando os diferentes espaços de aprendizagem e configurando os alunos do século XXI, pertencentes a uma geração que vivencia a era da comunicação, informação e tecnologias digitais.

Considerações finais

A contemporaneidade tem apresentado um ritmo acelerado de transformações e as tecnologias da comunicação e da informação vêm assumindo um papel preponderante influenciando tanto a sociedade quanto a educação. O retorno ao ensino presencial - ainda incerto até a entrega deste artigo - gera uma mistura de ansiedade, preocupação e insegurança. Há um receio de como a escola irá receber o corpo docente e discente, que se encontra diferente daquele que, emergencialmente, teve de deixar o espaço educativo no final de março de 2020. Alunos preocupados, porém, mais seguros da importância da sua contribuição para o seu aprendizado; professores renovados, conscientes da sua responsabilidade e confiantes com relação ao seu papel no processo de ensino e aprendizagem.

Segundo os entrevistados, todos voltarão com uma nova mentalidade, e, dentre as mudanças elencadas, consta o perfil dos educadores, que, ao explorar o ambiente tecnológico e suas potencialidades, descobriram inúmeras possibilidades às suas práticas profissionais. Para alguns, as TICs já eram integradas à sua rotina, mas, para outros, elas tornaram-se uma nova didática a ser aprendida. O fato é que todos souberam lidar com as dificuldades. As escolas tiveram de adaptar rapidamente, e planejar, de acordo com a sua realidade, os seus processos. Segundo Moran (2020), “isso trouxe uma aceleração do domínio de competências digitais e de plataformas e aplicativos para ensinar e aprender, grande compartilhamento de práticas e de descoberta, novas formas de comunicação e de avaliação”. Os educadores combinaram

estratégias diferentes para manter, da melhor forma, a dinâmica do ensino e da aprendizagem. Houve a preocupação, ao analisar os relatos e as experiências compartilhadas, em seguir os quatro pilares da educação: aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a ser, aprender a conviver. Aspectos considerados essenciais para uma educação pautada na experimentação, reflexão e orientação.

Com o fim da pandemia, os entrevistados acreditam numa reestruturação do ensino, um novo olhar à escola e, principalmente, aos atores essenciais para a sua dinamicidade: alunos, professores, gestores e família. Em relação às tecnologias da comunicação e informação, os respondentes imaginam uma dinâmica pedagógica diferenciada. Muitos pretendem adotar o ensino híbrido em sua prática profissional, dando continuidade às aulas presenciais, sem, no entanto, abandonar experiências mediadas pelas TICs. Para eles, a integração cada vez maior entre sala de aula e ambientes virtuais é fundamental. Pensam, portanto, em adotar uma aprendizagem síncrona e assíncrona, tendo em vista que a cultura digital passou a ser evidenciada, gerando novos comportamentos, além de experiências, e, com elas, conhecimentos.

Falar em educação híbrida significa partir do pressuposto de que não há uma única forma de aprender e, por consequência, tampouco uma única forma de ensinar. Segundo Bacich (2015), o ensino híbrido seria a convergência entre dois modelos de aprendizagem - presencial e on-line - com o uso das tecnologias digitais. Estes dois se tornam complementares. Trata-se de uma metodologia que caminha para a personalização do ensino, focado nas dificuldades dos alunos, pensando em ações diferenciadas para atendê-los de forma individual. É, portanto, uma dinâmica centrada no aprendiz.

A autora destaca, ainda, que as tecnologias digitais propiciam diferentes possibilidades para trabalhos educacionais significativos, conforme notificados ao longo desta pesquisa. No entanto, para a

sua eficácia, elas também precisam estar pautadas nos quatro pilares da educação. E, para esta concretização, a participação do professor é essencial. Por meio dele, os diferentes suportes tecnológicos recebem uma intencionalidade pedagógica, articuladas por meio de práticas construtivas, e de experiências significativas aos educandos. Ele é o responsável pela mediação dos processos, enquanto os recursos, pela condução das propostas. Independentemente da modalidade de ensino (presencial ou virtual), a pandemia evidenciou a importância desse profissional, em especial, dos que atuam na Educação Básica.

Embora pertencentes à era digital, crianças, adolescentes e jovens que se encontram nos ensinos Infantil, Fundamental e Médio precisam ser auxiliados em todo o seu itinerário formativo, tanto com relação ao aspecto cognitivo quanto ao pessoal, social, emocional, e, ainda, cidadão. O professor é mais que um norteador de conteúdos pertinentes a diferentes componentes curriculares. Trata-se de um incentivador de sonhos, um motivador de processos educativos, o condutor de mentes que veem a educação como o caminho para prosperarem nas áreas que melhor os representam. A pesquisa mostrou a preocupação desses profissionais com seus alunos, em especial, aqueles que possuem dificuldade de acesso. Com a jornada estendida, os educadores se desdobraram para acolher as suas turmas, de forma coletiva e individual, para atender aos anseios e amenizar as dificuldades de aprendizagem. As plataformas escolhidas levaram em consideração a melhor forma de condicionar os conteúdos, mas, principalmente, de articular o contato e manter a sintonia entre as turmas. Vários recursos foram utilizados, com diferentes finalidades, mas um aspecto em comum: manter o vínculo e a sensação de que a atenção, mesmo virtualmente, ainda estava sendo levada em consideração. Mais um aspecto para revelar o papel deste profissional, que em todos os processos educativos merece o devido reconhecimento, inclusive, nos virtuais. Aguaded e Tirano (2011) veem a figura do professor como um agente

dinamizador dos processos de ensino-aprendizagem que se estabelecem nas plataformas on-line. “Ela é fundamental, já que sem esse guia e sua tutoria, a qualidade das interações se enfraquece, como também as produções alcançadas” (HERNANDO, AGUADED; TIRADO, 2011, p. 150 apud AGUADED; LÓPEZ; ALIAÑO; 2015; p. 92).

A tecnologia tem um papel importante, e a pandemia concretizou sua urgência nos espaços educativos, em especial, os do âmbito formal. No entanto, é preciso destacar que o processo, que consiste nas etapas do pensar, planejar, criar e produzir, é a maior arte ao longo desta dinâmica. E este estágio é conduzido pelo professor, que tem o ofício de organizar as estratégias, buscar os suportes, e, por sua vez, selecionar os aplicativos, as plataformas ou recursos que sejam condizentes aos propósitos pedagógicos e efetivos à aprendizagem dos alunos. O seu papel, portanto, é inerente a qualquer dispositivo tecnológico.

REFERÊNCIAS

AGUADED, Ignácio; LÓPEZ, Pablo Maraver; ALIAÑO, Angel Mojarro. Por uma nova Educação: experiências formativas com tecnologias e recursos para a educomunicação. In: ORTIZ, Felipe Chibás; SANTOS, Fernando de Almeida Santos (Org.). Gestão da Educação a Distância. Comunicação, Desafios e Estratégias. São Paulo: Editora Atlas, 2015.

BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; TREVISANI, Fernando de Mello (Org.). Ensino Híbrido. Personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015.

BELLONI, Maria Luiza. O que é mídia-educação. 3 ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

CENTRO DE MÍDIAS SP - CMSP. Disponível em: <https://centrodemidiasp.educacao.sp.gov.br>. Acesso em: 18/06/2020.

CITELLI, Adilson. Comunicação e educação: o problema da aceleração temporal. In: NAGAMINI, Eliana (Org.). Questões teóricas e formação profissional em Comunicação e Educação. v.1. Ilhéus: Editus, 2016. (Série Comunicação e Educação).

CRARY, Jonathan. 24/07: Capitalismo tardio e os fins do sono. 2.ed. São Paulo: Cosac, Naify, 2015.

INEP, Censo Escolar da Educação Básica 2019. 2020. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/0/Notas+Estat%C3%ADsticas+-+Censo+da+Educa%C3%A7%C3%A3o+B%C3%A1sica+2019/43bf4c5b-b478-4c5d-ae17-7d55ced4c37d?version=1.0> Acesso em: 12/06/2020.

MORAN, José. Transformações na Educação impulsionadas pela crise. Blog Educação Transformadora. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2020/05/Transforma%C3%A7%C3%B5es.pdf>. Acesso em: 12/06/2020.

MORAN, José. Educação híbrida. Um conceito-chave para a educação, hoje. Revista Pátio. Ensino Médio, Profissional e Tecnológico, Porto Alegre, ano 10, n. 39, p. 10-13, dez.18/fev.19.

MORIN, Edgar. Os setes saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2000.

NOFFS, Neide de Aquino; CARNEIRO, Maria Angela Barbato. O currículo e as tecnologias: desafio para a formação dos professores. In: ORTIZ, Felipe Chibás; SANTOS, Fernando de Almeida Santos (Org.). Gestão da Educação a Distância. Comunicação, Desafios e Estratégias. São Paulo: Editora Atlas, 2015.

CAPÍTULO 4

O POTENCIAL DO PODCAST COMO DISPOSITIVO EDUCOMUNICATIVO EM PROL DA AUTONOMIA ESTUDANTIL: UM ESTUDO DE CASO SOBRE SUA UTILIZAÇÃO NO ENSINO MÉDIO DA REDE PÚBLICA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Filomena Maria Avelina Bomfim,
Lucas Guimarães Resende, Silvia Cristina dos Reis

INTRODUÇÃO

Em março de 2020, o Brasil viu-se convulsionado pela chegada do novo coronavírus em seu território. Subitamente, toda estrutura de ensino público do país foi fechada, assim como a rede privada, com o reconhecimento da Organização Mundial de Saúde (OMS), da existência de uma pandemia que circulava por quase todos os continentes.

Passados dois meses desse evento e percebendo que o retorno ao sistema presencial de aulas dificilmente retornaria no segundo semestre do ano corrente, a Rede Pública viu-se obrigada a considerar a educação virtual, como uma das possibilidades de reduzir a escala de perdas para os estudantes, principalmente para aqueles que esperavam ainda participar do Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM). Assim sendo, estudantes secundaristas, em geral, estão sendo obrigados a se adequar a uma nova rotina de estudos, bem como a descobrir sua melhor forma de aprender e de organizar o seu tempo de estudo, tendo em vista um desempenho satisfatório no ENEM. Para tanto, o desenvolvimento da autonomia com relação aos estudos passou a ser fator determinante para uma empreitada bem-sucedida rumo à Universidade.

Antecedentes

Em agosto de 2019, iniciamos uma pesquisa de iniciação científica intitulada¹⁰ *O potencial do podcast como dispositivo educacional em prol da consciência crítica: um estudo de caso sobre sua utilização no Ensino Médio da Rede Pública na região Campo das Vertentes*, que investiga as potencialidades do *podcast* no ensino.

Diante das dificuldades enfrentadas pelos estudantes do ensino médio da Rede Pública em geral, percebemos que a mencionada investigação científica poderia contribuir para a redução de danos no cenário atual, pelo fato de que o conceito de Educação – fundamentação teórica da pesquisa cujo foco passa pela consolidação do processo de autonomia do estudante frente ao seu padrão de ensino-aprendizagem. Assim sendo, a aplicação da metodologia de pesquisa escolhida tem mostrado que o *podcast* tende a contribuir consideravelmente para o fortalecimento da autonomia do estudante como agente ativo na dinâmica da aprendizagem. Dessa forma, essa nova mídia atua como um dispositivo educacional, ou seja, um aparato cuja forma de utilização propicia o amadurecimento da sua capacidade de apreciação das suas condições de atuação no processo ensino-aprendizagem.

Mídia emergente na primeira década do século XXI e popularizada na segunda, o *podcast* se adequou às rotinas do cotidiano, contrastando com a obsolescência de outras mídias frente às mudanças contemporâneas. Na verdade, o *podcast* constitui uma mídia digital, uma fusão do rádio com o *YouTube*. Concentra-se no formato apenas de áudio – assim como o rádio – e é consumido por *streaming* de arquivos pré-gravados, tal qual o *YouTube*.

¹⁰ Projeto aprovado no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), Edital 003/2019/PROPE, da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), coordenado pela Profª. Dra. Filomena Maria Avelina Bomfim, tendo como bolsista o graduando Lucas Guimarães Resende, do curso de Comunicação Social - Jornalismo.

Um fato que fica de fora desse paralelo entre mídias pelo seu caráter revolucionário é que, no *podcast*, além da possibilidade de se consumir por *streaming*, ou seja, quando se está conectado à internet, existe a opção de baixar o arquivo e ouvi-lo depois, sem precisar da conexão à rede durante o consumo. Esta distinção, apesar de parecer insignificante, faz uma grande diferença, pois muda fortemente os hábitos de consumo. Assim sendo, não se pode recomendar uma maneira correta de se consumir um *podcast*, já que o leque de possibilidades disponíveis tende a incrementar sua popularização crescente.

Contudo, a que múltiplas possibilidades estamos nos referindo neste projeto de pesquisa? Juntando o formato só em áudio, com a opção de baixar o arquivo, essa mídia dialoga com a febre dos *smarthphones* e se encaixa na nova intensidade do dia-a-dia social.

Assim, pelas suas facilidades e opções de consumo, essa mídia pode ser utilizada durante atividades triviais tais como lavar louça ou limpar a casa, e ainda em momentos ociosos da rotina, como trajetos para o trabalho, a faculdade ou escola. Nesse sentido, Coutinho Pereira e Alves (2010) chamam atenção para o fato que “o *podcast* é também uma ferramenta que potencia a aprendizagem colaborativa. Os *podcasts* podem ser realizados em grupo e a investigação mostra que a aprendizagem colaborativa tem vantagens sobre a individualizada” (PEREIRA; ALVES, 2010, p. 218).

Esse caráter coletivo descrito por Coutinho Pereira e Alves (2010) ressalta o potencial de adesão por parte dos jovens, que valorizam a natureza interativa dessas possibilidades. Dessa forma, aproximam-se mais desse formato midiático, bem como de seu estilo de produção.

Adicionalmente, percebe-se que o caráter multifacetado do *podcast* é notado não apenas no seu padrão de consumo. Pelo fato de ser mais conhecido entre um público mais maduro, as produções da mídia

variam de conversas cotidianas a fóruns de compartilhamento acadêmico de saberes. Porém, devido à sua semelhança com a natureza do rádio, o formato se parece com as populares mesas redondas dos programas radiofônicos, em que convidados discutem sobre um tema mediado por um apresentador durante cerca de uma hora; o destaque de um tema central e suas possibilidades é a chave do sucesso do *podcast* como mídia. E dentre os modelos populares na chamada “podosfera” – denominação popular do cenário de *podcasts* no Brasil – produções sobre política fazem sucesso, passando por programas de política eleitoral, até produções sobre temas ideológicos.

Em geral, essa mídia tende a ser produzida de forma independente, mesmo quando o assunto é controverso. Por isso, o debate acaba por interessar ao público jovem, conquistando mais adesões que os formatos convencionais da mídia tradicional. Nesse panorama, destaca-se o potencial dialógico das novas mídias entre o público jovem habituado à comunicação em redes. Assim sendo, parece relevante refletir sobre a influência de formatos dessa natureza a favor da construção de um novo padrão de educação que aposta no desenvolvimento do protagonismo juvenil pela via do estímulo à consciência crítica e à autonomia.

Diante desse desafio, acredita-se que em uma relação complementar entre mídia e aprendizagem, o *podcast* tende a apresentar um potencial significativo a ser explorado pela interface Comunicação/Educação. As produções existentes dialogam de maneira mais favorável com o jovem em comparação com as superproduções ortodoxas da televisão (programas de discussão em geral, documentários sobre problemas da sua realidade, entre outros), bem como os bate-papos distantes da experiência do adolescente disponíveis no rádio.

Sendo assim, ao apresentar essa possibilidade ao estudante, o docente se aproxima do jovem, mostra os recursos em oferta e estimula o protagonismo/autonomia latente, potencializando o interesse pelo

conhecimento. Dessa forma, o discente pode buscar programas de seu interesse no âmbito das disciplinas de sua matriz curricular (história, geografia, política e ciências), que agregariam valor à aprendizagem escolar de forma interessante, colaborando para o desenvolvimento do seu protagonismo e da sua postura crítica, fundamentais ao exercício da cidadania e à experiência da autonomia.

A independência presente nas iniciativas do estudante-protagonista quanto ao seu aprendizado é fundamental na sua vida dentro e fora da escola, visto que fomenta a autonomia ao procurar um conteúdo que, ao mesmo tempo, o agrada e contribua de alguma maneira para sua formação intelectual. Assim, o estudante ativo na construção do conhecimento desenvolve sua consciência crítica, guiando-se pela sua bagagem prévia de vida que determina seus interesses pessoais. Na atuação cidadã do jovem –e como um futuro adulto –esse senso crítico se mostra essencial, pois, a natureza questionadora não conformista contribui para o crescimento de um estudante autônomo, uma pessoa engajada em sua realidade. Dessa forma, o *podcast* como dispositivo educacional pode auxiliar no processo ensino-aprendizagem, constituindo-se um elemento potencializador do interesse dos jovens, evitando, em consequência, a evasão escolar frequente nessa fase de formação.

Diante dessa hipótese que norteia o nascimento da presente iniciativa de investigação, destaca-se a necessidade de refletir sobre os seguintes conceitos, que compõem a revisão de literatura deste projeto de pesquisa: educação, novas mídias, cidadania, protagonismo e consciência crítica.

Soares (2000), expoente da educação no Brasil, defende uma convergência dos campos educativo e comunicativo, a fim de auxiliar e dialogar com um novo tempo, um tempo onde as tecnologias competem com o ensino de uma forma desleal. Isso porque, segundo esse autor,

A hipótese central com a qual a pesquisa desenvolvida pelo NCE/ECA/USP trabalhou foi a de que efetivamente já se formou, conquistou autonomia e encontra-se em franco processo de consolidação um novo campo de intervenção social a que denominamos de inter-relação Comunicação/Educação” (SOARES, 2000, p. 21).

Descrevendo e analisando a nova conjuntura que Soares (2000) chama de pós-modernidade, o autor se mostra pessimista e aborda o conceito da educomunicação como um fórum de interdisciplinaridade em meio à realidade contemporânea, onde a comunicação ganha importância. No cenário deste projeto, a educomunicação é o pilar principal. A ideia de uma aproximação do aprendizado por meio da adoção de mídias que fogem do convencional é a essência desta proposta dedicada ao desenvolvimento da consciência crítica e da autonomia no estudante secundarista. Tratando ainda da importância do incentivo à participação estudantil ativa no processo ensino-aprendizagem, a rede pública carece de investimento intelectual em comparação com o sistema privado. E, dessa forma, a educomunicação aparece como uma possibilidade concreta e alcançável.

Entretanto, para que um campo estabelecido de conhecimento se consolide na vida desses jovens, faz-se necessária uma energia que os impulse para frente rumo ao seu ideal. É a essa força que emerge da interface Comunicação/Educação que chamamos protagonismo.

O conceito de protagonismo pode abordar diferentes interpretações. Segundo Zibas, Ferretti e Tartuce (2004),

“ação cidadã” e/ou a “preparação para tal tipo de ação” constituem o cimento semântico que une as diferentes expressões que diversos estudiosos usam para nomear e discutir o envolvimento de jovens em seu contexto escolar, social e/ou político (ZIBAS, FERRETTI; TARTUCE, 2004, p. 414).

Tangenciando as temáticas de “participação social”, “intervenção social” e “cidadania”, o protagonismo jovem atende aos anseios de uma nova geração, que, por sua vez, convive com mais oportunidades de fala e reconhecimento.

Desse modo, o protagonismo quando aplicado a este projeto, na-vega no campo dos objetivos. Pois, assim como as atividades extraclasse, o incentivo ao esporte e à política dentro da escola, a possibilidade da utilização do *podcast* como mídia alternativa no processo de ensino-aprendizagem busca despertar o senso de cidadania no estudante, potencializando seus interesses e sua atuação no meio em que vive. A participação política do jovem andarà ao lado da cidadania, complementando-se e fundamentando o desenvolvimento deste projeto.

Para Biz (2012), a relação entre mídia e cidadania é um caminho de mão dupla, pois, “o exercício da cidadania depende da informação; por isso, ela precisa ser correta, honesta; momento importante para que a mídia, em vez de “vender” um candidato, trabalhe em favor da cidadania, auxiliando na educação política da sociedade” (BIZ, 2012, p. 40).

Esse autor percebe a mídia com um mecanismo de mudança social, que além da função informativa, contribui para o desabrochar de uma consciência crítica na comunidade. E assim, o exercício da cidadania seria mais comprometido com seu contexto imediato, já que, segundo Biz (2012), a cidadania é permeada fortemente pela consciência crítica. Adicionalmente, a oralidade é algo que agrega valor na formação dessa consciência, pois passa por um processo conturbado de estabelecimento. A cidadania desse modo dialoga com as diferentes mídias, a fim de que a construção da consciência crítica se implemente. Para Ferrari (2016), “a educação tem importância na formação da consciência crítica. É por meio de ambas que as pessoas construirão sua criticidade, fato que possibilita aos indivíduos serem autores de sua própria história e não apenas espectadores de sua vida” (FERRARI, 2016, s/p).

A consciência crítica seria a entidade conceitual que estabelece a ligação entre todos os conceitos da revisão de literatura dessa investigação científica, apontando para o desenvolvimento da autonomia no cidadão. Por meio dela, o jovem consegue elevar seu padrão de qualidade de vida, bem como engajar na realidade a sua participação social através de uma atitude protagônica. Por isso, a possibilidade de autonomia no processo de aprender a aprender enriquecida pela consciência crítica faz-se necessária em todas as áreas de atuação do homem contemporâneo.

No âmbito deste projeto, a consciência crítica se mostra como elemento agregador, essencial no exercício da cidadania. Quando jovens da Rede Pública de ensino são abordados por desafios diante do seu processo formativo, a importância da consciência crítica é potencializada. Assim sendo, o intuito desta iniciativa de investigação é o uso da mídia *podcast* como dispositivo para o desenvolvimento dessa consciência crítica por meio do acesso customizado à informação. Trabalhando com alunos da rede pública de ensino, essa estratégia motivadora pode influenciar positivamente o desempenho do jovem tanto como estudante, quanto como cidadão, se considerarmos a utilização pessoal de dispositivos midiáticos dentro dos padrões e do tempo dos discentes do ensino médio da rede pública de ensino da região Campo das Vertentes.

Objeto e metodologia de pesquisa

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, que indica tendências em direção às possibilidades de consolidação da autonomia estudantil viabilizada pela utilização dessa tecnologia simples, barata e de fácil acesso, mas ainda pouco utilizada dentro e fora da sala de aula como recurso didático. O universo desta pesquisa é composto pelos *podcasts* educativos em português, elaborados por brasileiros. Contudo, nesta investigação, o enfoque será dado aos programas que têm relação com as disciplinas do ensino médio formal. Ou seja, *podcasts* que tratam

de assuntos tais como química, física, história, geografia, biologia, literatura, filosofia, sociologia, matemática e português.

Esse estudo de caso se compõe das seguintes fases: levantamento dos *podcasts* que compõem a amostra de pesquisa indicada; tabulação dos dados aferidos; identificação das variantes que se repetem na listagem dos *podcasts* em foco; categorização das evidências; análise do conteúdo dessas variáveis constantes à luz dos princípios que regem o conceito de educomunicação.

Tabulação e interpretação dos dados

No cenário pesquisado existe uma presença predominante de podcasts iniciados em 2019 (dez dos 22 programas), conforme mostram os dados da tabela 1.

Tabela 1: Relação dos podcasts, ano de origem, atividade, duração e produção

<i>PODCASTS</i>	ANO DE ORIGEM	ATIVO	DURAÇÃO (EM MIM)	PRODUTORA
ENCRUZILHADAS	Ago / 2019	Sim	25 – 35	Central 3
PRESIDENTE DA SEMANA	Abr / 2018	Não, inativo desde outubro de 2018	20 – 60	Folha de São Paulo
CLUBE DO LIVRO POR ANTONIO FAGUNDES I	Set/2019	Sim	10	G
MARCA TEXTO	Mai/2019	Não, inativo desde julho de 2019	30 – 45	Guia do Estudante e Curso Anglo
GUIA DO ESTUDANTE - ATUALIDADES	Out/2018	Sim	20	Guia do Estudante e Curso Anglo

FRONTEIRAS INVISÍVEIS DO FUTEBOL	Out/2015	Sim	80 - 140	Central 3 em parceria com o blog Xadrez Verbal
RÁDIO ENEM	Fev/2019	Sim	10 – 30	Não há
FILOSOFIA POP	Mai/2015	Sim	60 – 100	Não há
ESCRIBA CAFÉ	Set/2014	Sim	25 – 40	Escriba Café
DRAGÕES DE GARAGEM	Set/2012	Sim	80 – 120	Portal Dragões de Garagem
LÍNGUA LIVRE	Abr/2019	Sim	100 – 130	Não há
HISTÓRIA NO CAST	Abr/2019	Sim	60 – 90	Blog História no Paint
CAIXA DE HISTÓRIAS	Jun/2015	Sim	30 – 80	B9
ENEM SEM FRESCURA	Fev/2019	Sim	5 – 10	Não há
NARUHODO	Ago/2016	Sim	30 – 45	B9
HISTÓRIA FM	Mai/2019	Sim	80 – 120	Leitura Obrigatória História
ALÔ, CIÊNCIA?	Ago/2016	Sim	45 – 95	Não há
FRONTEIRAS NO TEMPO	Jul/2014	Sim	60 – 120	Portal Deviante
FRONTEIRAS DA CIÊNCIA	Jun/2010	Sim	30	Rádio da Universidade (UFRGS)
SCICAST	Nov/2014	Sim	90 – 120	Portal Deviante
SERENDIP – CIENTISTAS INFALÍVEIS	Jan/2019	Sim	20 – 30	A Ciência Explica
SINAPSE	Fev/2019	Sim	50 – 60	Ciência Todo Dia

Fonte: CBONFIM, RESENDE E REIS, 2020

A partir da análise dos dados da tabela 1 e considerando o *podcast* como uma mídia em expansão é perceptível o aumento da produção e da diversidade de *podcasts* educativos. O acesso democrático a essa mídia livre permite a criação de *podcasts* independentes, como o *ENEM Sem Frescura*

(2019), mas, ao mesmo tempo, nota-se uma maior presença de produtoras como o Gshow, do Grupo Globo, que produz o *Clube do Livro por Antônio Fagundes* (2019) e a Central 3 que produz o *Encruzilhadas*, (2019).

É relevante destacar que a entrada de veículos transmidiáticos e o crescimento de produções independentes provocam o *boom* na produção de *podcast*. Contudo, o número de produções varia conforme o ano de criação; 2015 com três programas; 2014, 2016 e 2018 com dois; e 2005, 2010 e 2012 com um *podcast*. Desse modo, percebe-se a popularização dos programas e formatos na última década. A produção de programas com temas variados, como o *Nerdcast*, mostra que a podosfera se fortaleceu nos últimos anos. Adicionalmente, pode ser feita uma relação entre alguns desses programas, pois, o *Fronteiras da Ciência* (2010), o *Dragões de Garagem* (2012), o *Scicast* (2014), o *Alô, Ciência?* (2016) e o *Naruhodo* (2016) são *podcasts* antigos e que se assemelham, na medida em que tratam a ciência em diferentes frentes, com uma variedade de áreas e programas com assuntos diversos. E, são esses os cinco *podcasts* analisados e categorizados como *podcasts* que tem ciência como assunto principal.

Assim, esse fenômeno do *podcast* “amplo” como canal de comunicação é percebido nestas cinco produções desenvolvidas entre 2010 e 2016, que fidelizam o público que acompanha os programas independentemente do assunto ou do conteúdo retratado nos episódios. Percebe-se isso na longevidade dos *podcasts* em questão cujas produções veiculam uma vasta quantidade de matérias do ensino médio formal.

Ao analisar os assuntos dos *podcasts* coletados, nota-se um número elevado de *podcasts* sobre história, sendo que 13 estão de alguma forma relacionados com a matéria História, e seis trazem a história como tema principal. Por outro lado, as ciências exatas não possuem apenas três *podcasts* que dialogam com a Matemática, mas em nenhum ela é apresentada como assunto principal. Já as outras matérias de Ciências Humanas e Linguística também aparecem de forma significativa nos *podcasts*: Socio-

logia sete, Geografia e Literatura cinco, Português quatro e Filosofia três vezes; Biologia e Química aparecem com seis e Física com sete *podcasts*.

É importante destacar que os cinco *podcasts* sobre Ciência, mencionados anteriormente, elevam o número destas três matérias últimas matérias, uma vez que estão relacionados a seus respectivos conteúdos. A predominância da matéria História é perceptível e pode ser explicada de diversas formas. A difusão do *podcast* em áudio, propício para ensinamentos orais dificulta de certa forma o ensinamento de matérias como Matemática e algumas áreas da Física, Química e Biologia, que necessitam de uma explicação visual, normalmente realizada em quadros, além de exercícios de fixação de aprendizagem para os estudantes. Além disso, a História também, de certo modo, é uma matéria com um caráter vivo, político e social, onde sua difusão passa não apenas pelo engajamento formal para a vida estudantil, mas como um interesse social, exemplificado em *podcasts* como o *Presidente da Semana* (sobre os presidentes da história brasileira) e o *Encruzilhadas* sobre a formação da identidade social e urbana brasileira.

Adicionalmente, há quatro programas cujo foco é o Exame Nacional do Ensino Médio: *ENEM Sem Frescura*, *Rádio ENEM*, *Marca Texto e Guia do Estudante – Atualidades*. Neste grupo, pôde-se perceber uma semelhança no período de criação dos *podcasts*. O *ENEM Sem Frescura* e o *Rádio ENEM* foram criados em fevereiro de 2019, seguindo o calendário letivo. Já o *Marca Texto* se distingue por ter sido criado em maio de 2019 com o objetivo de preceder a prova da Fuvest do mesmo ano. O *Guia do Estudante – Atualidades*, por sua vez, foi iniciado em outubro de 2018, período em que são procurados resumos e materiais que condensam prováveis temas que podem ser cobrados no ENEM.

Desse modo, pode-se perceber uma variedade de formatos, temas e produções educacionais nos *podcasts*. Contudo, notou-se um padrão de alguns programas, como os sobre Ciência, percebendo-se a

predominância das Ciências Humanas com destaque para História; com relação ao surgimento dos podcasts educativos, o período do ano mais comum é fevereiro; ressalta-se também o crescimento de programas educativos no ano de 2019.

Para evidenciar a natureza educomunicativa do *podcast* como mídia, é preciso relacionar estes programas com alguns dos princípios que regem a educomunicação.. Baseando-se na revisão de literatura da base teórico-conceitual do projeto em questão, elegemos alguns princípios do referido campo de pesquisa para atuarem como categorias de análise na interpretação de dados. São eles: tom dialógico, informalidade, hipertextualidade e bagagem prévia.

O tom dialógico consiste na realização de uma comunicação horizontal entre os participantes do processo comunicativo. Dessa forma, a conversação é mais interessante, porque exhibe características de realidade, ao permitir um intercâmbio de experiências genuínas entre os produtores do *podcast* e seus ouvintes. Tal proximidade permite a percepção de que ambos os agentes desse processo comunicativo estão no mesmo nível: os organizadores prepararam um conteúdo, que é enriquecido com as experiências prévias dos ouvintes, atuando como ilustrações, exemplos do que está sendo discutido. Nesse tipo de interação, conteúdos educativos se relacionam de forma mais ativa com a realidade dos estudantes, diferentemente da lógica do ensino formal, quando, em geral, o professor decide o roteiro, o planejamento de uma aula, onde as interferências não são estimuladas, provocando o desinteresse.

No que se refere à informalidade, percebe-se que a natureza informal dessa mídia em estudo atua como um atrativo para os jovens, tendo em vista que esse grupo social tem preferências por modelos de organização da vida menos formais, que, para eles são, no mais das vezes, previsíveis e, por isso mesmo, maçantes. Por outro lado, a falta de previsibilidade do formato *podcast* promove a curiosidade, estimula a

participação que, via de regra, fomenta a criação de redes de discussão para debater sobre temas interessantes. Além disso, a informalidade faz parte da vida da juventude tanto na escola, quanto nos ambientes virtuais, incitando-os à ação colaborativa para a solução de seus problemas. Adicionalmente, o padrão informal estimula a leveza nos conteúdos em estudo porque não repete o padrão das mídias convencionais. Em consequência, o interesse do estudante é mobilizado porque a atmosfera em curso não implica em obrigação, dever, disciplina rígida. Vigora uma mescla de prazer e entretenimento. Esse interesse do ouvinte é a força motriz de sua curiosidade, razão pela qual ele passa a atuar como agente ativo (protagonista) em seu processo de busca de informação e/ou produção de conhecimento.

Geralmente, nos *podcasts*, os episódios não são sequenciais; então o interesse dos consumidores pode levá-los a diferentes programas em diferentes áreas, assemelhando-se a um contexto de hipertextualidade, no qual o itinerário é definido por processos de associações de ideias, nada sistemáticos, aparentemente desordenados, mas absolutamente pessoais, tendo em vista serem definidos pelas vivências anteriores dos participantes. Por isso mesmo, tais episódios, na maioria das vezes, tratam de conteúdos independentes, ou seja, o receptor não precisa seguir a ordem dos programas analogicamente para entender o assunto em pauta. Isso significa que as edições costumam discutir separadamente temas preestabelecidos, que podem ou não ter relação com os programas seguintes; contudo, em termos de estrutura, cada episódio constitui um conteúdo completo em si mesmo, com começo, meio e fim. Dessa forma, o ouvinte não perde o interesse, pois cada unidade mantém a completude em si mesma. Então, vale a pena continuar seguindo o *podcast*.

Quanto à bagagem cultural, poder-se-ia afirmar que os episódios se relacionam com os ouvintes por meio da contribuição pessoal de cada receptor, respeitando-a e procurando agregá-la ao tema proposto por meio

do dialogismo. Dessa forma, emissor e receptor entendem que cada programa é único por causa da experiência agregada de cada um. O destaque a cada uma dessas vivências, torna-se penhor de respeito, pelo fato de ser divulgada e incluída no cômputo geral dos conhecimentos discutidos na iniciativa em foco. Dessa forma, a ação participativa resulta em rede colaborativa enriquecida continuamente pela presença dos ouvintes.

Assim o intercâmbio tem uma conotação mais amigável, ao estabelecer pontes reais entre o conteúdo (informação) e a vida cotidiana do receptor (experiência). No caso dos *podcasts* educativos, essa interface aproxima, definitivamente, o saber erudito/acadêmico do saber popular, demonstrando a relevância de ambos os registros culturais originários de diferentes contextos, vivências e realidades socioculturais em processos ensino-aprendizagem.

Considerações gerais

Diante do exposto, podemos perceber que esse ecossistema comunicativo implementado por tais princípios da educomunicação, tendem a concorrer crescentemente para a formação de estudantes protagonistas que conseguem desenvolver padrões de autonomia em ambientes de educação à distância. Tal fato pode ser verificado quando são capazes de articular a teoria recebida com vivências práticas, aquisições triviais para aqueles que se habituam a utilizar essa nova mídia a fim de estudar ou fixar aprendizagem. Por isso mesmo, estabelecem relações verticais em ambientes de ensino formal, ao invés de se ater às trocas com aqueles do mesmo estágio ou período.

Ou seja, os adeptos dos *podcasts* dialogam, se relacionam e/ou buscam conhecimentos com indivíduos de diferentes níveis, tendo em vista o hábito de conversar tanto com pesquisadores/especialistas, quanto com aprendizes que precisam da sua ajuda para participar de tais fóruns. Assim sendo, o costume de buscar esclarecimentos com quem

pode lhes ajudar na construção do conhecimento é estimulado, assim como a capacidade de ensinar àqueles que estão com dificuldade para entender situações já conquistadas. Essa autonomia de transitar em ambientes diversos aquém ou além de suas experiências, tendem a formar líderes, no sentido de que se apropriam dos desafios para a construção do conhecimento empregando para isso toda a energia aprendida no trânsito entre pessoas e/ou realidades diversas.

O estudante protagonista consegue perceber que o processo ensino-aprendizagem não se restringe aos ambientes formais, à escola, ao horário da aula a distância. Prova disso, é que busca fora desses espaços de tempo, ocasiões de aprofundamento. Sua atitude participativa grangeia-lhe, nesses contextos, o acesso a pessoas, informações, grupos de estudo que demandam uma atitude constante de busca e vigilância na construção de um caminho por vezes custoso, mas, em geral, extremamente prazeroso, quando ele aprende a se superar constantemente em busca da transformação de seu contexto imediato, promovida pelo acesso à capacidade de aprender a aprender... A ser autônomo na construção de seu destino! A vida na podosfera dá trabalho, mas vale a pena.

REFERÊNCIAS

BIZ, Osvaldo. Mídia, educação e cidadania. In: OLIVEIRA. Maria Olívia de Matos; PESCE. Lucila (Orgs). Educação e cultura midiática. Salvador: Eduneb, 2012. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/renatadesousa33/educacao-e-cultura-miditica-volume-i>. Acesso em: 20 mai. 2020.

FERRARI, Douglas. Consciência crítica e tipos de conhecimento. Debate Continuoado. 2016. Disponível em: http://debatecontinuoado.blogspot.com/2016/03/consciencia-critica-e-tipos-de_16.html?m=1. Acesso em: 20 mai. 2020.

PEREIRA, Clara Coutinho; ALVES, Manuela. Educação e sociedade da aprendizagem: um olhar sobre o potencial educativo da internet. Revista de Formación e Innovación Educativa Universitaria. vol. 3,. nº 4, 206-225, 2010. Disponível em: http://refiedu.webs.uvigo.es/Refiedu/Vol3_4/REFIEDU_3_4_4.pdf. Acesso em: 20 mai. 2020.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. Comunicação & Educação, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 12-24, 2000.

ZIBAS, Dagmar M. L. FERRETI, Celso J.; TARTUCE, Gisela Lobo B. P. Micropolítica escolar e estratégias para o desenvolvimento do protagonismo juvenil. Caderno de Pesquisa, São Paulo, v. 36, n. 127, p.55-85, jan./abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n127/a0436127.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2014.

CAPÍTULO 5

DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA O ENSINO SUPERIOR PRESENCIAL E ON-LINE PÓS-PANDEMIA GLOBAL 2020: PERCEPÇÕES DOS ALUNOS

Dayse Maciel de Araújo

INTRODUÇÃO

A pandemia de 2020 custa vidas em todo mundo. Até 14/06/2020, de acordo como Boletim Completo emitido pela Fundação Seade (órgão da Secretaria de Planejamento e Gestão do governo do estado de São Paulo), no Brasil há mais de 867 mil contaminados e passa de 43 mil óbitos em decorrência da contaminação, em um panorama no mundo que registra quase 7,9 milhões de contaminados e mais de 433 mil óbitos associados ao vírus Covid-19.

O impacto econômico global, sem precedentes no mundo desde a crise econômica de 1929, afetou também o Brasil. O Boletim Focus divulgado pelo Banco Central em maio de 2020 trouxe uma expectativa de queda de 5,89% do PIB e a estimativa do Ministério da Economia projeta uma perda de 4,7% na economia em 2020.

Vive-se em um grau elevado de incerteza que é crucial também para o campo da Comunicação e Educação. E neste contexto, não se fazem previsões, estabelecem-se cenários. É importante ter um foco e um horizonte temporal, mas sem pretender antecipar fatos, pode-se antecipar princípios. Houve um choque na educação. De acordo com o acompanhamento da Unesco que divulga o relatório *Covid-19 Impact on Education* aproximadamente 1,4 bilhão de estudantes de todo o mundo ficaram em casa. As universidades fecharam os câmpus e passaram a de-

envolver atividades on-line, o que no Brasil afetou aproximadamente 8,5 milhões de estudantes do Ensino Superior.

O objetivo deste artigo é descrever as percepções de alunos de cursos de graduação do Ensino Superior, que durante o período de isolamento social passaram da atividade presencial para o encontro on-line em salas de discussão do *Google Meet*, *Zoom*, *Blackboard* e *Canvas*. Os depoimentos foram coletados por meio de pesquisa empírica enviada por e-mail e por aplicativos de redes sociais na primeira semana de junho de 2020. Os dados coletados foram interpretados a partir de referenciais teóricos da interface Comunicação e Educação.

Será que nada será como antes? Ou apenas se acelerou o futuro? Alguns teóricos apontam que o *blended learning* aumentará significativamente e a educação on-line será uma prioridade estratégica em todas as instituições, sejam elas públicas ou privadas, porque a qualidade será um fator de seleção e de maior disparidade entre as instituições.

Pretende-se observar criticamente como se apresenta a oportunidade única de pensar e fazer diferente para resolver antigos problemas com novas ferramentas. O sistema do Ensino Superior público e privado pode fazer escolhas certas antecipando o que o futuro pode trazer de bom. As atividades realizadas em tempo real pela internet resolveram a necessidade de manter o distanciamento social, diversificaram os canais de comunicação e têm o benefício de ser mais favorável à sustentabilidade do meio ambiente.

Contexto do Ensino Superior no Brasil

O Instituto Semesp (Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior no Estado de São Paulo) lançou em maio de 2020 a 10ª edição do Mapa do Ensino Superior no Brasil, publicação anual que oferece um panorama completo da educação superior das redes privada e pública do país, por regiões, estados e suas mesorregiões.

Em relação às matrículas presenciais e no Ensino a Distância (EaD), o Mapa mostra que o setor do ensino superior segue a tendência apontada nos últimos anos, com queda do número de estudantes nos cursos presenciais e aumento de estudantes na modalidade EaD. Porém, o crescimento da modalidade EaD tem acontecido em virtude de uma migração de alunos dos cursos presenciais do turno noturno para o EaD. A taxa de escolarização líquida (17,9% dos jovens entre 18 e 24 anos) corresponde a aproximadamente 8,4 milhões de estudantes, percentual considerado baixo e ainda distante da meta estabelecida pelo Programa Nacional da Educação (PNE), que determina taxa líquida de 33% até 2024.

Quanto maior a classe social, maior a possibilidade de cursar o ensino superior: 61,9% dos jovens de 18 a 24 anos são da classe A (que possuem renda domiciliar de mais de oito salários mínimos) e frequentam o ensino superior, enquanto apenas 10,5% dos jovens da classe E (com renda domiciliar de até meio salário mínimo) acessam uma graduação. Três a cada quatro alunos de 18 a 24 anos da classe C que frequentam o ensino superior estão matriculados em uma IES privada.

A expectativa do formato de aulas no período pós-pandemia, que se está convencioneando denominar o “novo normal”, deve incluir EaD no ensino superior presencial. As matrículas para EaD cresceram 16,9% de 2017 para 2018; no período de 2009 a 2018, o aumento foi de 145%. Apesar da evolução da EaD, os alunos matriculados em cursos presenciais são maioria: 75,7% em 2018.

Segundo projeções do Semesp, a pandemia do novo coronavírus deve contribuir para elevar a taxa de evasão no ensino superior para 34,1%.

Pesquisa empírica com estudantes do ensino superior

Em junho de 2020 foi realizada pesquisa empírica exploratória com estudantes do ensino superior privado que, subitamente, tiveram

suas aulas de cursos presenciais migradas para o ambiente da internet. O questionário semiestruturado foi construído com a ferramenta *Google Forms*, o link para o preenchimento foi divulgado por e-mail e pela plataforma *WhatsApp*.

Foram recebidas 75 respostas, todas de moradores do estado de São Paulo: 48% são do sexo feminino e 52% do masculino.

Os estudantes cursam Tecnologia da Informação (26), Psicologia (24), Marketing (10), Pedagogia (3), pós-graduação em Custos (3), pós-graduação em Formação Integral (2), Publicidade e Propaganda (2), Farmácia (2), Engenharia (2), Gestão Internacional (1). Quanto à faixa etária, dezoito têm mais de 40 anos e os demais encontram-se com idades até 39 anos. Em relação à renda familiar, 20% contam com renda até R\$ 2 mil; 23% entre R\$ 2,1 a 5 mil; 37% entre R\$ 5,1 a 10 mil; 17% acima de R\$ 10 mil; e o restante não declarou. Aproximadamente 41% têm companheiro fixo (16% estão em relacionamento sério e 25% são casados) e os demais são solteiros.

Familiaridade com ensino formal ministrado pela internet

A maioria, em torno de 72%, não tinha experiência em curso on-line formal e intensivo, isto é, concluído com aulas de 4 horas pelo menos uma vez por semana durante 4 meses e, quase todos (89%), quando começaram as aulas on-line tiveram um computador ou smartphone para o seu uso exclusivo em seu local de estudo. Entretanto, 9%, às vezes, não tiveram equipamento para uso exclusivo, uma pessoa reportou que o seu computador falhou no período e outra relatou que nas aulas demonstrativas era quase impossível acompanhar o conteúdo em uma tela de cinco polegadas.

Uma parcela significativa (19%) teve dificuldade no começo em relação ao seu aprendizado. Entretanto, 40% não tiveram dificuldade

para utilizar os recursos tecnológicos da plataforma de ensino online e os demais disseram que apesar de sentir um pouco de dificuldade no início, depois aprenderam rápido.

Reflexos na aprendizagem comparando as aulas presenciais com as on-lines

Em torno da metade (50%) opinaram que o aprendizado foi muito pior (21%) ou pior (29%) na modalidade de aulas on-line; 25% perceberam que não foi melhor e nem pior, enquanto o restante acredita que o aprendizado foi diferente, por diferentes razões, dentre elas a dificuldade de se concentrar e a interferência no ambiente doméstico:

“Dificuldade de prestar atenção e me concentrar, preguiça de tirar dúvidas”; “as aulas em EaD são mais cansativas e a dispersão de outros estímulos na minha casa me atrapalham”; “na aula presencial eu absorvia o conteúdo apresentado pelo professor, e era suficiente para as avaliações. Na aula on-line, preciso aprender através dos livros indicados pelo professor, pois ele não está disponível para dúvidas nos momentos em que posso estudar... e não dá para esperar as respostas dos tutores, pois demoram muito”; “quando eu queria prestar atenção eu me concentrava e conseguia absorver o conteúdo tranquilamente. Quando eu não estava a fim de prestar atenção não prestava nem quando era presencial, então achei que foi igual”; “principais dificuldades foram nas disciplinas da área de exatas”.

Alguns estudantes apontaram a perda de conhecimento em relação ao conteúdo, principalmente os relacionados às atividades práticas em clínicas ou laboratórios:

“Considerando que estou no estágio final do curso é esse requer aprendizado prático(estágio), o aprendizado online não atinge a necessidade das aulas práticas, acarretando prejuízo com certeza”; “pois existia coisas que eu não entendia mesmo”; “a principal diferença é que não tive contato presencial com

os pacientes, muitos outros trabalhos de leitura e pesquisa foram realizados onde não deixei de aprender, mas com certeza se o ensino fosse presencial, todo o contexto e ritmo de amizade seria diferente.”

Alguns entrevistados ressaltaram que o conteúdo e a interação proposta, por alguns professores, fizeram diferença positiva em sua aprendizagem:

“O método utilizado pelos professores foi muito bom e parecido com os presenciais. Tivemos como falar, discutir e fazer atividades com os professores”; “a participação de alguns alunos é menor (o que diminui o debate, a troca, portanto). Não foi possível realizar estágio obrigatório e esse foi o grande problema. Aulas online costumam ser mentalmente mais cansativas. De qualquer forma, também depende do professor: alguns deram aula melhor no ambiente online, outros pioraram na comparação com a modalidade presencial.”

As fontes de renda e o pagamento da faculdade

Quando começou a pandemia 64% não teve a intenção de cancelar a matrícula do curso e continuou a pagar a mensalidade em dia, uma parte (15%) faltou alguns dias no início, mas não desistiu. Entretanto, 21% tiveram dificuldade financeira: estão em atraso (12%) ou tiveram de solicitar desconto (9%).

Para continuar a se manter na faculdade, após ser demitido de um emprego que estava sem registro em carteira de trabalho, um estudante relatou que vive de “bico” para pagar a escola e “manter algumas coisas dentro de casa”. Já outro estudante teve de recorrer a financiamentos estudantis e outra pessoa passou a contar com o seguro desemprego. Um relato mencionou a necessidade de vender o carro e de “correr e arranjar um micro para continuar os estudos”.

O acesso à internet durante as aulas online

A maior parte (71%) não teve dificuldade para acessar e permanecer conectado pela internet nas aulas online da sua instituição de ensino. O restante (29%) relatou que teve dificuldade, principalmente relacionadas à qualidade da infraestrutura das operadoras em sua região, pela instabilidade do sistema adotado pela Instituição de ensino ou ainda pelo acúmulo de pessoas no domicílio utilizando as mesmas fontes de transmissão de dados digitais:

“Conexão da internet ou problemas com a plataforma da universidade.”; “Sistema do wi-fi, teve dias que acabou a luz da rua”; “Sem wi-fi por 3 semanas”; “Velocidade de internet, pois todas as pessoas permanecem em casa usando ao mesmo tempo.”; “No mês de março e maio a provedora de internet sofreu um ataque hacker e eu fiquei 5 dias sem aula”; “Em algumas aulas o sinal caía sempre, a voz do professor sumia e isso prejudicou meu entendimento sobre o assunto que iria para o trabalho final, o que me prejudicou bastante.”

Outro tipo de dificuldade relacionou-se ao sistema adotado e orientação pela instituição de ensino que causou atraso para acessar a aula remota:

“Não consigo acessar as aulas on-line pelo Google Chrome, na primeira aula perdi algum tempo até descobrir que o acesso só seria possível por outro provedor de internet.”

A dinâmica de aprendizagem nas aulas online: aspectos positivos

Com relação à participação durante as aulas on-line, 57% dos entrevistados disseram que tiveram oportunidade de fazer perguntas, de participar ativamente, de dar sugestões em relação ao conteúdo. Uma parcela (23%) alegou que às vezes participava e, às vezes, apenas ouvia a

aula e 9% declarou que não havia espaço para participar, a aula era totalmente expositiva. Observa-se que houve valorização de ferramentas de comunicação por meios digitais em alguns depoimentos:

“Há um espaço para perguntas e comentários, um chat, o coordenador do curso gerência essas mensagens junto ao professor. Em várias aulas, houve a divisão em grupos para discussão, uma ferramenta do Zoom [...] fóruns de dúvidas”; “as aulas são bem interativas; “lives” complementares”; “através dos sites disponibilizado pela faculdade”; “propiciou reflexões, no meu caso tratava-se de grupo menores de estagiários, todos nós participávamos”; “oportunidade de copiar ou tirar “prints” do que o professor está demonstrando”; “interagir com os exercícios online”; “os recursos visuais são mais interessantes”; “consultar outras fontes de conhecimento”; “fazer provas usando uma plataforma digital é bem melhor do que fazer a mão, por escrito”.

Ao serem solicitados para apontar aspectos positivos na aprendizagem comparando as aulas presenciais com as aulas on-line observou-se em primeiro lugar que houve ganho de tempo e praticidade (não pega trânsito, não se atrasa) para realizar as atividades a distância, o próprio uso de computador para realizar as tarefas beneficiou quem não levava notebook para as aulas presenciais e houve menção à maior quantidade/diversidade dos conteúdos.

“não ter que me deslocar e pegar trânsito, estar no conforto da minha casa, ter os materiais para estudo ao alcance, pode estabelecer minha própria dinâmica e rotina de estudo escolhendo o melhor horário para realizar as atividades e leituras”; “me ajuda com as contas já que não gasto com condução e alimentação fora de casa”; “sem preocupar-me com condução, chegar atrasado, possibilidades de violência como assaltos”; “Apenas foi mais prático assistir de casa”; “É possível ser mais pontual para as aulas, assim perdemos menos conteúdo. Estamos menos cansados para ouvir a aula”; “poder fazer no meu conforto de casa sem precisar me locomover ao meio da pandemia”; “As aulas on-line me permitem maior concentração”; “Mais tempo para fazer as atividades, privaci-

dade e vontade”; “ter muito mais tempo para ler e interpretar textos de diversos teóricos da psicologia”.

Outro aspecto positivo mencionado refere-se à maior interação entre os alunos e entre professor/alunos na aula on-line:

“ninguém interrompe o professor no meio da explicação para apontar o óbvio”; “Mais interação da sala nas aulas on-line”; “mais tempo e organização para lidar com as tarefas solicitadas”; “não tem interferência de conversas paralelas”; “estudar de forma remota facilita as correções de exercícios”; “O professor foi o mesmo da aula presencial, então a interação com os alunos foi bem parecida com o presencial”; “Às vezes telefonando para o professor depois. Ficou mais personalizado e ele dava mais atenção”; “o professor sempre deixa livre o espaço para perguntas e sempre responde (a maioria dos professores)”

Um aspecto apontado e muito relevante para a aprendizagem refere-se ao fato de a aula ser gravada, o que possibilita ao aluno assistir novamente ou fazer isso de forma assíncrona:

“Mais informações”; “se ficar com dúvida em ou não prestar atenção, dá pra voltar e rever o conteúdo”; “Consigo assistir mais de uma vez para entender melhor sobre a aula”; “aula gravada, dúvidas gerais”; “o aspecto positivo é que se por algum motivo precisasse faltar eu teria como acompanhar o conteúdo no dia seguinte.”

A dinâmica de aprendizagem nas aulas online: aspectos negativos

Algumas situações de rejeição às aulas pela internet se prendem, principalmente, a três situações. A primeira é a dificuldade de concentração. Neste sentido, Citelli escreveu três anos atrás que “a rapidez do acesso às informações, as intensas trocas de mensagens, a permanente conexão on-line, estão a carrear desafios às dinâmicas escolares (CITELLI, 2017, p.

14). Os depoimentos dos estudantes sobre a dificuldade de manter o foco nas aulas a distância podem ser ilustrados com os seguintes excertos:

“O ambiente da aula on-line desfoca, dúvidas demoram mais a serem respondidas, discussão em grupo é complicado”; “Exigência de concentração e despreparo de alguns professores.”; “a aula on-line torna mais cansativo, pois não é tão dinâmica como presencial, porém os professores conseguiram se adaptar e passar o melhor que eles podiam durante o período”; “carga horária de 4 horas fica muito cansativa, as aulas seriam mais bem aproveitadas se o tempo fosse reduzido”; “como aspectos negativos posso citar que, sendo uma pessoa visual, não por vezes, não consegui acompanhar o raciocínio do professor, me distraía mais facilmente, sentia mais sono e cansaço na frente do computador, assim como uma maior frequência de dores de cabeça”; “ruim, muito rápido, muita informação de uma vez só, as vezes não dá tempo nem de entender”; “ansiedade, distração”; “é muito ruim ficar o dia todo sentada trabalhando no home office e depois continuar sentada pra ter aula online. É cansativo e muito fácil perder o foco. Se não tiver uma forte motivação interna para prestar atenção na aula, você termina a aula sem ter absorvido nada.”; “a aula fica cansativa e repetitiva, nem todos participam e o professor passa mais tempo colocando um conteúdo sem participação de todos[...] vezes o professor não dá aula por estar com problema na conexão ou equipamentos”; “por estar em casa, outras coisas chamavam minha atenção, por exemplo, celular, barulho da rua”; “tive que me policiar mais”; “não tem como focar direito em tudo que o professor fala”; “não consigo assimilar os dois ambientes”.

O segundo ponto negativo relaciona-se com a alteração da rotina e o acúmulo de atividades domésticas durante o período de distanciamento social.

“Em casa é muito mais fácil de o aluno se distrair/ perder o foco fazendo com que os alunos participem menos”; “perda de foco muito rápido e intromissão dos familiares”; “as aulas presenciais são melhores devido ao foco e atenção, em casa os estímulos são diversos o que me fazia ficar mais aérea em

relação ao que estava sendo falado. Presencialmente a possibilidade de troca e discussão com os colegas é maior”; “distrações e sem ter que trabalhar/fazer almoço/tomar banho/cuidar do irmão tudo ao mesmo tempo”.

E o terceiro ponto de dificuldade com as aulas on-line situa-se no campo da comunicação interpessoal, face a face, há uma percepção de ficar mais focado em aulas presenciais nas quais também há troca de informações com colegas e professores e esclarecimento de dúvidas. Nesse sentido recorro à Hoff e Aires (2017) que salientam a importância dos trabalhos de Bakhtin (1985) para os estudos da comunicação “a qual é, antes de tudo, uma necessidade humana de interação e um processo de entendimento/diálogo entre sujeitos”. (HOFF; AIRES, 2017, p. 114).

“As aulas on-line são mais frias”; “não é possível fazer atividades em grupo durante a aula”; “não tem espaço para todos os alunos, alguns alunos que pontuavam muito bem nas aulas presenciais não comentavam quase nada nas on-line”; “os aspectos negativos com certeza se referem a ausência dos estágios práticos obrigatórios presenciais, ou seja, que envolvem um contato direto com os pacientes. Nas poucas experiências on-line que pude ter de atendimento ao paciente, me senti engessada, ou seja, com algumas possibilidades de intervenção reduzidas ou tendo de ser rEaDaptadas, o que em certos momentos me causou frustração”; “O fato de não poder atender na clínica escola”; “Contato com o professor. Isso faz total diferença”; “posso dizer que aulas presenciais têm o diferencial da interação quando ocorre, podendo sanar dúvidas com mais facilidade.”; “a aula presencial tem o “toque do contato” que favorece as relações. Os professores lamentaram muito a impossibilidade de aplicação de algumas dinâmicas, acredito que propiciariam um entrosamento e trocas mais profundas entre os participantes”; “é muito ruim não ter um professor para apontar em que estamos errando”; “a dinâmica entre professor e alunos, antes próxima e calorosa e atualmente um pouco mais distante”; “prefiro aulas presenciais pela troca com colegas, pelo dinamismo que a presença física traz, pela possibilidade de fazer estágio obrigatório e discutir os casos em sala de aula, pelo cansaço mental menor (já há até estudos mostrando que nos cansamos mais em aulas virtuais, me parece)”.

A valorização das aulas no ambiente físico da faculdade

Em sintonia com o pensamento de Diana Vidal, professora de História da Educação, e de Dóris Kowaltowski (2011), os estudantes afirmaram que o ambiente físico da faculdade faz parte dos elementos que interferem na relação de ensinar e aprender. Pode-se afirmar que o local físico é relevante e ensina, conforme as seguintes opiniões:

“Nas aulas presenciais o ambiente ajuda muito; todos estão lá por um objetivo comum, eu particularmente consigo ter mais foco”; “contato com o professor. Isso faz total diferença”; “aprendemos com as dúvidas dos outros na presencial”; “acredito que a desenvoltura e o ambiente acadêmico da universidade favorecem para o entendimento. Em muitas aulas online estava na minha cama, deitado não me sentia tendo aula”; “a aula presencial tem um engajamento maior, estar lá com a turma os amigos na presença do professor motiva mais a prestar atenção”; “nas aulas presenciais me sinto mais confortável em compartilhar dúvidas e sugestões com professor e com meus colegas, me sinto mais focada e tenho mais facilidade em entender”; “a aula presencial tem o “toque do contato” que favorece as relações. Os professores lamentaram muito a impossibilidade de aplicação de algumas dinâmicas, acredito que propiciariam um entrosamento e trocas mais profundas entre os participantes”; “prefiro aulas presenciais pela troca com colegas, pelo dinamismo que a presença física traz, pela possibilidade de fazer estágio obrigatório e discutir os casos em sala de aula, pelo cansaço mental menor (já há até estudos mostrando que nos cansamos mais em aulas virtuais, me parece)”; “nas aulas presenciais, caso haja necessidade de tirar dúvidas, elas são tiradas na hora enquanto na online devemos esperar o retorno do e-mail, o que às vezes demorava um pouco e em outros casos nem foram respondidos”.

Contudo, há comentários que remetem à revisão dos modelos de ensino e critérios de análise de perfil dos alunos que compõem uma

turma de discentes e que, aparentemente não tem relação com o fato da aula ser face a face ou pela internet porque os problemas seriam outros:

“Foram muitas tarefas repassadas causando uma sobrecarga na minha área acadêmica”; “muita gente desinteressada acaba atrapalhando quem quer aprender, no presencial”; “quando a aula é expositiva, não vejo diferenças significativas, na aula on-line, o conforto de estar em casa e a economia do tempo do deslocamento são aspectos positivos. A possibilidade de colocar dúvidas e comentários iguala a dinâmica de sala de aula. Vejo aspectos negativos na pequena diversidade de estratégias e dinâmicas de aula.”

Professores: receptividade das aulas pela internet

Sobre a atuação dos seus professores, a maioria (61%) reconheceu que os professores foram efetivos tanto na forma quanto no conteúdo ao ministrar as aulas on-line: 41% consideraram que os professores estavam bem preparados e ministraram bem a aula pela internet e 20% observaram que aos poucos os professores foram se adaptando e passaram a ministrar boas aulas.

“Todos os professores dedicaram-se igualmente para o nosso aprendizado.” “Preciso usar esse espaço para elogiar a adaptação dos professores nas aulas online, não é fácil nem prático, deve ser muito mais exaustivo também. Estão de parabéns por conseguir manter a qualidade da aula mesmo à distância.” “Os professores estavam com conteúdo preparados, mas se adaptando à nova realidade e para ministrar as aulas nem sempre foram bem, principalmente no início. Alguns de atrapalharam com a tecnologia.” “Trata-se de um momento novo para todos nós, logo todos tivemos que nos adaptar ao momento atual, essa adaptação acontece de forma diferente para cada um, alguns sentem mais dificuldades, outros nem tanto.”

Os que comentaram de forma negativa o conteúdo ou a maneira de ensinar dos professores (pela internet) mencionaram:

“Falta de preparação técnica, até os professores que são profissionais em TI, tiveram problemas, tanto técnicos quanto de raciocínio”; “Cada professor é um caso. Houve aqueles que estavam bem preparados e ministraram bem as aulas online, outros que não as ministraram bem, mesmo estando bem preparados.”; “Os professores não estavam preparados e demorou duas semanas para começar as aulas.”; “Uma ocasião onde o professor liberou um TEA sem explicar o conteúdo e ao ser questionado por mim se não seria prejudicial, ele me disse que deveria procurar respostas na internet, porém se for para estudar na internet eu tranco o curso, os conteúdos devem ser respondidos baseados no nível em que avançamos ainda mais se vale nota.”

Quando terminar o período de distanciamento social, a maioria (57%) afirmou que prefere as aulas no formato presencial e 28% optaria por metade das aulas no formato presencial combinadas com aulas remotas. Neste caso a expectativa é que a combinação de formatos reduza o valor da faculdade, há sensação de que as aulas online são mais baratas que as presenciais.

Nessa perspectiva trago o pensamento de Sibília que em 2012 acreditava que um novo tipo de escola, naquele momento, ainda em gestação. Oito anos atrás a preocupação encontrava-se no excesso de estímulos advindos da web 2.0 levando ao super estímulo de informações sem o tempo necessário para absorver tanto conhecimento. Esperançosa Sibília refletia que o ensino híbrido poderia dar “densidade à experiência, despertando entusiasmo e vontade de aprender, na medida em que recorra a um novo tipo de passividade ou lentidão para escapar da catástrofe do hiper movimento” (SIBILIA, 2012, p. 210).

Considerações finais

O isolamento social durante a pandemia trouxe para o campo da Comunicação e da Educação consequências imprevistas, mas também a oportunidade única de pensar e fazer diferente no ensino superior brasileiro com base na experiência vivenciada nesse momento.

As crises sempre acontecem, mas sempre terminam até que aconteça uma nova. Manuel Castells (2020) ressalta que esta é uma crise totalmente distinta das que vivemos anteriormente: “ela é multidimensional e global. Só podemos superá-la como humanidade, não um país contra os outros e muito menos um político contra o outro. O que está em jogo é nosso destino comum” (FUNDAÇÃO FHC, 2020, s/p). Cardoso (2020) defende enfaticamente que agora, diante da gravidade da pandemia, não basta falar e escutar: “preciso tomar ações concretas nas áreas da saúde, da economia, da educação. E principalmente apoiar a ciência e a tecnologia em programas de longo prazo” (FUNDAÇÃO FHC, 2020, s/p).

No horizonte dos próximos anos, os recursos de investimento na Educação vão competir com outras prioridades do campo da Saúde e da Economia do país. As dificuldades de contexto da infraestrutura de comunicação por meios digitais nas instituições de ensino e a necessidade de preparar o corpo docente para novos modelos de ensino nos leva a observar iniciativas criativas em discussão nas escolas do ensino superior da América do Norte, onde o cronograma de aulas é diferente do brasileiro.

Maloney e Kim (2020) discutem o modelo HyFlex, isto é, altamente flexível. Em um curso *HyFlex* os cursos são ministrados pessoalmente e on-line ao mesmo tempo pelo mesmo membro do corpo docente. Os alunos podem escolher se devem comparecer à aula ou se inscrever on-line. Para que o *HyFlex* funcione, a sala de aula precisa ser configurada com, no mínimo, uma câmera, recursos de videoconferência e alguma maneira de interagir com os alunos à distância. As aulas ao vivo são transmitidas ao vivo e podem ser gravadas para reprodução posterior. Os professores interagem com os alunos presenciais e síncronos online, através de plataformas como o *Zoom* ou o *Microsoft Teams*. As gravações das aulas podem ser complementadas por quadros de discussão assíncronos e outras ferramentas de colaboração no sistema de gerenciamento de aprendizado da instituição. As configurações

avançadas da sala de aula *HyFlex* podem incluir tecnologia na tela da sala de aula que permita aos professores ver e se dirigir aos alunos que participam da aula à distância.

Os sociólogos Castells e Cardoso (2020) defendem que “agora é o momento de fazer um esforço de transformação cultural e inventar formas econômicas e sociais que sejam factíveis e sustentáveis. É isso ou o caos!” (FUNDAÇÃO FHC, 2020).

REFERÊNCIAS

CITELLI, Adilson. Comunicação e educação: desafios temporais. IN: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 40, 2017. Anais [...]. Curitiba (PR), Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom, 2017. Trabalho 1353-1. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-1353-1.pdf>. Acesso em: 31 mai 2020.

CRITTENDEN, Victoria. L. (2020). *Educational Scholarship: the power of reflecting and sharing*. Journal of Marketing Education. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0273475320923556>. Acesso em: 31 mai 2020.

FUNDAÇÃO SISTEMA ESTADUAL DE ANÁLISE DE DADOS ESTATÍSTICOS (Fundação SEADE). SP contra o novo coronavírus: boletim completo. Secretaria de Planejamento e Gestão do Governo do estado de São Paulo. Disponível em: <https://www.seade.gov.br/coronavirus/>. Acesso em: 29 mai 2020.

FUNDAÇÃO FERNANDO HENRIQUE CARDOSO. O mundo sob a pandemia do novo coronavírus: um diálogo entre Manuel Castells e FHC. 2020. Debates. Disponível em: <https://fundacaofhc.org.br/iniciativas/debates/o-mundo-sob-a-pandemia-do-novo-coronavirus-um-dialogo-entre-manuel-castells-e-fhc>. Acesso em: 12 jun 2020.

HOFF, Tânia Márcia César; AIRES, Aliana Barbosa. Estudos de Comunicação e Consumo e análise de discurso francesa: inter-relações. *Líbero*, São Paulo, v. 20, n. 39, p.112-123, jan./ago. 2017.

KOWALTOWSKI, Doris C. C. K.. *Arquitetura Escolar: o projeto do ambiente de ensino*. v. 1. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

MALONEY; Edward J.; KIM, Joshua. *Fall Scenario #13: A HyFlex Model. The challenge of flexibility*. Disponível em: <https://www.insidehighered.com/blogs/learning-innovation/fall-scenario-13-hyflex-model>. Acesso em: 15 jun 2020.

MANO, Margarida. Episódio 3: desafios estratégicos do Ensino Superior pós-pandemia. Palestrante: Margarida Mano. Série: Como será a Educação Superior pós covid-19? Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior no Estado de São Paulo (SEMESP). Disponível em: <https://www.semesp.org.br/video-news/?v=8b648d67a1a1e65dd61ae455a3fea3d1>. Acesso em: 31 mar 2020.

NUNES, Ana Carolina. *Formas em harmonia*. Ensino Superior, São Paulo, ed. 227, 2 abril 2018. Disponível em:

<https://revistaensinosuperior.com.br/espaco-e-harmonia/>. Acesso em: 12 set 2020.

SIBILIA, Paula. A escola no mundo hiperconectado: redes em vez de muros? *Matrizes*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 195-211, jan./jun. 2012. Disponível em: http://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2015/08/A-escola-no-mundo-hiperconectado_-Redes-em-vez-de-muros.pdf. Acesso em: 15 jun 2020.

UNESCO. *Covid-19 Impact on Education*. Disponível em: <https://en.Unesco.org/covid19/educationresponse>. Acesso em: 29 maio 2020.

CAPÍTULO 6

COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO CONTEXTO DA PANDEMIA

Diva Souza Silva

INTRODUÇÃO

Fomos todos surpreendidos com o anúncio de que vivíamos uma pandemia, pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em março de 2020. Era o coronavírus (Covid-19) que iniciou na China e foi ganhando espaço, lugares, pessoas em todos os continentes, sem escolha de sujeitos ou cenários. Na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) havíamos há pouco iniciado o primeiro semestre letivo quando o calendário foi suspenso. Não havia como colocar em risco tantas vidas, sem minimamente sabermos se haveria vacina ou outro antídoto.

O caso é que, com um ganho de algumas semanas, víamos o que estava acontecendo na Europa e que logo chegaria à América do Sul. Entretanto, mesmo assim, nossa reação de precaução foi tímida e ainda está sendo, considerando que o primeiro caso registrado no Brasil foi no dia 26 de fevereiro de 2020¹¹, apesar de, após investigações, o Ministério da Saúde ter confirmado como primeira vítima fatal, uma mulher no interior de Minas Gerais, em 23 de janeiro de 2020¹².

¹¹ O Ministério da Saúde confirmou, na quarta-feira (26/2), o primeiro caso de novo coronavírus em São Paulo. O homem de 61 anos deu entrada no Hospital Israelita Albert Einstein, nesta terça-feira (25/2), com histórico de viagem para Itália, região da Lombardia.

¹² A primeira morte causada por coronavírus no Brasil ocorreu em 23 de janeiro, mais de um mês antes daquele que foi confirmado como o primeiro caso. De acordo com o Ministério da Saúde, a descoberta é resultado de uma “investigação retrospectiva” dos pacientes internados com quadros de síndrome respiratória aguda grave.

Atualmente, passado alguns meses da pandemia, em 19 de junho de 2020, temos no Brasil mais de quinhentos mil casos confirmados pelo Ministério da Saúde, mais de noventa mil casos recuperados e mais de vinte e nove mil óbitos. Uma lástima. Nesse contexto, há algumas semanas entramos em quarentena, sendo renovada a cada período com mais contágios. Uma das grandes impossibilidades de retorno presencial, por ser considerada de grande aglomeração, são as universidades.

Continuamos a trabalhar remotamente, considerando outras tantas frentes que exercemos na docência universitária, mas chegou o momento de avaliar as condições de trabalhar com as aulas em meio a pandemia. A discussão está em torno da chamada Educação a Distância, por outros como Ensino a Distância, em outros aulas remotas e afins. Uma das ações que cresceram exponencialmente foram as *lives*, discussões temáticas em tempo real, considerando, dentro do possível, a polifonia de vozes em sua diversidade e diferenças.

O presente artigo trata de uma *live* que participei como docente, a convite da Associação de Docentes da UFU (ADUFU), com o tema *Educação a Distância na Pandemia*. Algumas questões foram orientadoras, provocadoras da discussão, mas a questão maior estava e está em torno do “pano de fundo” em aderirmos a todo o aparato tecnológico para continuarmos a ter aulas na academia, seja graduação e pós-graduação. O cenário aponta que o isolamento social em locais de grande aglomeração pode se estender por um prazo ainda maior, considerando que o Brasil ainda está chegando no ápice da pandemia, o que levaria diversos setores, inclusive a universidade pública, a precisar propor um plano de ação para esses tempos.

Pandemias e a Educação

A humanidade de tempos em tempos vive uma pandemia. Um pequeno e objetivo percurso (RODRIGUES, 2020) se faz necessário para contextualizar a narrativa que nos propusemos a fazer.

A Peste Bubônica/Peste Negra causada pela bactéria *Yersinia pestis*, disseminada pelo contato com as pulgas e roedores infectados, assolou a Europa no século XIV, reduzindo a população mundial à época de 450 milhões de pessoas para 350 milhões. A Varíola, vírus *orthopoxvirus variolae*, transmitida de pessoa para pessoa, por meio das vias respiratórias. Presente na humanidade desde o Egito antigo, foi erradicada do planeta em 1980 com vacinação em massa.

A Cólera, bactéria *vibrio cholerae*, com sua primeira epidemia global em 1817, e com diversas mutações e novos ciclos epidêmicos de tempos em tempos. Ainda é considerada uma pandemia, por meio de consumo de água e alimentos contaminados, acontecendo mais em populações carentes. Existe vacina, mas não é 100% eficaz. Faz-se tratamentos também com antibióticos.

A Gripe Espanhola, causada por um vírus *influenza* mortal, em 1918, quando um quarto da população mundial foi infectada, vindo à óbito cerca de 40 e 50 milhões de pessoas. O então presidente do Brasil, Rodrigues Alves, morreu da doença em 1919. Vírus veio da Europa a bordo do navio Demerara. Sintomas muito parecidos com o atual SARS-COV-2.

A Gripe Suína, vírus *H1N1*, surgiu em porcos, no México em 2009, sendo o primeiro causador de pandemia no século XXI. Matou aproximadamente 16 mil pessoas pelo mundo. Hoje, 2020, estamos vivendo a pandemia do da Covid-19, algo que nem sequer imaginávamos. Mas antes de comentarmos especificamente sobre o que estamos vivendo, uma questão vem à tona: como se dava o processo de ensino/educação na humanidade quando se via diante de pandemias como essas que acabamos de relatar? Vamos ver citações de um artigo de Bertucci-Martins (2003), que analisou o documento “Conselhos ao povo” diante da gripe de 1918.

O governo vai determinar o fechamento das escolas noturnas e solicitar providências junto aos poderes eclesiásticos para que os ofícios religiosos cessem à

noite. À prefeitura será pedido o fechamento da Exposição [Industrial] à noite. As manobras da Força Pública deverão ser sustadas (BERTUCCI-MARTINS, 2003, p. 109).

O Serviço Sanitário tomava então novas medidas para tentar minimizar a propagação epidêmica: solicitava às sociedades literárias, esportivas e recreativas que suspendessem reuniões e jogos; determinava, em conjunto com a diretoria de Instrução Pública, o fechamento dos grupos (muitos transformados em postos médicos) e das escolas primárias – medida que poderia se estender às faculdades; as visitas aos internatos foram proibidas, proibidos também foram os acompanhamentos de enterros a pé; os externatos foram fechados, como os jardins públicos e os concertos de bandas foram suspensos (BERTUCCI-MARTINS, 2003, p. 111).

Enquanto isso, o diretor-geral da Instrução em São Paulo, Dr. Oscar Thompson, anunciava que iria tomar “medidas severas a fim de impedir que continuem funcionando escolas particulares depois que o governo entendeu indispensável encerrar instantaneamente as aulas das escolas oficiais”. Paralelamente, Arthur Neiva determinava a desinfecção diária de todos os trens que chegassem a São Paulo procedentes da capital federal e de Santos; entretanto, o desembarque de passageiros continuava livre, o que despertava críticas e temores, que se avolumaram à medida que o número de enfermos cresceu (BERTUCCI-MARTINS, 2003, p. 112).

Percebe-se que as pandemias evidenciam situações muito próximas em diferentes períodos na humanidade. O estar junto, as restrições, para quais grupos, locais, de que maneira. E a economia? E a sobrevivência? Cenários que podem nos ajudar a pensar como vivemos e de que forma podemos pensar coletivamente o desenvolvimento de um

país, uma cidade, um povo que não seja surpreendido com falta de políticas básicas de vida em horas cruciais. Um ponto interessante nesses levantamentos foi o sentido dado inicialmente à quarentena:

A prática da quarentena, como a conhecemos, começou durante o século 14, em um esforço para proteger as cidades costeiras das epidemias de peste. Os navios que chegavam a Veneza dos portos infectados eram obrigados a permanecer ancorados por 40 dias antes do desembarque. Essa prática, chamada quarentena, foi derivada das palavras italianas *quaranta giorni*, que significam 40 dias (CDC, 2020 tradução nossa).

A Covid-19 chega ao Brasil e altera o dia a dia de todas as pessoas, seja o ir e vir, o estar junto, a proteção, o sistema de saúde, e, traz à tona o enorme fosso de desigualdade social que impera. Populações mais carentes não têm sequer sistema de esgoto e água potável, quanto mais requerermos delas a higienização constante das mãos, o uso de sabão e, quando estiver na rua o uso de álcool gel. Junto a isso a necessidade de distanciamento social, seguida de isolamento social, mas de que forma? Como comer, beber, vestir, morar, sem renda? Não há sequer no país um programa de renda básica para a população mais carente. Passa a ser votado em câmara e senado, em sistema de urgência, o auxílio que o governo precisa liberar para as pessoas mais carentes. Junto a elas o auxílio para pequenas empresas e também para empregadores. Enfim, a pandemia expôs nossas endemias. Junto a elas o nosso sistema educacional, tanto na educação básica quanto na educação superior.

Comunicação e Educação - A Polifonia e a Alteridade

A intencionalidade aqui é caminhar nas trilhas do que nos une no processo formativo, a comunicação e a educação em aproximação direta com a polifonia e a alteridade. Conhecer a nós mesmos e reconhecer o outro com lugar de fala, nos possibilita diferentes vozes, uníssonas e

dissonantes, afinadas ou nem tanto, mas de sujeitos que se reconhecem como sujeitos da e de história.

A Teoria da Polifonia, desenvolvida por Oswald Ducrot, Jean-Claude Anscombre e Marion Carel, propõe que o sentido de enunciados e discursos de uma língua seja constituído de/por vários pontos de vista, várias “vozes”, seja a do locutor, seja as dos enunciadores a que o locutor confere espaço em seu discurso. (AZEVEDO, 2015, p. 439)

Ducrot (1990) começa seu texto dizendo de sua tentativa de adaptar a noção bakhtiniana de polifonia à análise propriamente linguística de enunciados, mostrando que o autor nunca se expressa diretamente, mas põe em cena em um mesmo enunciado um dado número de personagens. Portanto, o sentido dos enunciados de uma dada língua “nace de la confrontación de esos diferentes sujetos: el sentido del enunciado no es más que el resultado de las diferentes voces que allí aparecen.” (1990, p. 16). E nesse dizer do semanticista vemos o primeiro indício da alteridade que constitui sua Teoria quando fala da “confrontação” de “diferentes sujeitos”, ou seja, é na relação ser/não-ser, eu/outro que “nasce” o sentido de um enunciado. (AZEVEDO, 2015, p. 444)

A articulação entre polifonia e alteridade não é algo que “vem”, é algo que “se dá”. É essa confrontação de diferentes sujeitos, a relação ser e não ser produz sentidos e vida. A Comunicação e a Educação a Distância em tempo de pandemia nos coloca nessa relação de ser e não ser, pois cada uma pode ser compreendida à parte, em cenários ditos “normais” e em processos de formação como se dá há tempo. Mas, situá-las em tempos de pandemia, vem a confrontação, a indagação, as diferentes vozes, mas a tentativa de “coisificar” os sujeitos como se fossem um e como se não houvesse dialogismo e a própria discrepância. Sujeitos diferentes, realidades “nuas e cruas” e sujeitos em distanciamento social, em casa,

com recursos e realidade distante da não realidade como ele a vive. É o que Azevedo (2015) afirma e nós trazemos para nos auxiliar nessa compreensão; a Alteridade constitutiva do sentido polifônico, ou seja, a Alteridade polifônica.

A Live

O foco central deste texto é a educação superior e a experiência de participar, como docente, de uma *live* em que a temática era *Educação a Distância na Pandemia*, a convite da ADUFU. Ocorreu no dia 26 de maio de 2020, às 20h, por meio da plataforma *Instagram*.

O apresentador, mediador, foi o presidente da associação e o tempo de discussão foi de 60 min, o permitido pela plataforma. Tudo se deu a partir da contextualização do que estamos vivendo, e os apontamentos do que se espera da Universidade Pública Federal. Quatro questões foram feitas pelo mediador e o público participava por meio de perguntas escritas/digitadas na interação da plataforma, às quais eram registradas/coletadas por uma profissional da área de comunicação da ADUFU e enviadas ao moderador.

Tomei a liberdade de solicitar as questões para registrá-las aqui e localizar para o leitor de que lugar falamos e como, a partir de algumas provocações, podemos ampliar a polifonia de vozes e sua alteridade em meio a processos de educação e comunicação na pandemia. Apresentarei a questão, em seguida os pontos que abordei e, acrescento para esse artigo uma análise posterior à *live*.

“No contexto de pandemia e isolamento social, o EaD ou Ensino Remoto tem sido apresentado como possibilidade para a continuidade das atividades universitárias. Na sua opinião, a utilização do ensino remoto não seria uma improvisação para se atender aos interesses do mercado, endossando o pensamento “time is money”?”

Iniciei lamentando o número de mortes em nosso país e a maneira irresponsável que as lideranças estavam lidando com a pandemia. Situei que há diferenças importantes em falarmos em Educação a Distância (EaD) e Ensino Remoto. A EaD é uma modalidade de educação com sistema organizado estruturalmente para contemplar cenários, sujeitos, tecnologias, conteúdos, mediação, avaliação, dentre outros. Ou seja, não seria de bom tom pensarmos em ações emergenciais falando em EaD se ela ainda não está presente nos cenários alvos do “contexto da pandemia”.

Localizar o Ensino Remoto pode ser algo mais factível na situação de excepcionalidade. Este entraria como uma substituição ao que se fazia presencialmente, sem necessidade de elaboração de um planejamento específico para as plataformas, nem de maiores capacitações para docentes, enfim, atenderia minimamente a situação. Isso não quer dizer que seria bom ou de qualidade, mas essas questões precisam ser constantes no ensino presencial também, pois o meio em si não carrega a qualidade. Agora, é claro que em momentos como esse a ênfase de vendas em soluções miraculosas em tempo e espaço, sem licitações dada a emergência, dentre outros, vai ao encontro diretamente dos anseios daquelas empresas que tentam de alguma forma entrar nesse circuito e “abocanhar” uma parte importante do “mercado da educação” que seria a educação pública. O pano de fundo precisa ser analisado criticamente e se estruturar algo de dentro das universidades para seu público e não, necessariamente, aceitar o que vem por não “saber” ou não “dominar” determinado arcabouço tecnológico.

“Muitos dizem que esta pandemia servirá para a educação se reinventar. Muitos também dizem que o EaD ou ensino remoto seria uma reinvenção. Essa chamada “reinvenção” poderá precarizar a educação e contribuir para o enfraquecimento da carreira docente como conhecemos?”

Novamente insisti que a EaD e Ensino Remoto são coisas diferentes e não devem ser assemelhados. Inclusive numa linha teórica crí-

tica e formativa, considerarmos nomear “A” EaD, ou seja, A Educação a Distância, e não “O” Ensino a Distância. Isso tem uma diferença grande em aspectos conceituais e epistemológicos, mas não vamos adentrar nisso agora, pois não era o foco da discussão. A chamada “reinvenção” precisaria ser contextualizada para se considerar de que tipo de reinvenção se fala. Mas, compreendendo a discussão, resolvemos nos ater à segunda parte da questão que é “precarizar a educação e contribuir para o enfraquecimento da carreira docente”.

Consideramos as/os docentes como sujeitos de sua história, de sua formação e imprescindíveis em sua atuação profissional. Tudo que se distancia disso, seja presencialmente ou remotamente, não deve encontrar eco em nossas iniciativas de defender a carreira docente e um exercício profissional sério, de qualidade e respaldado por todas as normativas trabalhistas. O que temos visto antes da pandemia e, provavelmente agora deve ter acentuado, são os “gafanhotos” das terras da educação.

Grandes empresas com investimentos altíssimos na bolsa de valores no “mercado educacional”, fusões gigantescas, seja envolvendo a educação básica, mas, principalmente a educação superior, gerindo um neotecnicismo ou, a tecnologia do ensino, preterindo a ação docente e deixando em supremacia a tecnologia e seus artefatos. É sabido que a tecnologia não é neutra, por isso as questões de base precisam ser feitas a todo o momento: tecnologia para quem? A serviço de quem? Para alcançar o quê? De que forma?

“É indiscutível que as políticas afirmativas mudaram o perfil do graduando (mais mulheres, mais negros, mais pobres), basta observar a quinta pesquisa sobre o perfil do graduando, organizada pela Andifes, que conta com a contribuição de docentes da UFU. Seja por questões econômicas, domiciliares e/ou sociais, esses discentes não conseguem estudar com qualidade por meio do ensino remoto. A médio e longo prazo o ensino remoto não poderia contribuir com uma regressão dos avanços sociais alcançados pelas políticas afirmativas?”

Nitidamente as políticas afirmativas tornaram a educação pública mais inclusiva e cumprindo seu papel. A pesquisa citada aponta um aumento significativo das classes C, D e E nas universidades e isso deveria ser motivo de orgulho de todas/os as/os brasileiras/os. Um país que quer continuar a crescer, desenvolver, inovar, precisa de investimentos em educação, saúde, cultura, e tantos outros. Toda a população deveria ter acesso à educação e quiçá nunca mais nutrirmos índices de analfabetismo e taxas tão reduzidas de acesso ao ensino superior.

Não consideramos estritamente o “ensino remoto” um possível impedidor de avanços sociais, pois afirmamos que precisamos conhecer os sujeitos com os quais trabalhamos e desenvolvermos cada vez mais políticas públicas continuadas que garantam sua dignidade como cidadão e que os mesmos tenham acesso às tecnologias, ao seu uso, à sua formação, e não, necessariamente não implantar nada nesse sentido, pois poderá contribuir com a regressão de avanços sociais.

Não, de maneira alguma podemos aceitar isso assim. Que todos os sujeitos tenham acesso à tudo que a humanidade ao longo da história desenvolveu para que possamos cada dia mais desenvolver nossa autonomia. Por isso, é preciso ter clara importância do ESTADO na sociedade, pois um Estado de Bem-Estar Social não vai impedir desenvolvimento tecnológico, mas vai possibilitá-lo àqueles que não têm acesso.

Caso o EaD seja implementado na UFU em tempos de pandemia como solução para a não paralisação do calendário, como a senhora imagina que seria a sua viabilização tendo em vista cursos e disciplinas que não comportam tal modalidade de ensino? O que fazer nestes casos? O ano letivo transcorreria de forma remota, apenas para alguns cursos e algumas disciplinas, e para outras não?

A EaD é diferente do ensino remoto. Se a UFU considerar possibilidades remotas de viabilização da continuidade dos cursos, vários cenários precisarão ser planejados. Um eixo central precisa ser “Ninguém Será Dei-

xado Para Trás”, pois tendo isso como um mote, todas as caracterizações possíveis dos diferentes cursos em uma situação de excepcionalidade, deverá ter clara que a universidade caminha junto e o calendário é o mesmo para todos. Tendo isso claro dá para planejar “n” possibilidades, como mapeamento dos estudantes e suas condições de acesso a plataformas virtuais, condições de estudo, por exemplo. Prever vários estágios da pandemia e, se for possível, algum retorno presencial, fazer em forma de rodízio entre os cursos, em salas amplas, com o número de estudantes compatível com o distanciamento social. Aulas de Laboratórios e experimentais, de campo, precisarão ter um planejamento específico, sem aligeiramento da formação, nem tampouco colocar remotamente aquilo que não dá, por falta de tecnologia compatível e acompanhamento docente. A questão maior é que, em cargos de gestão tem o ônus e o bônus, sendo que o ônus é que impera, e, a gestão e/ou a equipe gestora precisa tomar decisões. Cabe a ela a leitura de cenários, a organização de comissões, as diferentes frentes de trabalho, e afins, para que não seja atropelada por decisões arbitrárias e verticalizadas do governo atual.

Ouvir docentes, estudantes, dirigentes, sindicatos, mães, pais, empregadores e empregados, avós, sujeitos, agora também nomEaDos “com comorbidades” nos coloca frente a frente com a realidade dialética com todas as suas tensões e contradições. Ao mesmo tempo, com a análise dos enunciados e narrativas que podem nos auxiliar a questionar, debater, contradizer, ou a conformar, silenciar e só esperar.

A excepcionalidade e as possibilidades

A excepcionalidade já nos coloca no lugar “Estado ou condição do que extrapola o considerado normal”, portanto não podemos olhar para o que estamos vivendo e buscar nele o que achamos que deveria estar ali, ou o que nos acostumamos a ver que sempre estava ali, ou à procura do “normal”. A situação é diferente, não há modelos a seguir, a experiências vividas que podem nos ensinar, se nos dispusermos a aprender.

Algumas coisas ficam dessa reflexão, como não precisar esperar situações de excepcionalidade para implantarmos e implementarmos Políticas Públicas Continuadas que assegurem a população o acesso, como por exemplo, a educação, saúde, moradia, segurança, trabalho. Isso inclui dignidade, saneamento básico, água potável, acesso à educação de qualidade, ao conhecimento, acesso à tecnologia, ao desenvolvimento, às **oportunidades**. Essa acessibilidade vai tirar cada um desses sujeitos da invisibilidade, da vulnerabilidade social. O Estado que não cuida dos seus, mas os faz movimentadores da engrenagem, precisa ser questionado. Não cabe mais no planeta esse tipo de “governabilidade”.

Os cenários nos apontam novas formas de viver, novas formas de socializar, novas formas inclusive de sociabilidade no espaço virtual. Mas, considerando condições pedagógicas, humanas e tecnológicas. Para tentarmos viver esses novos tempos é preciso uma rede de proteção social, buscarmos desenvolver autonomia e acessibilidade sempre. A busca por exemplo de software livres e dizer Não a plataformas digitais proprietárias. É lutar para que o nosso País, o nosso Brasil seja cada vez mais livre, mas democrático, mais autônomo, garantindo suas riquezas naturais, minerais, sua energia, e, seu povo.

Não aceitaremos retrocesso, queremos é acesso. Não aceitaremos educação presencial ou a distância ou remota que não seja de qualidade e que não inclua TODOS. Não aceitaremos improvisação, tentativa e erro com vidas. Não aceitaremos negociar nossas riquezas e o que nos faz autônomos e nos tornarmos a “coisificação” feita por dentro.

Somos livres, somos sujeitos de linguagem, de fala, de polifonia, de alteridade. Somos fortes!

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Tânia Maris de Azevedo. Pontos de vista Outro(s): polifonia e alteridade Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v.11, n. 2, p. 439-455, jul./dez.2015.

BERTUCCI-MARTINS, Liane Maria. “Conselhos ao povo”: educação contra a gripe de 1918. Cad. CEDES, Campinas, v. 23, n. 59, p. 103-118, abril de 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622003000100008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 18 jun 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622003000100008>.

CDC - *Centers for Disease Control and Prevention. History of Quarantine*. Disponível em: <https://www.cdc.gov/quarantine/historyquarantine.html> Acessos em: 16 jun 2020.

RODRIGUES, Leticia. Conheça as cinco maiores pandemias da história. Galileu, São Paulo, 30 de mar. 2020. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Saude/noticia/2020/03/conheca-5-maiores-pandemias-da-historia.html>. Acesso em: 13 jun. 2020.

TELESAUDE.UNIFESP.BR. The History of Pandemics. Por Nicholas LePasn. March, 14, 2020. Disponível em: <https://www.visualcapitalist.com/history-of-pandemics-dEaDliet/>. Acesso em: 16 jun. 2020.

CAPÍTULO 7

AÇÕES EDUCOMUNICATIVAS NOS PERCursos DE RECEPÇÃO DAS ESCOLAS E FAMÍLIAS COM O ENSINO REMOTO

Adriana Maria Santos de Almeida Campana,
Edilane Carvalho Teles, Fernanda Lima Souza

INTRODUÇÃO

A velocidade dos fatos e desafios gerados pela suspensão das aulas presenciais, nas escolas públicas e privadas em todo o país, por conta da pandemia da Covid-19 gerou, como pudemos vivenciar, muita confusão a princípio e busca de práticas pedagógicas adaptadas à nova realidade. Como alternativas foram priorizadas as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's), principalmente através de plataformas e dispositivos conectados a internet, para o acesso e continuidade da educação no ano letivo (BRASIL, 2020 a,b,c,d).

Nesse percurso, as proposições oficiais, que deveriam organizar e direcionar os entendimentos para a superação das dificuldades a serem enfrentadas no período, como, por exemplo, a diversidade entre os sistemas de ensino, a qualidade do trabalho docente, as práticas pedagógicas e a necessidade de estruturas que atendessem às demandas, tiveram nas informações enviadas pelo MEC (Ministério da Educação) e o Parecer do CNE (Conselho Nacional de Educação) nº 5/2020, a priorização do ensino remoto como possível saída e uma alternativa à problemática, apesar de uma parcela considerável da população não ter acesso às tecnologias digitais e internet, inviabilizando assim sua continuidade de forma mais democrática e igualitária.

Com vistas a compreender e propor ações sobre a educação neste período, foi criado um projeto de ações educacionais para ampliar

o diálogo, potencializando os processos comunicacionais entre a comunidade acadêmica, escolar e o entorno, sobre *Os desafios da escola e das famílias como o ensino remoto*¹³, realizado em 4 etapas: mapeamento de publicações jornalísticas, documentos oficiais, ensaios e artigos; questionários direcionados aos colaboradores; sistematização dos dados: Covid-19 e os desafios à educação; difusão dos conhecimentos, produção e diálogo com a comunidade. A seguir, algumas considerações da pesquisa em andamento.

Mapeamento de publicações jornalísticas, documentos oficiais, ensaios e artigos

No percurso da pesquisa, cuja característica principal é a diversidade de vozes, busca-se nas proposições difusas pela rede, considerações, sistematizações e estudos que ampliem as percepções e sentidos sobre o processo de ensino e aprendizagem neste período. Para tanto, parte da individualização e realização um mapeamento de publicações, sobre o que tem sido feito ao campo educacional, como uma das referências à ação cotidiana de investigação para ‘conhecer e consultar’ materiais jornalísticos e documentos oficiais publicados, ampliando para o Google Acadêmico, um viés de construção dialógica nas compreensões sobre o ensino remoto. Nesse sentido, os dados aqui apresentados refletem um pouco do cenário encontrado, com reflexões e orientações para pensar o campo.

Assim, partindo dos descritores no Google ‘Educação e Covid-19’ em 31 de maio de 2020, encontramos artigos de opinião, relatos de experiência, documentos oficiais de cidades diversas do Brasil e poucos artigos em periódicos e revistas. Duas semanas após a primeira busca, em 13 de junho de 2020, a mesma busca foi realizada e neste momento houve um aumento no número de artigos, em diferentes formatos.

¹³ Pesquisa realizada no Departamento de Ciências Humanas, Campus III, da Universidade do Estado da Bahia (DCH III/UNEB).

Nesse sentido, realizamos a busca por data e entendemos que, assim como nós, outros pesquisadores estão debruçados em pensar o momento e o processo ensino-aprendizagem no contexto educacional.

Dos artigos encontrados foram selecionados para esta análise 10 (dez) para fazer o mapeamento inicial, do que está sendo pesquisado pelo país. Assim, para dar uma melhor percepção dos estudos, foram divididos em grupos específicos por abordagem, a saber: 1) contexto (buscando entendimentos que envolvesse os sujeitos implicados); 2) crianças (um dos segmentos que compõem o alunado das escolas); 3) ensino remoto (problemática relacionada à centralidade deste estudo); 4) professores (os responsáveis pelas invenções e tentativas na criação das aulas remotas). Todos estes, compreendidos como categorias necessárias a serem discutidas.

O primeiro artigo: *#FIQUEEMCASA: educação na pandemia da Covid-19* (COUTO; COUTO e CRUZ, 2020) analisa aspectos do contexto social da pandemia e do acesso restrito que algumas (muitas) pessoas possuem à educação *on-line*, assim, apontam os desafios para educar com tecnologias digitais. Nessa mesma direção, o artigo *Alunos em vulnerabilidade social em disciplinas de educação à distância em tempos de Covid-19* (CAMACHO et al, 2020) também destaca problemas quanto à ineficiência de um ensino à distância para as crianças que não possuem recursos de acesso digital.

Em *Infância e pandemia*, Araújo (2020) percebe que para além das questões de saúde e restrições digitais a problemática social da extrema pobreza das crianças que já se encontravam em situação de vulnerabilidade, no período de pandemia isso fica mais evidenciado.

Seguindo as abordagens, as problemáticas do acesso remoto e de necessária reflexão sobre o assunto estão expressas em *Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19* (ARRUDA, 2020), onde evidencia-se uma insipiência na

apropriação de tecnologias digitais na educação pública e a necessidade de reconfiguração das políticas de acesso tecnológico. No mesmo direcionamento Barbosa, Viegas e Batista (2020), em *Aulas presenciais em tempos de pandemia: relatos de experiências de professores do nível superior sobre as aulas remotas* compartilham vozes de professores de um instituto no Rio de Janeiro e concluem que não há entendimento sobre a diferença de EaD e ensino remoto e, para que haja um ensino remoto é necessário ‘treinamento’, termo que preferimos mudar para formação continuada.

Para a fundamentação do ensino remoto, o artigo *Educação a distância no contexto da educação profissional e tecnológica: considerações em tempos de pandemia* (CASTAMAN; SZATKOSKI, 2020) apresenta um estudo a partir do embasamento legal de ensino a distância (EaD). O ensino remoto também é destacado em *Educação e Covid-19: as tecnologias digitais mediando a aprendizagem em tempos de pandemia* (SANTOS JUNIOR; MONTEIRO, 2020) que trazem as tecnologias digitais e ferramentas (Google Classroom e Zoom) como potencializadoras pedagógicas no ensino remoto.

Depois de visitarmos textos direcionados ao ensino remoto, a vulnerabilidade dos estudantes e ao contexto da pandemia são colocados à luz por Monteiro (2020) em *(Re)inventar educação escolar no Brasil em tempos da covid-19*, que aborda as incertezas e dúvidas do contexto atual e que não serão respondidas por ela, mas destaca o quão é fundamental a construção de mecanismos de resiliência, para que possamos, reconstruir a vida e (re)inventar a educação escolar e a prática docente. Com foco nesses desafios, Barreto e Rocha (2020) trazem para o artigo *Covid 19 e educação: resistências, desafios e (im)possibilidades* a observação de que os professores e professoras são mais consumidores da tecnologia que produtores e relata que a formação inicial precisa ser pensada/adaptada para as demandas da contemporaneidade. O ensino remoto precisa configurar-se como espaço de democratização. Muitos alunos e alunas não possuem acesso à internet e não dispõem de espaço adequado para o desenvolvimento de estudos nas residências.

Em conformidade, a nota divulgada pelo FONEC (Fórum Nacional pela Educação do Campo), de 2 de junho de 2020, aponta alguns questionamentos sobre a desigualdade do acesso ao ensino remoto, enfatizando a importância de não contabilizar as aulas remotas como dias letivos, pois a maioria dos estudantes das escolas rurais não têm acesso a internet, ferindo assim a “igualdade de condições de acesso e permanência na escola” como enfatizado no artigo 206 da constituição federal.

Por fim, corroborando com o presente artigo que ancorou-se em documentos oficiais, portarias, notas de esclarecimentos, entre outros (Lei de Diretrizes e Bases, Conselho Nacional de Educação, portarias do Ministério da Educação), o texto *Biopolítica e educação: os impactos da pandemia do Covid-19 nas escolas públicas* (PEREIRA, NARDUCHI e MIRANDA, 2020) aborda, a partir de um estudo documental, o fechamento das escolas devido à pandemia e a proposta de reorganização do calendário letivo dos alunos por meio do ensino a distância.

Os dados acima são apenas parte do mapeamento realizado, pois para discutir as questões é preciso compreender o estado da arte que se forma no calor do momento, mas que servem de referências para conhecer, interpretar e propor acréscimos às reflexões, para assim, colaborar com possibilidades de respostas. Nesse sentido, segue-se com os questionários aos sujeitos da escola, pois são aqueles diretamente relacionados, para isso, a criação da etapa seguinte.

Questionários direcionados aos colaboradores

Para conhecimento das questões que emergiram dos diferentes grupos relacionados à educação e ao ensino remoto, foram contatados pais, alunos, professores e gestores, estes últimos incluindo representantes de secretarias de educação, diretores e coordenadores. Pois foi através dessas vozes, que chegavam com demandas e dúvidas, na busca por respostas e/ou indicativos sobre a educação na pandemia, que a pesquisa ganhou formato.

Os primeiros colaboradores foram os pais, que questionavam diretamente sobre o que fazer com relação a este “novo” ensino, cujo formato ainda em definição, deixava dúvidas quanto ao aproveitamento dos estudos e aprendizagens, com o acréscimo de que, com o distanciamento social deveriam acompanhar os próprios filhos. Nesse sentido, foi feita a pergunta a ser disparada via redes sociais, sobre a qual foram devolvidas 20 respostas, que nortearam o início da pesquisa com a urgência do momento, a qual inquieta e não aguarda sua superação para pensar, exigindo ação. A questão principal encaminhada foi: “Como vocês veem o ensino-aprendizagem da escola do(s)/da(s) seu(s)/sua(s) filho(s), filha(s) no período de distanciamento social?”

Em seguida, a pesquisa teve continuidade com os demais sujeitos, professores e alunos, e, por último, os gestores. As etapas encontram-se em construção, com os questionários encaminhados, dos quais, o único que ainda não obtivemos um número de respostas a serem mapEaDas foi o de gestores, do qual aguarda-se os *feedbacks* das impressões daqueles que se dispuserem a colaborar. Vale destacar que é difícil o ‘convencimento’ quanto ao preenchimento, assim, os questionários são reencontrados continuamente. A dificuldade de acessos está relacionada a todos os interlocutores.

Os questionários foram realizados no *Google Forms*, com poucas questões, centrando maior coleta de dados nos professores, uma vez que é o ensino remoto que pretende-se compreender, suas relações e formatos. Outro objetivo está relacionada à atuação da universidade, como esta pode colaborar, pois é notório que as decisões dos diversos segmentos decorrem de proposições isoladas, todos realizando tentativas legítimas, mas ao mesmo tempo, demandando que precisam de parcerias e colaboração dos envolvidos com o(s) campo(s). A princípio o escopo foi de entendimento sobre os ‘modos’ como os grupos têm enfrentado esta realidade que se apresenta de forma inesperada, como inter-relacionam

e/ou promovem juntos e/ou separados de seus pares. O quadro a seguir apresenta os tópicos dos questionários:

Quadro 1: Tópicos que compõem os questionários

Pais	Alunos
• Cidade/Estado • Quantidade de filhos • Ano(s) escolar (es) • Instituição pública ou privada • Como vocês veem o ensino-aprendizagem da escola do(s)/da(s) seu(s)/sua(s) filho(s), filha(s) no período de distanciamento social?	• Cidade/Estado • Idade • Escola Pública, privada ou outra • Série em que estuda • Como está se sentindo no Isolamento social? • Como acontecem os estudos? • Tem dificuldades de estudar sem ir à escola? Quais? • Criou alguma rotina de estudo? • Gostaria de mudar alguma coisa? • Comentários
Pais	Alunos
• Cidade/Estado • Escola Pública, privada ou outra • área em que atua • Tempo de docência • Formação • Como tem se sentido neste período de distanciamento social? • A(s) escola(s) em que trabalha oferece(m) ensino remoto? • Quais estratégias têm desenvolvido para dar continuidade às aulas?	• Cidade/Estado • Escola Pública, privada ou outra • Atuação na instituição (direção, coordenação, administração) • A sua escola está oferecendo o ensino neste período de Distanciamento social? • Qual(is) estratégia(s) encontrou para continuar oferecendo o ensino? • Quais dificuldades têm encontrado?

- Quais dificuldades tem encontrado?
- Tem recebido apoio e/ou formação para a realização das atividades remotas?
- Alguma sugestão para o ensino neste período?
- Comentários

- Como pensa(m) que será o retorno às aulas presenciais?
- Comentários

Fonte: CAMPANHA, TELES E SOUZA, 2020

Percebe-se desde o mapeamento sobre o que tem sido feito com os estudos na área, um crescente movimento e/ou busca por entender-se, pois na realidade dos fatos, a ausência inicial de referências para a criação das propostas, aos poucos ganham formatos que deixam ‘ideias’ ao ‘novo/outro normal’, assim como, ações pouco/nunca experimentadas com as tecnologias digitais, que hoje paulatinamente ganham novos contornos e importância, por serem a principal via de realização do ensino remoto. Cujas natureza, por agora, pode ser considerada híbrida, no qual as TIC’s ganharam destaque, desafiando a todos que atuavam com a modalidade presencial, a imbricar-se com os dispositivos, assim como ‘inventar’ continuamente, o que tem acrescido as experiências e, conseqüentemente, o que virá à educação.

Sistematização dos dados: Covid-19 e os desafios à educação

A educação tem sido desafiada a repensar o próprio contexto e ações, cujo cenário que se forma é de inquietudes e incertezas, o que tem deixado como entendimento pontual de que o trabalho, a família, as relações e, em especial, a escola, tendem a construir outros hábitos, mudando os construtos que as/os orientavam até a chegada da Covid-19,

em especial a adaptação ao ensino remoto, por isso, as mudanças também nos entendimentos, pois, passados os meses de distanciamento, não trata-se de espera simplesmente, mas de criação com o processo em movimento e acelerado.

Para compreender as demandas do campo educacional, a pesquisa propõe reflexões fundamentadas em estudos propostos em muitas frentes, como, sanitárias, filosóficas, sociológicas, psicológicas, pedagógicas, políticas, econômicas etc. Pois, o impacto não se deu em apenas uma dimensão ou ‘setor’ da vida, por isso opta-se pela escuta dos sujeitos, relacionando à educação formal, para que possamos ‘juntos’ (se possível) construir experiências e, assim, uma ‘memória’ das ações e considerações das decisões iniciais e/ou efetivadas para ‘o posteriori’. Aos poucos, as ações são sistematizadas nos modos de realização de uma prática pedagógica escolar diversa, pois as estruturas organizacionais também sofrem alterações e o ensino vai acontecendo entre ‘tentativas e fragilidades’, por conta da substituição das aulas presenciais pelas atividades remotas, as quais não têm demonstrado amplitude e acesso a todos os brasileiros, o que acentua a exclusão e diferenciação entre público e privado, além da ausência ou ‘incompletudes’ de políticas públicas educacionais que deveriam ser pensadas e geridas democraticamente, ao contrário, nos colocam diante de um cenário à continuidade de privilegiados de alguns grupos e, a outros a permanência ou descaso, deixando-os à margem de seus direitos mais básicos, como visto nas seguintes matérias: “72% das escolas brasileiras não têm plataformas para ensino online” (NOTÍCIAS CONCURSOS, 2020) ou ainda, “Estudo diz que cerca de 40% dos estudantes da rede pública não têm computador” (ÚLTIMO SEGUNDO, 2020).

Se o ‘novo normal’ é a convivência com o surto por um período que ainda não sabemos, é preciso que as políticas públicas nacionais, regionais e municipais pensem além da saúde e sobrevivência da po-

pulação em tempo de crise acentuada, como, por exemplo, atender à educação, não apenas por respeito à inclusão, deve ser garantida como um direito a todos.

Estamos diante de novas elaborações e sistematizações conceituais, a ‘parada’ exigida no distanciamento social foi apenas de retirada de muitas das aglomerações, como um freio diante de tudo o que fazíamos. Entretanto, as ações nas redes e usos de dispositivos tecnológicos acentuaram a velocidade com as telas, assim, há um processo de aceleração com as novas modalidades que direcionam a um ensino híbrido, que oscila entre aceleração para alguns e desaceleração para outros, determinado pelo acesso ou não às TIC’s. Na pesquisa, os docentes têm destacado as muitas aprendizagens e, ao mesmo tempo, o quanto “*não têm tempo para as demandas*”, pois as atividades remotas exigem apropriação, usos, e invenções diversas das que tinham como referências no sistema presencial.

Nesse processo, outras interpretações sobre o tempo emergem e precisam ser compreendidas. Para Han (2017, p. 119, tradução nossa), “agir significa, traduzir os termos temporais, fazer com que o tempo comece novamente. Sua essência é a revolução e isso “interrompe” o “curso automático da vida cotidiana”¹⁴. Estamos diante de um movimento que se configura assim, as ações implicadas para promover a educação, como um “novo início” e, dependemos deste, a compreensão não apenas do presente, bem como, o que estará por vir, portanto, agir ‘remotamente’ para compreender, respeitando a desigualdade de acesso.

Os dados demonstram pontualmente e de forma situada, que os entendimentos dos sujeitos é de ‘aguardar’ e/ou buscar respostas, por isso a importância das impressões: o que sentem, como veem, o que têm feito, o que esperam? São muitas questões, a proximidade com o pro-

¹⁴ “Agire significa, tradotto i termini temporali, far nuovamente iniziare il tempo. La sua essenza è la rivoluzione e questa “interrompe” il “corso automatico della vita cotidiana”.

blema escolar das famílias, até para aquelas que não têm acesso, expõe as fragilidades do sistema educacional brasileiro o que seria positivo, se servir de reivindicação de garantias dos direitos. A recepção dá sentido aos caminhos a serem propostos, pois permitem conhecer, a partir dos discursos, as incidências temáticas que aparecem.

A diferença entre as duas esferas (pública e privada) está principalmente nas ações promovidas, pois subentende-se que os alunos têm acesso a internet e condições para dar continuidade, mesmo com as limitações ao oferecimento das atividades. Assim, a prática proposta não pode desconsiderar as condições contextuais na qual opera; a diversidade das opiniões expressam ‘as surpresas’ do momento, de compreensão quanto aos desdobramentos, com exceções. Portanto, as ‘novidades’ das ações não têm tempo de adaptação, havendo uma reinvenção dos modos de fazer, um processo em ebulição; O aspecto mais enfatizado é a limitada ou ausência comunicacional das escolas com os pais, a maioria envia as atividades que esperam ser realizadas, algumas corrigidas em gabarito ou com a presença em vídeo do professor, nesse sentido, as decisões precisam ser mais dialogadas e comunicadas com cuidado, organização e clareza; há ainda aqueles que não têm feito ‘nada escolar’; os processos socioeducativos e a formação são filtrados pelas telas dos dispositivos, os quais são decorrentes também das escolhas e medidas tomadas em caráter emergencial. Portanto, estamos criando uma experiência educacional “filtrada” pela tela; é preciso um mínimo de normalidade às rotinas, cuidado e acompanhamento ao processo formativo e das construções do ensino-aprendizagem, que lhes dê sentido e conexão com a realidade em mutação, contribuindo com a saúde e equilíbrio; maior atenção aos percursos, que estão situados entre ausências de relação com a educação escolar ou exageros de transferência das atividades presenciais para as telas dos dispositivos com evidente a distorção entre a oferta de dispositivos e plataformas das escolas privadas e públicas, acentuando a desigualdade.

Nesta segunda etapa da pesquisa, nos detivemos a um panorama geral do cenário que forma-se com o ensino remoto. Vale destacar a importância de perceber as nuances das informações, assim como, os acessos às atividades remotas que estão marcadas pela desigualdade social, algo a ser incluído na investigação. É preciso saber quantos alunos ficaram sem aulas remotas, pois é uma questão de justiça e respeito na necessária busca e reivindicação de uma educação de qualidade a todos, mais igualitária e inclusiva.

Difusão dos conhecimentos, produção e diálogo com a comunidade

Como uma das etapas, o diálogo com a comunidade acadêmica e do entorno entra como um dos escopos de socialização das sistematizações. Para isso, a escuta e observações servem de referências para individualizar temáticas e/ou problemáticas a serem discutidas, neste sentido foi realizada, em parceria com o curso de jornalismo, a socialização destas construções pontuais através do *Blog Multiciência*, do curso de Jornalismo, o qual tem como uma das áreas o tópico ‘Educação’, assim, entramos nesta conversa com a construção da ‘Coluna Polifonia’, que desde abril/2020 tem promovido reflexões com a comunidade acadêmica e do entorno. A proposta de construção parte das demandas dos sujeitos, conversas, solicitação e/ou problemática identificada nos questionários, assim como, nos comentários das comunidades, os quais tornam-se pontos de apoio às reflexões.

Iniciou com a “Educação em tempos de pandemia”, realizado em março e publicado em 9 de abril de 2020, com uma análise do contexto e desafios que encontrávamos naquele momento, os entraves para a educação e como as incertezas nos colocavam em proposições diversas nos contextos e segmentos de ensino. Assim, questionava-se a escolha pela continuidade das aulas, quando um grupo de estudantes não tinham

acesso. Apesar disso, emergia o reconhecimento sobre os modos como as instituições de ensino, gestores e professores buscavam criar meios para que as atividades não fossem paralisadas. Em tempo, era notória a ‘feitura’ em tentativas ao processo educacional, que para alguns vai na perspectiva da autodidaxia, para outros momentos de interações pontuais e, para outros, ausência total dos processos formativos.

A partir das especulações e dúvidas do ‘novo normal’, as políticas entre o distanciamento social ou *lockdown* adotadas pela maioria dos países do mundo, demonstravam ao menos pelos meios de comunicação, informações que destes lugares chegavam, de que foi a ‘alternativa’ encontrada para o controle da contaminação. Entretanto, em nosso país, apesar do distanciamento social, as orientações não encontram uma coesão e coerência consensual, criando caos sobre saída da pandemia, colocando em risco o respeito e a preservação das vidas. Neste processo, as escolas continuam fechadas para as atividades presenciais, e assim devem permanecer, até que tenhamos segurança de retorno com cuidados aos sujeitos que nestas adentram.

Os temas seguintes, aparecem por conta das demandas percebidas após a realização dos questionários. A emergência sobre as diferentes formas de ‘ficar em casa’, como os dados da pesquisa demonstram, foram publicadas semanalmente.

- “Por que pensar sobre as rotinas das crianças e adolescentes?”, publicado em 7/05/2020, com a proposta de informar o porquê das rotinas para organizar as próprias ações, em especial, aos sujeitos que estão em casa, muitos deles sem as atividades remotas, esclarecendo que não trata-se de uma ação educativa que vem com a pandemia, mas como proposição necessária à educação, pois potencializam atividades diversificadas que contribuem para o próprio desenvolvimento humano, orientando as dimensões do conceito de tempo nas demandas da vida, o que colabora com as escolhas e, portanto, oferecendo bene-

fícios que deem sentido aos processos, percurso e construções diárias;

- O seguinte deu continuidade aos movimentos com as crianças em casa, em especial por conta do contato diário e maior que o de costume com os pais e/ou responsáveis, para isso busca-se num dos elementos essenciais da rotina, a contação e leitura em voz alta de histórias, com a matéria “Leitura e infância: Por que ler para as crianças desde o nascimento?”. Foi uma pergunta e ao mesmo tempo um convite, pois sabemos que assim como tem professores que não leem diariamente aos alunos, em casa, muitos deles tampouco vivem tão importante e necessária experiência, por muitos motivos, acolhimento, afeto, vínculo de amor entre aquele que conta e aquele que escuta, conhecimento literário, despertar o gosto pela literatura e leitura, assim como, potencialização deste momento nas rotinas, não apenas no período da pandemia, bem como, ação cotidiana em suas vidas;
- A quarta proposição incluiu os primeiros dados coletados na pesquisa, a qual iniciou com a pergunta aos genitores sobre a educação no período do distanciamento social, buscando através de suas opiniões, análises e questões levantadas, apresentar como estes sujeitos têm visto a questão, como os principais interlocutores juntos aos filhos, sobrinhos, enteados ou crianças, adolescentes e jovens próximos que estudam. Os dados foram apresentados de forma sucinta, pois o escopo é apresentar a coluna à comunidade, além dos muros da universidade, de apreensão e esclarecimento às dúvidas sobre as demandas de educação, que precisam ‘atender’, mas que não se sentem preparados, considerando ainda, aqueles que continuam suas jornadas de trabalho, alguns em home office e outros de forma intensa e preocupante, de saída e retorno diário com o risco do vírus, pois não podem parar. Há ainda contextos que não acreditam na pandemia e nestes também emergem o preocupante ‘impacto’ aos estudantes, pois estão em casa e, como ficou claro na pesquisa, existem aqueles que saem para

confraternizar com os colegas, pois nem todos pais estão tomando as medidas sugeridas. O problema de maior evidência é que as ações não alcançam a todos, apenas a uma parcela, as instituições privadas continuaram o ano letivo, com variações de retomada e de formatos, enquanto os que estão nas instituições públicas, as variações são de acessos e até suspensão total das atividades, por falta de condições. Neste momento surge de maneira ‘latente’, o problema histórico entre o público e o privado, em especial, a ausência de políticas públicas que atendam a todos os brasileiros e não apenas aqueles que podem garantir financeiramente a própria educação. Ou seja, evidenciou ainda que continuamos excluindo muitos brasileiros da escola;

- A ação seguinte coincidiu com a semana mundial do brincar (23 a 31 de maio), assim, além de proporcionar tempo de análise dos dados da pesquisa, foi dada a continuidade no dia 28/05/2020 com uma homenagem e convite ao brincar ‘com’ as crianças, criando tempo e espaço ‘em casa’ para esta atividade muito necessária ao seu desenvolvimento pleno. Assim como as demais matérias, esta também é feita numa perspectiva propositiva, portanto, foram sugeridas brincadeiras a serem propostas, com o objetivo de fortalecer os vínculos afetivos entre pais e filhos;
- Em 4/06/2020 deu-se continuidade aos dados da pesquisa, desta vez a escolha foi direcionada aos docentes, com 75,5% dos respondentes provenientes da escola pública e 21,7% da privada, os quais em sua maioria, apontam para uma acentuação das questões vistas anteriormente à pandemia, sendo que neste momento se intensificam, assim, aproximadamente 80% apontam sentimentos como: ansiedade, preocupação, tristeza, angústia, cansaço, solidão, medo, dificuldade, entre outros. Destacando os ‘modos’ como têm sentido este período, poucos são os docentes que apontaram saídas e “tranquilidade” diante da pandemia. Sentem-se sobrecarregados diante das tentativas e invenções

que precisam realizar a cada dia no ‘novo’ formato de ensino. Para esta comunicação, foi escolhida apenas uma pergunta, pois o escopo foi dialogar com o professor, colocando assim a coluna como um momento de espera, escuta e diálogo com as tensões apresentadas;

- O seguinte, publicado em 11/06/2020 seguiu a mesma questão sobre os sentimentos, desta vez observando nas respostas discentes, sobre este período. Os estudantes apresentaram menos tensão do que os docentes, entretanto, a pesquisa também demonstra como este cenário e realidade imposta se constitui em desafios, muitas vezes difíceis de serem superados, em especial àqueles que precisam de atenção especial, conversa e orientação diante do caos que tornou a vida de muitos. Assim, buscou-se situar o que têm enfrentado, 73% dos respondentes são de escolas públicas e 27% de escolas privadas, os quais destacam a “ansiedade” com a principal, entre os discentes foram 12 dos 135 questionários. Outros sentimentos aparecem em seguida, como: entediado(a), tristeza, isolado, preocupado, preso(a), desanimado, sufocado, entre outros. De forma positiva aparecem termos como “normal”, alegria e feliz. Neste momento, convidamos as comunidades a conversarem com as crianças, adolescentes e jovens, pois precisam conhecer com fundamento, e para isso, sugerimos a ciência, para explicar o que passamos, assim como, apoio e esclarecimento sobre emoções, sentimentos e a brusca mudança no cotidiano, como o cuidado em garantir a continuidade da educação e, para isso, também precisamos que o estado assuma suas responsabilidades.

Outras tentativas de diálogo com a comunidade também aconteceram em outros formatos, como, por exemplo, *lives* sobre o tema, convidando representantes das instituições educacionais locais, como da secretaria de educação e de escolas públicas e privadas, assim como entrevista a emissoras de rádios locais. As ações continuam.

Considerações Finais

O presente texto apresentou um projeto de ações educomunicativas, através de uma pesquisa em andamento, realizada no Departamento de Ciências Humanas, Campus III, da Universidade do Estado da Bahia (DCH III/UNEB), a qual emergiu da escuta e observação das escolhas educativas e formativas das comunidades escolar e familiar, através de um estudo de recepção com pais, alunos, professores e gestores, sobre os entendimentos da realidade em mudança e adaptações por construir, compreendendo neste percurso, os desafios dos processos ensino-aprendizagem propostos neste formato de ensino. Para tanto, propõe uma pesquisa qualitativa de metodologia participante, organizada nas seguintes etapas: 1) mapeamento das questões, indagações e primeiros entendimentos através de publicações jornalísticas, documentos oficiais, ensaios e artigos; 2) realização de questionários (formulário *google*) direcionados a pais, alunos, professores e gestores; 3) sistematização dos dados, comparação e fundamentação com estudos que implicam os entendimentos durante a pandemia, bem como, os desafios postos à educação, a qual precisa responder e/ou criar alternativas de forma contínua e em movimento, com tempo limitado e/ou inexistente para as reflexões necessárias na compreensão das mudanças; 4) a difusão dos conhecimentos através da produção de uma Coluna semanal (*Blog Multiciência*) como meio de diálogo com a comunidade acadêmica e o entorno. Como resultado, vislumbra ainda, a ampliação dos percursos educomunicativos propostos na interface dos campos Educação e Comunicação, desafiando a presença das TIC's com as experiências 'filtradas' pelas telas, como meios para potencializar o ensino e na elaboração de bases teórico-metodológicas para o período pós-pandemia.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, José Newton Garcia de. Infância e Pandemia. Caderno de Administração, Maringá, v. 28, ed. Especial, p. 114-121, 5 jun. 2020. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CadAdm/article/view/53733/751375150147>. Acesso em: 13 jun 2020.

ARRUDA, Eucidio Pimenta. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. Em Rede: Revista de Educação à distância. Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020. Disponível em <https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621>. Acesso em: 13 jun 2020.

BARBOSA, André Machado, VIEGAS, Marco Antônio Serra, BATISTA, Regina Lucia Napolitano Felício Felix. Aulas presenciais em tempos de pandemia: relatos de experiências de professores do nível superior sobre as aulas remotas. Augustus. Rio de Janeiro, v. 25, n. 51, p. 255-280, jul./out. 2020. Disponível em: <https://revistas.unisuam.edu.br/index.php/revistaaugustus/article/view/565/302>. Acesso em: 13 jun 2020.

BARRETO, Andreia Cristina Freitas, ROCHA, Daniele Santos. Covid 19 e educação: resistências, desafios e (im)possibilidades. Encantar - Educação, Cultura e Sociedade, Bom Jesus da Lapa, v. 2, p. 1-11, jan./dez. 2020. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/encantar/article/view/8480>. Acesso em: 13 jun 2020.

BRASIL. Medida Provisória nº 934, de 1º de abril de 2020. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 1, 1 abr. 2020a. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/medida-provisoria-n-934-de-1-de-abril-de-2020-25071059> Acesso em: 14 jun 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Nota de Esclarecimento. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 18 mar. 2020b. Disponível em: <http://consed.org.br/media/download/5e78b3190caee.pdf>. 2020b. Acesso em: 14 jun 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. Portaria nº 343, de 17 de março de 2020. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 53, p. 39, 18 mar. 2020c. Disponível em <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. 2020c. Acesso em 13 jun 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Gabinete do Ministro. Portaria nº 345, de 19 de março de 2020. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, extra, n. 54-D, p. 1, 19 mar 2020d. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376> Acesso em: 14 jun 2020.

CAMACHO, Alessandra Conceição Leite Funchal (et al). Students in social vulnerability in distance education disciplines in times of COVID-19. Research, Society and Development, Itabira, v. 9, n. 7, p. e275973979, may 2020. ISSN 2525-3409. Disponível em: <https://rsd.unifei.edu.br/index.php/rsd/article/view/3979/3105>. Acesso em: 14 jun 2020.

CASTAMAN, Ana Sara; SZATKOSKI, Elenice. Distance education in the context of professional and technological education: considerations in pandemic times. Research, Society and Development, Itabira, v. 9, n. 7, p. e491974399, may 2020. Disponível em: <https://rsd.unifei.edu.br/index.php/rsd/article/view/4399/3669>. Acesso em: 13 jun 2020.

COUTO, Edvaldo Souza, COUTO, Edilece Souza, CRUZ, Ingrid de Magalhães Porto. #FIQUEEMCASA: educação na pandemia da covid-19. Revista Interfaces Científicas, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 200-217, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/educacao/article/view/8777>. Acesso em: 13 jun 2020.

HAN, Byung-Chul. Il profumo del tempo. L'arte di indugiare sulle cose. Milano, Italia: Vita e pensiero, 2017.

MONTEIRO, Sandrelena da Silva. (Re)inventar educação escolar no brasil em tempos da covid-19. Revista Augustus, Rio de Janeiro, v. 25 n. 51, p. 237-254, jul./out. 2020. Disponível em: <https://revistas.unisuam.edu.br/index.php/revistaaugustus/article/view/552/301>. Acesso em: 13 jun 2020.

MULTICIÊNCIA. Educação em tempos de pandemia. Disponível em: <http://multicienciaonline.blogspot.com/2020/04/a-educacao-em-tempos-de-quarentena.html> Acesso em: 12 jun 2020

MULTICIÊNCIA. Por que pensar sobre as rotinas das crianças e adolescentes? Disponível em: <http://multicienciaonline.blogspot.com/2020/05/por-que-pensar-sobre-as-rotinas-das.html> Acesso em: 12 jun 2020.

MULTICIÊNCIA. Leitura e infância: Por que ler para as crianças desde o nascimento?. Disponível em: http://multicienciaonline.blogspot.com/2020/05/leitura-e-infancia-por-que-ler-para-as_14.html Acesso em: 12 jun 2020.

MULTICIÊNCIA. Educação e distanciamento social: O que dizem os pais sobre o ensino remoto? http://multicienciaonline.blogspot.com/2020/05/educacao-e-distanciamento-social-o-que_21.html. Acesso em: 12 jun 2020.

MULTICIÊNCIA. Brincadeira todos os dias e na Semana Mundial do Brincar! Disponível em: <http://multicienciaonline.blogspot.com/2020/05/brincadeira-todos-os-dias-e-na-semana.html>. Acesso em: 12 jun 2020.

MULTICIÊNCIA. O Bem-estar Docente em Tempo de Pandemia. Disponível em: <http://multicienciaonline.blogspot.com/2020/06/o-bem-estar-docente-em-tempo-de-pandemia.html>. Acesso em: 12 jun 2020.

MULTICIÊNCIA. Percepções de estudantes com as experiências do distanciamento social. Disponível em: <http://multicienciaonline.blogspot.com/2020/06/percepcoes-de-estudantes-com-as.html>. Acesso em: 12 jun 2020.

NOTÍCIAS CONCURSOS. 72% das escolas brasileiras não têm plataformas para ensino online. Disponível em: <https://noticiasconcursos.com.br/educacao/72-das-escolas-brasileiras-nao-tem-plataformas-para-ensino-online/?fbclid=IwAR3A4q6NgpLPxT7MjFV3GMMa5AAqWlJnjNQ1mXf0Tjs5W3YsZMqQZlhw1R4>. Acesso em: 14 jun 2020.

PEREIRA, Alexandre de Jesus; NARDUCHI, Fábio; MIRANDA, Maria Geralda. Biopolítica e educação: os impactos da pandemia de covid-19 nas escolas públicas. Revista Augustus, Rio de Janeiro, v.25, n. 51, p. 219-236, jul./out. 2020. Disponível em: <https://revistas.unisuam.edu.br/index.php/revistaagustus/article/view/554/299>. Acesso em: 13 jun /2020.

ÚLTIMO SEGUNDO. Estudo diz que cerca de 40% dos estudantes da rede pública não têm computador. Disponível em: https://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/2020-06-09/estudo-diz-que-cerca-de-40-dos-estudantes-da-rede-publica-nao-tem-computador.html?fbclid=IwAR3ksTrUDQBKDvmk6N-THF_jyyOPq3SSFraJKPiPXTH9oQoRfXE5LSyayY. Acesso em: 13 jun 2020.

CAPÍTULO 8

EDUCOMUNICAÇÃO EM TEMPOS DE CORONAVÍRUS: INTERFACE COMUNICAÇÃO E TEOLOGIA

Helena Corazza

INTRODUÇÃO

No contexto desafiador em que, em pouco espaço de tempo, houve a necessidade de adaptação rápida de professores e alunos de um curso de graduação presencial para o ensino remoto, muitas reflexões e aprendizados aconteceram de ambas as partes. Inicialmente, grande desconforto percebido nos alunos pela necessidade de adaptar-se a uma disciplina de estudo em sua casa, sem o encontro presencial. Ao longo dos dias pelo prolongamento da situação, foram sendo tomadas algumas providências no cuidado com o relacionamento, uso de diferentes linguagens, o ânimo dos alunos, a forma de avaliação do aprendizado neste tempo.

Além do conteúdo prescrito pela disciplina, houve reflexões sobre o aprendizado que esta situação proporciona. Na realidade cotidiana, para além dos trabalhos da disciplina, foram sendo identificadas iniciativas voltadas à comunicação, como transmissões de atos religiosos, temas de formação para a juventude, mensagens pelo *WhatsApp*, produção de pequenos vídeos, produção e postagem de *podcast*. Os relatos são captados a partir da provocação da docente em relação a este tempo, observação da vivência dos estudantes, não obedecendo a uma metodologia preestabelecida. Alguns relatos e reflexões nascem de experiências vividas em trabalhos sociais e pastorais.

Estas experiências situam-se na interface Comunicação e Teologia¹⁵ e, neste caso, são ações espontâneas que surgem paralelamente ao estudo em que os jovens estudantes estão em casa. Alguns relatam que atuaram a partir de estímulos da Disciplina e também por incentivo de sua comunidade. E isso nos remete ao sujeito e sua percepção do contexto social, político e a necessidade de se expressar com novas linguagens. É possível identificar elementos da Educomunicação como o diálogo, a autonomia, o aprendizado na produção em diferentes linguagens, a intervenção na sociedade, procurando dar respostas às necessidades do povo, a partir da vida cotidiana. Algumas experiências lembram teoricamente os pilares da educação para o século XXI: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver, aprender a ser em comunicação.

Em relação à metodologia das aulas remotas

Tendo em conta que tudo precisou ser adaptado rapidamente por professores e alunos, e não tendo o Instituto uma plataforma própria, cada professor precisou usar da criatividade e de recursos de que dispunha para as aulas. Seguindo as orientações do Instituto de como proceder em termos de acompanhamento e avaliação, as aulas de Educação para a Comunicação I, conforme o currículo, foram diversificadas, desde leitura de textos, aulas *online*, vídeos no *YouTube*, apresentações em *PowerPoint*, *Lives* sobre temáticas referentes à disciplina, também foram incluídas nos conteúdos das aulas.

Alguns relatos revelam o quanto os jovens apreciam novas possibilidades de aprendizado, como este depoimento de um estudante recebido por e-mail, no dia 26 de maio de 2020. O nome do aluno não será citado para preservar a fonte.

¹⁵ A Teologia, por ser uma ciência milenar, pauta-se pelo conhecimento acadêmico sistemático, menos exposta às mudanças pelas quais passa a sociedade e a Ciência da Comunicação. Seu pensamento é mais linear e estruturado, sendo que alguns segmentos veem, com certa reserva, os trabalhos com comunicação e mídia.

“Agradeço muito suas indicações nas aulas, os convites para as Lives e a interação que tem com os integrantes da nossa turma; tudo isso é parte de um processo de comunicação que estamos fazendo juntos e que vai além da teoria. Importante dizer que juntos escrevemos e vivemos um processo histórico, com as ferramentas que recebemos nesta disciplina, assumimos o presente, tendo em conta o passado e com a esperança de um futuro melhor.”

Este depoimento remete à linguagem audiovisual que desperta atitudes perceptivas, atinge a imaginação e investe na afetividade, na expressão dos sentidos para a percepção do mundo, enquanto a linguagem escrita desenvolve o rigor, a abstração e o espírito de análise. Na cultura da escrita, a mensagem designa o conteúdo intelectual e está nas palavras, na coerência lógica que privilegia a consciência intelectual clara. Entretanto, conforme o teórico francês, Pierre Babin, “ao contrário do homem de Gutenberg, treinado para a distância afetiva e para a desconfiança para com a imaginação, o homem da civilização audiovisual eletrônica liga intimamente a sensação à compreensão, a colaboração imaginária ao conceito” (BABIN, 1989, p. 107).

Em reflexões compartilhadas, outro estudante aponta para a necessidade de reinventar-se, no texto “O reinventar: empatia e solidariedade em tempos de crise”. Em seus comentários sobre a sala de aula aponta como professores começaram a se “especializar” em transmissões ao vivo, por chamadas em vídeo; outros, gravando um áudio ou vídeo para enviar aos seus alunos. Ele considera que alguns se serviram de métodos mais tradicionais como o envio de trabalhos por e-mail. Passando pelas diversas atividades, traz a questão religiosa:

“As igrejas passaram a transmitir suas atividades por vídeo online, as formações para grupos específicos estão sendo feitas por gravações de vídeo ou gravações de áudio”.

Essas experiências recordam o que Lemos afirma em relação à internet e como ela encarna a presença da humanidade a si própria, já

que todas as culturas, todas as disciplinas, todas as paixões ali se entrelaçam. Em se tratando de transmissões religiosas em que muitos consideram reservadas ao espaço privado, novamente a afirmação: “Já que tudo é possível, ela manifesta a conexão do homem com sua própria essência” (LEMOS, 2010, p. 12).

E como aprendizado,

“o que destaco deste momento de quarentena, são as Lives, seja das Missas, de canto, Lives solidárias para arrecadar alimentos para as pessoas que estão passando por necessidade”.

Outro aluno menciona a necessidade de se ter uma rede articulada de comunicação a serviço da evangelização¹⁶ neste tempo de isolamento, uma vez que os templos e espaços de evangelização se reduziram a acesso restrito:

“Foi justamente neste momento que tomamos conhecimento do quão é importante esta inserção no mundo das comunicações”.

Ele cita emissoras católicas que, de imediato, souberam dar uma resposta coerente a esta nova situação com suas programações.

“Na impossibilidade de sair de nossas casas estas emissoras estão cumprindo muito bem o seu papel de ser um instrumento promotor da unidade”.

Estes relatos remetem à conectividade que possibilita novas formas de vinculação e interação em que o ser humano se relaciona mediado pelas tecnologias, enviando e recebendo mensagens em tempo real — em linguagens sonoras, textuais, imagéticas — e também pelo simples contato de “estar” na rede, uma vez que a essência da rede é a

¹⁶ A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) assim define o objetivo da evangelização: “Evangelizar no Brasil, cada vez mais urbano, pelo anúncio da Palavra de Deus, formando discípulos e discípulas de Jesus Cristo, em comunidades eclesiais missionárias, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, cuidando da Casa Comum e testemunhando o Reino de Deus rumo à plenitude” (2019).

conexão. “O meio (mídia) conectado por excelência é a tecnologia que torna explícita e tangível essa condição natural de interação humana” (KERCKHOVE, 1997, p. 25).

Descoberta da importância das redes sociais

Em meio à realidade marcada pelo distanciamento social, os estudantes sentiram a necessidade de tomar iniciativas, servindo-se das diferentes redes sociais, como oportunidade de cumprir a missão com os meios de comunicação. Para eles,

“A Igreja recorreu, incisivamente, aos meios de comunicação social para levar a Palavra que liberta e salva e alimenta o povo de Deus não com o ‘pão descido dos céus’, mas com uma palavra de conforto e de encorajamento em tempos difíceis”.

É importante também a percepção do momento presente como oportunidade única:

“Tenho a impressão de que os meios de comunicação na Igreja nunca foram tão usados e valorizados como em tempos de pandemia que estamos vivendo”.

Esta oportunidade do “uso das mídias digitais, do modo como elas têm sido utilizadas para ajudar as comunidades na celebração de sua fé, já não é novidade por parte dos católicos”. A Pastoral da Comunicação (PASCOM) é, normalmente, a responsável pelas atividades ligadas às transmissões. Dessa forma, “a maioria das paróquias¹⁷, por meio de sua PASCOM, transmitiu, via redes sociais, as celebrações nas comunidades, sendo que a pandemia acelerou esse processo”.

¹⁷ Paróquia, na Igreja Católica diz respeito a um território geográfico, assim definida pelo Código de Direito Canônico: “Paróquia é uma determinada comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular, e seu cuidado pastoral é confiado ao pároco como a seu pastor próprio, sob a autoridade do Bispo diocesano”. (Cân. 515 § 1º).

Mesmo aqueles que

“não sentiam necessidade ou não percebiam a oportunidade do uso das redes sociais foram praticamente forçados a se valerem de mídias sociais como o Instagram, o Facebook e o YouTube para transmitir as celebrações”

Note-se que as comunidades católicas se serviram das redes não só para transmissões de celebrações, mas também para encontros e reuniões que não puderam ser presenciais.

“Esses fatos nos fazem pensar que, teoricamente, todo cristão sabe da importância do uso de todas as mídias na evangelização, e esse é um aspecto bastante positivo, pois por iniciativa ou por necessidade o uso das mídias se impõe”.

A quebra de preconceitos e a necessidade de reinventar-se

Um dos desafios que permanece para a comunicação, na Igreja Católica, é a adequação da linguagem dos encontros presenciais para os realizados a distância. “Permanece a pergunta: em que uma celebração eucarística deve ser modificada em uma transmissão *on-line*?” A constatação é de novas opções de modo que para transmitir uma missa hoje não é mais necessário pagar o espaço em um canal de televisão. “Qualquer comunidade com mil seguidores em sua conta no *YouTube* pode transmitir uma missa, bastando para isso de um *smartphone* com a inscrição em um pacote médio de dados para Internet”, uma vez que o polo do emissor está liberado. Estas experiências confirmam que

À televisão sucederá a omnivisão: através do ciberespaço, qualquer que seja o lugar em que nos encontramos, dirigiremos nós mesmos nossos olhos a distância em direção à zona da realidade que escolheremos para observar, e a intensidade dos nossos olhares, como a força de nossas questões, fará nascer ao infinito novos detalhes (LE MOS, 2010, p. 13).

Confirmam também o *empoderamento* das comunidades como sujeito interlocutor que busca soluções; pessoas capazes de pensar, produzir, transmitir, conectar-se em seu território e de forma desterritorializada. Lembrando que ao habitar o “continente digital”, como lembra o papa Bento XVI (2009), é preciso ter em conta a linguagem. “Este é um desafio, pois esse continente tem uma linguagem que devemos estar sempre aprendendo, pois evolui com muita velocidade”. E um estudante continua a sua reflexão, citando a disciplina Educação para a Comunicação:

“Neste sentido, os textos das últimas aulas mostram que a Igreja tem feito um bom caminho: há documentos, reflexões desde o início do século XX a respeito dos meios de comunicação. No entanto, o que sempre fez falta e continua fazendo nesses dias de pandemia, é a aplicação em projetos de pastorais de comunicação exequíveis nas paróquias e nas dioceses, de modo que o relacionamento, a comunhão entre as pessoas possa aumentar, presencialmente ou por meio das maravilhas que a criatividade humana fornece.”

Em sua reflexão, outro estudante pontua a necessidade da reorganização da vida e das rotinas, da quebra de preconceitos e da necessidade de reinventar-se para evangelizar, uma vez que cada um vive inserido em comunidades que tiveram que se reorganizar.

“Sabemos que para algumas comunidades isso não foi fácil e ainda não é. A vida religiosa consagrada e presbiteral¹⁸ tem a missão de anunciar a Boa-nova, isto é, a missão de ser sinal de Deus na vida das pessoas. Desta maneira e com a realidade na qual estamos vivendo, somos convidados e provocados a repensar o como evangelizar, como continuar a nossa missão. Assim, foi preciso quebrar alguns preconceitos em relação às redes sociais. Padres e irmãs que não possuíam Instagram, Facebook, passaram a ter, para poder continuar as suas atividades pelas transmissões ao vivo.”

¹⁸ A vida de comunidade é constitutiva da vida religiosa consagrada onde há a partilha dos bens e a missão é realizada em conjunto. Presbíteros são os que recebem o Ministério ordenado, os padres. O estudo da Teologia prepara para este ministério e missão.

O aprendizado deste tempo, o jovem destaca o processo de se reinventar, de quebrar preconceitos e de lançar-se em relação às comunicações pelos meios digitais, principalmente as redes sociais e aplicativos por meio de videoconferências e transmissões ao vivo.

Novos desafios: acesso, conexão e conhecimento das tecnologias

Comunidades religiosas de estudantes estão inseridas, muitas vezes, em periferias da Região Metropolitana da cidade de São Paulo e, uma das dificuldades é o acesso à conexão da internet:

“Há comunidades religiosas que estão localizadas em regiões em que a comunicação digital é difícil por causa do sinal de internet. Essas regiões são as que mais sofrem com todo esse período de pandemia e isolamento social”.

Outro desafio apontado é em relação às transmissões ao vivo, pelas redes sociais. “Nem todos os padres, religiosos (as) sabem manusear os equipamentos, assim é necessário tempo para se adaptar e aprender a mexer nos equipamentos”. Por sua vez, em algumas paróquias, aos poucos, os fiéis leigos foram se inserido neste novo método de evangelizar, conforme a provocação:

O próximo centenário do descobrimento e da primeira evangelização nos convoca, pois, para uma nova evangelização da América Latina, que desenvolva com mais vigor – como sucedeu em suas origens – um potencial de santidade, um grande entusiasmo missionário, uma vasta criatividade catequética, uma manifestação fecunda da colegialidade e da comunhão e um empenho evangélico de dignificação do homem, a fim de gerar, a partir do próprio seio da América Latina, um grande futuro de esperança. Este tem um nome: A Civilização do Amor (PUNTEL, 2015, p. 65).

Na Igreja Católica há orientações sobre a evangelização pelas plataformas digitais. Conforme Corazza (2016), por cinco anos consecutivos, a mensagem do Papa Bento XVI para o Dia Mundial das Comunicações, celebrado no mundo inteiro no dia da Ascensão do Senhor, tratou da temática das tecnologias e redes sociais ¹⁹. Os textos orientam a reflexão em torno da convivência no mundo digital, colaborando no cultivo dos valores humanos e cristãos: “Desejo encorajar todas as pessoas de boa vontade, ativas no mundo emergente da comunicação digital, a que se empenhem na promoção de uma cultura do respeito, do diálogo, da amizade”. E convidando os jovens para que “povoem o continente digital”, o incentivo a viver esses valores e educar-se para estar neste ambiente.

O ambiente digital não é um mundo paralelo ou puramente virtual, mas faz parte da realidade cotidiana de muitas pessoas, especialmente dos mais jovens. As redes sociais são o fruto da interação humana, mas, por sua vez, dão formas novas às dinâmicas da comunicação que cria relações: por isso uma solícita compreensão por este ambiente é o pré-requisito para uma presença significativa dentro do mesmo (BENTO XVI, 2013).

Em relação às orientações da Igreja sobre o uso da internet na pastoral, a pandemia acelerou o processo para se colocar em prática o aprendizado das tecnologias presentes no cotidiano, mas que necessitam de adaptação também para o âmbito da educação da fé. É o que diz um jovem:

“as atividades pastorais foram se organizando, a Pastoral Catequética passou a fazer transmissões para as crianças, os grupos juvenis foram se organizando para atividades através de videoconferências”.

¹⁹ 2009 – “Novas tecnologias, novas relações. Promover uma cultura de respeito, de diálogo e de amizade”; 2010 – “O sacerdote e a pastoral no mundo digital: os novos meios a serviço da Palavra”; 2011 – “Verdade, anúncio e autenticidade de vida, na era digital”; 2012 – “Silêncio e Palavra, caminho de Evangelização”; 2013 – “Redes sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização”.

Participação em *Lives*, produção de Vídeos e *PodCasts*

Como parte do conteúdo da disciplina foram indicadas duas *Lives* em que a docente atuou, uma como entrevistada, falando sobre a mensagem do papa Francisco por ocasião do 54º Dia Mundial das Comunicações Sociais 2020, com o tema das narrativas: “Para que possas fixar na memória (Ex 10,2). A vida se faz história”. Em outra *Live*, a docente foi mediadora, com a temática: “A contribuição da Educação Midiática em tempos de desordem informacional”, entrevistando o jornalista e doutorando Michel Carvalho. Um dos alunos cita ter participado dessas *Lives* e “também achei algumas outras bem interessantes na ‘Ciranda da Comunicação 2020’, programações para o evento do Dia Mundial das Comunicações Sociais.

Uma das alunas também participou de *Lives* pelo Instagram, realizadas com a juventude, em sua comunidade e conta sua experiência, acentuando a diferença entre a comunicação presencial e pelas redes:

“Para mim está sendo uma experiência muito boa e desafiante também, pois uma coisa é estar diante do público fisicamente, outra coisa é estar atrás de uma câmera, pois a dinâmica não é a mesma e para mim ainda não é algo espontâneo. Mas acredito que está sendo um momento de aprendizado e um novo modo de contato com as pessoas, onde vivemos experiência de partilhar a fé. Aos poucos vou aprendendo.”

Um grupo de quatro alunos, de uma mesma comunidade, decidiu fazer o exercício da comunicação, produzindo alguns vídeos. Eles contam que uma coisa muito interessante aliada à disciplina Educação para a Comunicação é a criação de um canal no *YouTube*, chamado “Verbalizando”. A oportunidade abriu possibilidades para a missão, antes não imaginadas.

“Temos usado este período da quarentena, elaborando pequenos vídeos para a nossa Paróquia passando uma mensagem cristã. Sem dúvida alguma não

estariamos aprendendo mais aqui em casa que na Faculdade. Temos aliado a teoria com a prática e isso vem abrindo um leque possibilidades que sequer tínhamos pensado, na importância da mensagem cristã neste novo mundo da Cultura.”

As produções abordam a problemática da quarentena, o tédio, as atividades, o estudo, de forma descontraída, dando orientações de cuidados na pandemia: “Cansado da quarentena?” - Parte I com a duração de 4:48min. Os próprios alunos são roteiristas, técnicos e atores. Note-se que as produções são espontâneas, mas com o cuidado de colocar caracteres. A parte II do Jornal Verbalizando leva o tema: “Ser Igreja na quarentena” com a duração de 9:12min, no mesmo estilo brincalhão, os jovens deixaram, propositalmente, algumas “gafes”. O apresentador tenta informações sobre o número de mortos e como não consegue, o demonstra com uma fina ironia.

Neste vídeo as duas reportagens trazem a questão de como ser Igreja: aqueles que reclamam, na porta da igreja fechada pela falta de missa, mas não se preocupam com os necessitados. A segunda reportagem entrevista o padre, que diz desconhecer os protestos porque as missas e outros momentos de oração são transmitidos pelo FB da paróquia e entende que os que reclamam por missa, não são da comunidade. Lembra que nos horários de celebrações há pessoas na porta da igreja para receber mantimentos para serem doados aos que passam necessidade por não poderem trabalhar.

De forma inteligente e sutil, sem ser moralista, os fatos mostram o que a fé cristã ensina, ou seja, da mesma forma que o corpo de Cristo está presente na Eucaristia, também está no corpo do irmão que passa fome ou outras necessidades:

“Quantas pessoas estão se ajudando nestes tempos de pandemia, há famílias sofrendo, precisando de ajuda, há pessoas, grupos pastorais que estão fazendo o seu gesto concreto de se solidarizar com aqueles que precisam”.

No vídeo, a referência constante aos cuidados de higiene, e a educação neste tempo de pandemia.

Processo de produção de Podcast

A criação de Podcasts, pelo relato de um aluno, nasceu de inquietações “que surgiram nas aulas de Educação para a Comunicação”. Ele explicita seu interesse, gosto e tendência pela comunicação, experiências em rádio comunitária e na apresentação de programas em televisão. Ademais, colabora com as mídias digitais em sua instituição: “creio que sejam caminhos fundamentais para a evangelização no nosso contexto”.

O aluno faz referência à disciplina de Educação para a Comunicação, quando percebeu “como a Igreja foi, de certa maneira, lenta para adentrar nesses meios”. E admira a inspiração do Bem-aventurado Tiago Alberione, fundador da Família Paulina, que percebeu aí um caminho para a evangelização. Por outro lado, “também o fundador da minha Congregação - São José Marelló - escrevia no século XIX sobre a importância da boa imprensa”.

Faz referência ao texto de Adorno (2002) sobre Indústria Cultural, estudado na disciplina, que reflete “acerca de como os programas nos meios de comunicação são produzidos para alienar as pessoas das reflexões sobre a vida, a política, as dores da humanidade, e a necessidade de ir na contramão, sem se esquecer que as pessoas estão inclinadas para uma linguagem que entretém”.

Outra razão é o cuidado com imagens e representações de algumas verdades da fé, das quais os evangelizadores se servem e que já não respondem às necessidades das pessoas. E conclui que “muitos jovens que não possuem religião, com os quais tenho contato, pensam que as reflexões da Igreja sejam muito superficiais, justamente porque internalizaram os mitos como se pretendessem a verdade em si mesma”. E ele

sente a necessidade de explicar aos jovens de forma acessível: “muitos jovens perguntam acerca de alguns temas do Cristianismo e buscam entendê-los melhor”.

Segundo o produtor, este é um projeto que visa descomplicar algumas ideias da fé. Os temas foram escolhidos com base em perguntas que os jovens mais fazem, colhidas na sua experiência pastoral. A partir das inquietações e necessidade de se comunicar numa linguagem que interesse, o Podcast foi gravado numa plataforma gratuita disponível. Para um Podcast que quer descomplicar a fé para os jovens e para tantas pessoas, o autor buscou na compreensão popular, a partir da experiência, uma expressão que chamasse a atenção. Segundo ele, quando não se conhece determinado termo pergunta-se:

“Isso é de comer ou de passar no cabelo?”. E complementa: “Esse nome me tocou, pois certa vez, distribuindo a comunhão numa comunidade, ao dizer ‘o corpo de Cristo’, a pessoa que recebia me perguntou: ‘é de comer?’”.

Alguns episódios já foram produzidos de forma simples, mas com diversos recursos de linguagem que facilitam a compreensão: “fé descomplicada”. Indicativos na estrutura do Podcast, com o título “É de comer?”, inicia com chamada para o momento da pandemia a necessidade de cooperação mútua, criar vínculos, viver em comunidade. A relação com o ouvinte é próxima e coloquial, bem humorada, linguagem leve que ajuda a pensar, alternando reflexões pela palavra, pela música, por figuras de linguagem para explicar conceitos, servindo-se da linguagem poética como a literatura de cordel, diálogos com diversos personagens, na interpretação do próprio apresentador hábil em diferentes vozes.

O formato se aproxima a radiorevista, entretanto, um único personagem faz a apresentação, equaciona diferentes vozes e interpretações, por isso, também lembra o gênero dramático como o sociodrama, o humor, entre outros (VIGIL, 2003, p. 200ss.).

Aprendizados com a pandemia

Este tempo de isolamento social deverá trazer muitos aprendizados e lições no sentido de revisão das práticas culturais e pastorais, de inovação dos métodos no processo da evangelização. Essas atividades não ficarão limitadas à Paróquia, mas poderão ser transmitidas para outras pessoas que não estão no mesmo território geográfico.

Um dos aprendizados é que não se precisa mais de uma televisão para acompanhar programações na TV, pois há a descoberta da possibilidade do acesso às redes sociais, por muitos grupos, a partir de suas realidades regionais e de forma descentralizada. Essas produções locais possibilitam chegar mais próximo das pessoas que se conhece para ajudá-las, neste momento. A partir de experiências que provocam mudanças nos conceitos e *empoderam* o sujeito como produtor de conteúdo. Diversas práticas passarão a ter novas configurações dos momentos presenciais e a distância, introduzindo a alternância e qualificando, sobretudo, os momentos presenciais. Segundo Castells (2020),

nosso mundo é e será necessariamente híbrido, feito de realidade carnal e realidade virtual. É uma cultura da virtualidade real, porque essa virtualidade é uma dimensão fundamental da nossa realidade. E quando ameaças como a atual pandemia surgem sobre nossas vidas, podemos nos retirar, adaptar e recomeçar, sempre em direção ao abraço, que, é claro, não podemos e nem queremos virtualizar.

As dificuldades e desafios despertaram novas formas de ação, alternativas não pensadas e praticadas antes, no exercício da educação da fé. Uma questão fundamental na comunicação é a possibilidade do diálogo, da escuta, da interação, da troca de saberes. Os desafios e a necessidade de inovação requer que o sujeito se exercite na autonomia e na capacidade de busca de soluções:

Na medida em que o homem amplia seu poder de captação e de resposta às sugestões e às questões que partem de sua circunstância e aumenta o seu poder de “diálogo” não só com o outro homem, mas com o seu mundo, se transitiva. Seus interesses e preocupações se alongam a esferas mais amplas do que à simples esfera biologicamente vital. Essa transitividade da consciência permeabiliza o homem (FREIRE, 2002, p. 35).

Para além da produção, a comunicação é processo relacional em construção que compreende a dimensão consigo mesmo, com o outro, a natureza e o entorno, o habitat. Esse convívio requer que a pessoa tenha consciência dessa inserção no cosmo e não se distancie de si mesma para estar aberta ao diálogo e à interlocução, resgatando a condição humana e a relação cósmica.

Estamos, a um só tempo, dentro e fora da natureza. Somos seres, simultaneamente cósmicos, físicos, biológicos, culturais, cerebrais, espirituais [...] somos filhos do cosmo, mas, até em consequência de nossa humanidade, nossa cultura, nosso espírito, nossa consciência, tornamo-nos estranhos a esse cosmo do qual continuamos secretamente íntimos. Nosso pensamento, nossa consciência, que nos fazem conhecer o mundo físico, dele nos distancia ainda mais (MORIN, 2000, p. 38).

A dimensão antropológica da comunicação, neste contexto de limitações no relacionamento, desafia o ser humano na relação consigo mesmo, com o outro, com o transcendente, que busca dar sentido à própria vida e a compreender-se a partir da sua essência na relação com o outro.

A educação das habilidades e das sensibilidades abrange o autocohecimento, a empatia, o espírito colaborativo, a resiliência, ou seja, a capacidade de superar obstáculos bem como adaptar-se a mudanças e situações adversas. Por se tratar de um ser social por essência, o ser humano

precisa desenvolver as habilidades socioemocionais para viver em sociedade, construindo relações mais saudáveis. Essas habilidades são exigidas cotidianamente nas mais diversas circunstâncias, integrando os processos relacionados a aprender a conhecer, a ser, a fazer, a conviver e a trabalhar.

A formação e atenção pastoral acentuam a necessidade da formação em relação às novas linguagens que “modificam o processo de aprendizagem e a qualidade das relações humanas e, por isso, sem uma formação adequada corre-se o risco de que os meios de comunicação, em vez de estarem a serviço das pessoas, cheguem a instrumentalizá-las e condicioná-las inadequadamente” (JOÃO PAULO II, 2005, p. 20).

Reinventar-se enquanto sujeito

Os desafios do momento contemporâneo provocam mudanças culturais e sociais, na convivência por meio de tecnologias que atingem o sujeito da comunicação, da educação e da pastoral. Pesquisadores observam como elas despertam no sujeito interlocutor novas maneiras de pensar as realidades e posicionar-se diante delas, o que interfere também no processo educacional, com desafios para reinventar a educação. Para Sodré, “ao se reinventar a educação é inevitável que emergjam ideologicamente as diferenças entre as expectativas sociais e o fundo utópico que parece presidir todo empenho educacional” (SODRÉ, 2012, p. 14). Para o autor,

sejam quais forem as posições políticas, parece consensual a convicção de que, na contemporaneidade, todo e qualquer projeto educacional se obriga a pensar e agir em sintonia com as exigências postas pela tecnologia do mundo e com as injunções do mercado global (SODRÉ, 2012, p. 14).

No contexto contemporâneo, a educação e a pastoral tem a missão de trabalhar valores e conteúdos consolidados — sobretudo, manter as humanidades, neste ambiente tecnicista que valoriza a pessoa a partir

da produtividade e do capital. Faz parte do desenvolvimento humano o conhecimento de técnicas a serviço do progresso da humanidade que facilitam a aprendizagem, como o livro, a caneta, o quadro, o giz e tantos recursos artesanais úteis à pedagogia, que vão evoluindo com o rádio, o filme, a televisão, o vídeo, a internet, o celular.

Muito se falou e escreveu sobre os quatro pilares da educação para o futuro, que contribuem para “reinventar” a educação para que envolva o ser humano de forma integral, ou seja, na sua inteligência com a apreensão do conhecimento reflexivo, associativo, consciente e crítico; na apreensão de conhecimentos práticos, ou seja, a apropriação do aprender a fazer, produzir, o saber das coisas práticas; saber conviver, ou seja, a comunicação enquanto processo relacional, compreendendo e respeitando as diferentes ideias; e aprender a ser, ou seja, o autoconhecimento e o sentido de estar no mundo.

Considerações finais

Ao lado do pensar teórico, a *epistemè*, no estudo da Teologia e da Comunicação, desponta a *tecnè*, o saber das coisas práticas na produção da comunicação. Mesmo sem conhecimentos técnicos suficientes a situação levou estudantes à ação, produzindo comunicação das mais diversas formas. A Educomunicação compreende aprender a pensar, a produzir, a conviver, o que vai além do trabalho em grupo, do reconhecimento da diferença e da cultura do outro e envolve também o trabalho coletivo de produção de pensamento e de produções culturais.

Os relatos deste artigo mostram como os desafios do confinamento social ajudam a pensar, a sentir e a buscar soluções como resposta às necessidades que se apresentam. Dessa forma, o aprendizado da comunicação não está só na reflexão e na prática, mas num ecossistema comunicativo que envolve o ambiente, a comunicação visual e sonora, as relações com as pessoas, bem como a infraestrutura e o entorno fazem parte da metodologia, pois são condições para o *ser* e o *produzir* comunicação.

Sem dúvida alguma, esta experiência educomunicativa aponta para um novo sujeito capaz de ser e atuar com criatividade em situações desafiadoras e adversas que exigem novos métodos e novas linguagens. Aponta também para uma atuação híbrida, não apenas na formação acadêmica, na educação, mas na educação da fé, nas práticas pastorais e evangelizadoras.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor e HORKHEIMER. Max. A Indústria Cultural: o Iluminismo como mistificação de massa. In: LIMA, L.C. Teoria da Cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 169-214.

BABIN, Pierre; KOULOUMDJIAN, Marier-France. Novos modos de compreender a geração do audiovisual e do computador. São Paulo: Paulinas, 1989.

BENTO XVI. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20130124_47th-world-communications-day_po.html. Acesso em: 12 jun 2020.

CASTELLS, Manuel. O digital é o novo normal. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/artigos/o-digital-e-o-novo-normal>. Acesso em: 29 maio 2020.

CNBB. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023. Documentos da CNBB 109. Brasília: Edições CNBB, 2019.

CORAZZA, Helena. Educomunicação. Formação pastoral na cultura digital. São Paulo: Paulinas, 2016.

DELORS, Jacques. Educação um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, Paulo. Educação & atualidade brasileira. 2 ed. São Paulo: Cortez/ Instituto Paulo Freire, 2002.

JOÃO PAULO II. Rápido desenvolvimento. Aos responsáveis pelas comunicações sociais. São Paulo: Paulinas, 2005.

KERCKHOVE, Derrick. A pele da cultura. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

LEMONS, André. Cibercultura. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MORIN, Edgar. Cabeça bem-feita. Repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2000.

PUNTEL, Joana T. Igreja e sociedade. Método de trabalho na comunicação. São Paulo: Paulinas, 2015.

SODRÉ, Muniz. Reinventar a educação. Petrópolis: Vozes, 2012.

VIGIL, José Ignacio Lopez. Manual urgente para radialistas apaixonados. São Paulo: Paulinas, 2003.

CAPÍTULO 9

O ENSINO DE JORNALISMO EM TEMPOS DE PANDEMIA: A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E O USO DE TECNOLOGIAS NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR DE CAMPO GRANDE (MS)

Caio Teruel, Marcele Aroca Camy, Naiane Gomes de Mesquita,
Rose Mara Pinheiro, Thayná Rafaela de Oliveira

INTRODUÇÃO

O crescente aumento do fluxo de informações, do surgimento de tecnologias e de estudos e pesquisas em diversas áreas contribuem para o desenvolvimento da sociedade e marcam o século em que vivemos. Mesmo que ainda não tenhamos realizado o feito de carros voadores, como muitos filmes apontavam para a nossa atualidade, não podemos deixar de reconhecer a evolução que tivemos ao longo dos anos, principalmente com a popularização da internet. Porém, mesmo com todo o conhecimento científico disponível, a população mundial foi surpreendida com o início da pandemia do novo coronavírus (SARS-COV-2), que, sem um medicamento ou vacina eficaz, rapidamente se espalhou por diversos países e trouxe a necessidade de realinhamentos na vida cotidiana.

Sem uma forma efetiva de combate à Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus, o isolamento social foi indicado como medida de prevenção ao contágio, que ocorre, por exemplo, por gotículas geradas quando uma pessoa infectada tosse ou espirra. Escolas, centros educacionais e universidades foram as primeiras instituições fechadas para conter os avanços da doença, com isso as aulas presenciais foram transferidas preferencialmente para ambientes virtuais, se aproximando da concepção de educação a distância. Como Soares (2000) explica, a

relação entre educação e tecnologias de informação não é uma novidade no mundo, sendo que, no final do século 20, a estimativa apontava para um crescimento de 60% das aulas desenvolvidas em ciberespaços e um crescimento de R\$ 200 bilhões de dólares nos negócios da área. Apenas em 2018, por exemplo, o Brasil recebeu 15.394 novos polos de ensino a distância, denominados pela sigla EaD, e regulamentados por meio do decreto nº 9.057, de 25 de maio de 2017, que regulamenta a criação de novos polos com o objetivo de ampliar a oferta de cursos superiores nessa modalidade.

A possibilidade do ensino a distância está vinculada ao crescimento de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), possíveis graças à primeira tentativa de conexão on-line, a Arpanet, em 1969, denominada posteriormente de Internet. Ao lado da *World Wide Web*, em 1992, ambas trouxeram uma revolução na forma de se comunicar do ser humano. A conexão on-line possibilitou a superação de barreiras físicas e trouxe avanços mundiais para a comunicação devido à integração política, econômica e cultural dos países, intensificando o processo de globalização. “O novo objetivo estratégico da indústria da comunicação passa a ser, evidentemente, as telecomunicações, sobretudo nos seus desdobramentos digitalizados e de compactação dos sinais via satélite” (CITELLI, 2000, p. 15).

Segundo Canavilhas (2009), a digitalização dos meios de comunicação impactou no funcionamento e estrutura das redações, não só em relação à adequação às novas tecnologias e formatos, como o surgimento do Webjornalismo/Ciberjornalismo, mas também nos modelos de negócios e na exigência de um novo perfil de profissional, agora multitarefa e voltado a trabalhar com multiplataformas, o que também exige das universidades a formação de jornalistas para essa realidade.

Apesar de os avanços, Canavilhas (2009) aponta que as universidades não acompanharam as mudanças no âmbito digital e se voltaram

para o assunto tarde demais. “A introdução de disciplinas ligadas às novas tecnologias nos planos de estudos foi mais lenta do que a digitalização dos meios de comunicação, criando-se um desfasamento entre as necessidades do mercado e a oferta formativa” (CANAVILHAS, 2009, p. 2). Segundo o autor, enquanto as redações acompanhavam as mudanças tecnológicas, o ensino superior em jornalismo se preocupava em discutir teoricamente fenômenos, ações e características ligadas à área. Canavilhas (2009) expõe uma realidade das Instituições de Ensino Superior em Portugal, no começo dos anos 2000, mas que ainda continuam atuais e podem ser aplicadas em muitos cursos de jornalismo no Brasil.

Outro ponto abordado pelo autor é que devido a não obrigatoriedade do diploma, vários profissionais da área trabalham com jornalismo sem passarem pela formação superior. Este cenário era mais discrepante antigamente, e a defasagem entre a formação do repórter nativo das redações e do profissional formado pelas universidades podia ser vista no nível técnico de conhecimento das novas tecnologias (CANAVILHAS, 2009), situação que para o autor começou a mudar a partir dos anos 90, quando o grupo de jornalistas formados por universidades começou a aumentar. No entanto, essa distância entre o que é estudado na universidade e o que acontece no mercado de trabalho ainda pode ser sentida atualmente.

Para João Canavilhas (2009), a digitalização dos meios de comunicação deve ser vista como uma oportunidade para a universidade se reaproximar do mercado de trabalho e das empresas do setor, e assim o jornalista formado pelas Instituições de Ensino Superior ser mais valorizado. No entanto, o autor não prega a introdução das novas tecnologias no ensino de Jornalismo com um caráter tecnicista, nem o detrimento do digital sobre o analógico. As mudanças no campo digital geram oportunidades para o ensino superior no sentido de estudar o que há por trás dessas tecnologias, não apenas a técnica em si, mas o

uso delas no sentido de como, onde e por que utilizá-las. A ideia seria trazer para sala de aula o estudo das novas ferramentas de comunicação e informação à luz da universidade, das disciplinas teóricas e também adequadas à contemporaneidade, de modo que o estudante se torne atualizado no assunto, ao mesmo tempo em que o curso possa oferecer soluções e novas tendências para o mercado.

Num plano mais prático, o ensino do jornalismo deve procurar andar sempre um passo à frente do mercado. Não basta formar alunos para as necessidades actuais das empresas, é preciso antecipar o futuro e desenvolver projectos de investigação que integrem esses mesmos alunos (CANAVILHAS, 2009, p. 8).

Ao defender uma abordagem menos tecnicista, Canavilhas (2009) se aproxima da educomunicação. O conceito que, conforme Soares (2011), se consolida como um campo emergente na interface entre educação e comunicação, um caminho de renovação das práticas sociais que busca ampliar a liberdade de expressão, principalmente entre os jovens.

Não se trata, pois, de educar usando o instrumento da comunicação, mas de que a própria comunicação se converta na vértebra dos processos educativos: educar pela comunicação e não para a comunicação. Dentro desta perspectiva da comunicação educativa como relação e não como objeto, os meios são ressi-tuados a partir de um projeto pedagógico mais amplo (SOARES, 2011, p. 23).

Segundo Pinheiro e Pereira (2018), no ensino de jornalismo o tensionamento entre as tecnologias de informação e a educação se torna ainda mais complexo, uma vez que as mudanças constantes nos meios de comunicação influenciam diretamente no cotidiano do futuro profissional.

É por isso que o desafio do ensino e da prática do profissional de Jornalismo é ainda mais contundente, fortalecendo o senso de urgência sobre as relações

entre professores, alunos e profissionais dentro e fora da sala de aula. Não estamos falando aqui de repensar a estrutura que já contempla o uso intensivo de tecnologias de comunicação, mas, além disso, o que fazer com a mediação tecnológica que transforma as relações professor-aluno, aluno-aluno e professor-professor. (PINHEIRO; PEREIRA, 2018, p. 88).

Com a pandemia da Covid-19, ocorreram mais mudanças tanto para o ensino de jornalismo nas universidades quanto para o fazer jornalístico nas redações, com o crescimento ainda maior do uso da tecnologia como mediadora da informação. Porém, sem um tratamento ou uma vacina para a doença, o futuro é incerto em âmbito geral, e essa incerteza também se aplica a contextos menores, como para a área jornalística. Seguindo o pensamento de Canavilhas (2009), a universidade pode estudar as novas formas de trabalho que estão sendo realizadas e talvez no futuro dar respostas e sugestões de novas tendências para a área. E, de acordo com os preceitos da educomunicação, o diálogo entre os agentes do ensino em jornalismo e do campo jornalístico podem ajudar a gerar bons frutos em relação aos cursos e a formação desse profissional.

A partir do exposto, surgiu a curiosidade de entender como os cursos de Jornalismo estão se adaptando a esse momento de pandemia e como a educação mediada ainda mais pelas Tecnologias de Informação e Comunicação tem impactado o ensino, o fazer jornalístico e as relações entre alunos e professores.

O presente artigo foi elaborado como fruto de discussões realizadas pelo Grupo de Pesquisa de Comunicação e Educação, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), na cidade de Campo Grande (MS). O estado possui cinco cursos de Jornalismo, oferecidos por quatro instituições de ensino superior privadas e somente uma pública, sendo que quatro participaram desta análise, realizada no final de maio de 2020, sobre o andamento das disciplinas durante o período de aulas a distância com uso de TICs.

Para efeitos de mapear a dinâmica atual de educação e compreender as práticas de ensino a distância em tempos de pandemia do novo coronavírus, foi realizado um questionário com perguntas abertas e fechadas, direcionado à coordenação dos quatro cursos de graduação em jornalismo da cidade de Campo Grande. O lócus da pesquisa foi delimitado desta forma pelo fato de todas as instituições de ensino que responderam ao questionário estarem localizadas no município, capital de Mato Grosso do Sul. Apenas uma universidade, sediada em Três Lagoas, não respondeu em tempo hábil para a pesquisa, e portanto, foi desconsiderada no levantamento.

A priori, a pesquisa se justifica como método empírico para entender quais foram as soluções encontradas pelos profissionais dos cursos participantes da pesquisa frente aos desafios da pandemia da Covid-19, principalmente em relação ao distanciamento social e as aulas que ocorrem em ambientes digitais. A pesquisa investigou como a nova realidade transformou o ecossistema do ambiente acadêmico de jornalismo, no que diz respeito a distância, desenvolvimento das aulas, realização de provas, comunicação entre educadores e educandos, exercícios teóricos e práticos, entre outros aspectos de ensino na área.

Entre as questões propostas pela pesquisa, os coordenadores também tiveram de responder sobre as ferramentas mais utilizadas e as disciplinas que integram a interface da comunicação e educação.

Análise

Para compreender como o ensino de jornalismo foi impactado pela pandemia do novo coronavírus, o questionário foi enviado para as coordenações, com o propósito de identificar diferentes realidades. A lista das instituições encontra-se abaixo, respectivamente identificadas por sua localização, natureza, avaliação do curso no Guia do Estudante, e nome do(a) coordenador(a).

Figura 1: Quadros dos cursos de Jornalismo em Campo Grande (MS)

CURSOS DE JORNALISMO EM MS					
Universidade	Cidade	Tipo do curso	Tipo de Instituição	Avaliação Guia do Estudante*	Contato do coordenador
Faculdade Estácio de Sá de Campo Grande	Campo Grande (MS)	Bacharelado	Privada	Nenhuma estrela	Frederico Kochhann dos Santos
Universidade Católica Dom Bosco	Campo Grande (MS)	Bacharelado	Privada	3 estrelas	Inara Silva
Universidade Anhanguera-Uniderp	Campo Grande (MS)	Bacharelado	Privada	Nenhuma estrela	Angelica Sigari
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	Campo Grande (MS)	Bacharelado	Federal	4 estrelas	Mário Luiz Fernandes
Faculdades Integradas de Três Lagoas	Três Lagoas (MS)	Bacharelado	Privada	Nenhuma estrela	Rafael Furlan Lo Giudice

Fonte: GUIA DO ESTUDANTE (2020); com adaptações de TERUEL; CAMY; MESQUITA; PINHEIRO; OLIVEIRA (2020).

Quando a situação da pandemia do novo coronavírus chegou ao Brasil, tendo seu primeiro caso confirmado na cidade de São Paulo, em fevereiro de 2020, logo o número de casos começou a aumentar e confirmações da Covid-19 ocorreram em diversos estados.

De modo a conter o avanço da doença, o distanciamento social precisou ser colocado em prática, de modo que as aulas remotas se tornaram a única opção para instituições de ensino para não paralisar ou suspender as atividades e o calendário letivo.

As quatro instituições de ensino superior, que são objetos do estudo apresentado, mantiveram suas aulas de forma on-line, em ambientes virtuais desenvolvidos em diferentes plataformas tecnológicas. Enquanto a UFMS e a UCDB priorizaram o uso das ferramentas do Google, a Estácio de Sá e a Uniderp optaram pelo *Microsoft Teams*. Ambas as plataformas são produtos licenciados por empresas gigantes de tecnologia e utilizadas há algum tempo como ferramentas de educação, sendo que o *Google Classroom* - em português, Google Sala de Aula -, por exemplo, está disponível de forma gratuita para usuários do Gmail desde 2014, enquanto o *Microsoft Teams* é uma versão atualizada disponível desde 2017 e resultado de uma plataforma educacional anterior da empresa. Recen-

temente, a Microsoft anunciou que o uso da plataforma cresceu quatro vezes mais durante a pandemia, com a média de 4,1 bilhões de minutos em reuniões diárias até o mês de maio (SANTINO, 2020).

Mesmo há anos disponíveis no mercado, de acordo com dois coordenadores a maioria dos professores de seus cursos não tinham familiaridade com as ferramentas de TICs, sendo que os outros dois, todos ou quase todos possuíam familiaridade. O momento de pandemia mostra que além de ser um período de difícil adaptação para os alunos, também o é, de certa forma, para os professores.

Figura 2: Gráfico sobre a familiaridade dos docentes com as plataformas utilizadas



Fonte: TERUEL; CAMY; MESQUITA; PINHEIRO; OLIVEIRA (2020).

Sobre o ensino on-line, três coordenadores apontaram que o maior desafio se encontra na aplicação de avaliações para os estudantes. No ensino a distância há uma dificuldade de propor provas objetivas e sem consulta a materiais teóricos, assim como avaliar a aprendizagem do aluno em atividades práticas. A natureza comunicativa, muitas vezes presencial da prática jornalística e outros atributos do campo, acaba, em partes, desaparecendo neste momento de isolamento. Percebe-se em respostas abertas do questionário, a necessidade de contato e diálogo en-

tre alunos e professores, que aparentemente, não tem sido suprida de forma on-line. Em um dos exemplos citados pelos coordenadores está a correção de exercícios práticos de redação jornalística, que precisam ser refeitos diversas vezes através da orientação on-line, enquanto presencialmente poderiam ser concluídos e compreendidos mais facilmente e rapidamente pelo estudante.

A coordenação também apontou dificuldades existentes relacionadas às práticas educacionais rotineiras, como motivar os alunos, preparar o conteúdo das disciplinas para exposição on-line, efetuar controles de frequência, além da perda de qualidade técnica devido aos diferentes tipos de aparatos tecnológicos pessoais dos estudantes. Pontos que ressaltam a falta de familiaridade com as plataformas utilizadas para o ensino on-line, anteriormente pontuada por dois participantes do questionário.

Segundo Mesquita (2019), esse movimento ocorre porque, apesar do desenvolvimento tecnológico presente no século 21, os meios de comunicação no ambiente escolar ainda são vistos de forma instrumental e funcionalista.

Por mais que existam tentativas de encaixar o modelo midiático nas instituições escolares, por se manterem um ensino vertical e burocrático, essa relação traz mais ansiedade e distanciamentos do que benefícios em si. Os professores sofrem por nem sempre terem conhecimento sobre as invenções e suas variações constantes e os alunos sentem que não têm a mesma liberdade que encontram ao utilizar o meio fora do ambiente escolar (MESQUITA, 2019, p. 75).

Citelli (2017), por exemplo, afirma que entre professores e alunos costuma-se ter a compreensão de que a utilização de tecnologias em sala traz mais facilidades ao ensino, principalmente em relação à economia e aproveitamento do tempo de aula. No entanto, nesta pesquisa, em que o ambiente é inteiramente virtual, os coordenadores apontaram mais di-

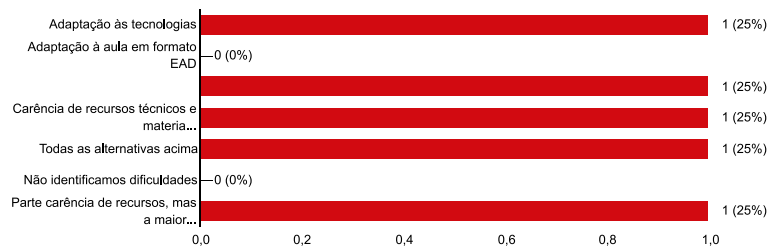
ficuldades do que benefícios para o ensino. Aparentemente, a liberdade do uso das tecnologias em casa tem gerado desorganização dos alunos quanto aos horários para as aulas e atividades.

Em relação aos estudantes, outra questão apresentada pelos coordenadores, que dificulta a construção da relação dialógica entre professores e alunos, é a falta de engajamento do discente, que tem dificuldade no acesso aos conteúdos, seja por questões financeiras, psicológicas ou instrumentais. Além disso, as respostas apontam de alguma maneira para a questão do desafio da adaptação às tecnologias ou carência delas.

Figura 3: Gráfico sobre desafios dos alunos com as aulas on-line

Segundo os relatos dos estudantes, quais são os principais desafios do momento para os alunos do curso de Jornalismo da Instituição em que atua? (Pode marcar mais de uma opção)

4 respostas



Fonte: TERUEL; CAMY; MESQUITA; PINHEIRO; OLIVEIRA, 2020.

Para Bévort e Belloni (2009), as instituições de ensino são uma forma de diminuir a desigualdade de acesso e apropriação de TICs. Segundo as autoras, a integração de tais ferramentas na escola também é fundamental para criação de um pensamento crítico frente à mídia. No entanto, com a situação atual de pandemia, uma parte da população de estudantes tem tido dificuldades para acompanhar as aulas de forma on-line por não possuírem equipamentos adequados e o mínimo necessário para tal forma de ensino, como celulares, computadores, internet, programas e softwares.

Os cursos de Jornalismo, as universidades são, em alguns casos, o local onde os acadêmicos conseguem ter acesso aos equipamentos para a prática jornalística, como computadores, máquinas fotográficas, filmadoras, microfones, entre outros. Situações que abrem espaço para discussão de como resolver o problema de acesso e carência às tecnologias, mas também de como adaptar ações e inovar práticas em relação ao fazer jornalístico.

Quando questionados acerca da realização de novas práticas de ensino durante esse período, três coordenadores alegaram não terem realizado nenhuma, isto é, o formato, ritmo e dinâmica foram mantidos como se estivessem em sala de aula. Embora o momento seja de adaptação e reflexão sobre como manter a qualidade das aulas e o constante aprendizado, pequenas ações podem encaminhar para algumas mudanças. Um dos coordenadores ressaltou que buscou diminuir as diferenças técnicas, por exemplo, com o uso de softwares on-line tanto para edição quanto diagramação de jornal.

“Estamos fazendo bastante videoconferências com especialistas do Brasil e do exterior. Estamos usando softwares disponíveis online para edição, diagramação de jornal. Também para gravar entrevistas para TV e programas de radiojornalismo. Tudo pela internet”.

A adaptação concerne também à reinvenção do ensino em Jornalismo e de propriamente da *práxis* jornalística. Não são apenas os acadêmicos que perderam a vitalidade do Jornalismo, que é o diálogo presencial, a experiência e a vivência, como também os profissionais que atuam diariamente na área. Neste momento ambos se subtraem. Todavia, os professores tentam trazer a essência do Jornalismo em tempos de pandemia. Quando indagados sobre como as práticas jornalísticas têm sido abordadas várias foram as respostas:

“Em boa parte, com pautas que possam ser desenvolvidas sem a presença dos alunos nos locais dos fatos acontecidos, com entrevistas e captação de áudio e vídeo por meio das redes sociais”.

“Os conteúdos abordados geralmente retratam as questões do cotidiano com as abordagens sobre a Covid-19”.

“Tudo a distância. Entrevistas, em áudio ou vídeo, edição e também diagramação”.

“A instituição viabilizou softwares e equipamentos para uso de maneira remota”.

Trazendo à prática novos olhares, dinâmicas e entendimentos, as redes sociais atuam nos dias que correm em uníssono, com 100% dos entrevistados ressaltando que fazem uso das redes como ferramenta de auxílio para as aulas a distância. Elas, conforme resposta de um dos entrevistados, servem

“para repassar comunicados de datas de semana de provas, segunda chamada, normas administrativas, repassar links de aulas ao vivo”.

Tal fenômeno acena para uma aceleração da comunicação. As redes sociais, sempre disponíveis na palma da mão, outrora as vilãs da sala de aula, agora são essenciais para uma formalização da comunicação. Todos os entrevistados avaliaram positivamente o uso das redes sociais para complemento das aulas on-line.

Entretanto, na contramão desta facilidade, nota-se uma defasagem em relação às plataformas digitais em situações de normalidade. O uso do ensino a distância, em uma resposta, aponta para um limite de 20% da carga horária. Em outra, o assunto é tratado apenas de forma teórica, tocando em estudos sobre multimídia, cibercultura e jornalismo digital. Uma outra resposta aponta para o uso das plataformas digitais apenas

“por meio dos laboratórios de comunicação e práticas de disciplinas práticas e estágio intramuros”.

Tal situação parece indicar que os usos das redes sociais começaram a ser repensados somente quando as práticas de ensino passaram a ser realizadas de forma on-line.

Os entrevistados também foram questionados sobre como seria possível manter a qualidade do ensino de Jornalismo neste momento complexo no qual vivemos. As respostas, por sua vez, se dividiram entre a esperança da adaptação e reinvenção, e uma visão mais crítica acerca do desenvolvimento.

“Não creio que seja possível desenvolver um ensino de qualidade remotamente sem o devido planejamento e preparação, sem a motivação dos alunos e sem o acesso de parte dos alunos à internet e computador.”

“Com qualidade demandaria muito mais tempo, pois seria necessário adequar, principalmente o aluno à infraestrutura necessária”.

“Fazemos tudo para garantir a qualidade dentro das condições possíveis: aulas ao vivo, reuniões de pauta, agendamento de horários para edição de texto individual, apresentação de programa de rádio gravado também em grupos remotamente. Sempre usando as tecnologias disponíveis. Não é igual ao presencial, com interação intensa e trincas, mas buscamos o máximo de qualidade dentro das condições possíveis”.

“É realmente um desafio, mas os professores estão engajados, se reinventando. Só nesse semestre contamos com a participação de palestrantes de renome nacional nas aulas. Foi um grande marco para os alunos”.

Como aponta Canavilhas (2009), são experimentações como o aproveitamento em geral da internet, com videoconferências de profissionais da área, uso de softwares on-line para práticas jornalísticas, adequação do fazer jornalístico ao meio on-line, e a utilização das redes sociais nas práticas de ensino, que podem e devem ser melhor estudadas pelos cursos de modo a gerar respostas para o meio acadêmico e o mercado jornalístico, durante e após a pandemia da Covid-19. Além disso, é nesse momento, onde as Tecnologias de Informação e Comunicação estão sendo utilizadas constantemente, que estas devem ser analisadas

e questionadas em relação ao seu uso meramente tecnicista. Hoje, de modo emergencial, as ferramentas de TICs estão sendo usadas de forma mecânica e técnica, para suprir necessidades de ensino, comunicação e informação. Mas podem ser elas aproveitadas e estudadas de forma a fomentar uma melhor relação entre aluno-aluno, aluno-professor e professor-professor? Há uma maneira correta ou melhor indicada para se utilizar as TICs para o ensino de Jornalismo?

Uma das áreas de estudo que pode auxiliar nas pesquisas em relação ao uso das TICs de forma mais humanizada é a Educomunicação. O histórico de trabalho deste campo, baseado no diálogo como agente transformador do conhecimento e relacionado à educação pela comunicação, como também as atividades de intervenção proposta por Ismar de Oliveira Soares, entre elas a educação para a comunicação, gestão da comunicação, mediação tecnológica na educação, produção midiática educativa e epistemologia da educomunicação (ALMEIDA, 2016) indicam um ponto de partida para entender as novas relações entre Educação e Comunicação nesse momento.

Dentre as quatro instituições que participaram do questionário, apenas uma não possui nenhuma disciplina que trabalhe com o escopo da Educação e Comunicação. Entre as disciplinas citadas estão: Mídia-Educação; Comunicação Comunitária; e Mídia, Educação e Comunidade.

Essas disciplinas mostram-se importantes não só nesse momento e não apenas para os alunos do curso, como também para os professores, que podem aprender com o ministrante dessas e juntos buscarem respostas e soluções em pesquisas sobre o assunto.

Considerações finais

As experiências aqui relatadas sinalizam um despreparo por parte dos professores, dos alunos e dos cursos para com as tecnologias e,

concomitantemente, o ensino remoto. Vale observar, neste íterim, que embora se fale do avanço das tecnologias, da mediação da educação por aparelhos da informação, pouco se pratica. Por um lado isso ocorre pela ausência de necessidade em se pensar tal modalidade de ensino, por outro, acontece pelo atraso dos cursos em acompanhar o avanço da tecnologia e com ela novas formas de aprender.

Assim, tendo em vista tal distanciamento entre teoria e prática, a crise da Covid-19 e suas medidas de isolamento social, acentuaram as dificuldades de se instalar educação a distância onde até então era impensado haver. A pandemia do novo coronavírus se instalou mundialmente de modo demasiadamente rápido, o que por sua vez impediu que se pensasse e refletisse sobre os modos e formas de educar em um ambiente on-line.

O ensino de Jornalismo, que hibridiza de modo aprofundado teoria e prática, conforme se vê nos relatos, se desnorteou no que tange à sua prática acadêmica, pois os tempos de pandemia exigiram a ausência de corpos em lugares que outrora era ocupado por jornalistas em formação.

A Educomunicação pode, por sua vez, atuar no sentido de amplificar as potências tanto da tecnologia quanto dos indivíduos que as manuseiam. Conforme Citelli e Costa (2011, p. 8), cabe à Educomunicação pensar, pesquisar e trabalhar a educação formal, informal e não formal, afastando a comunicação de uma postura unicamente midiática e instrumental, passando a propor dinâmicas formativas e planos de aprendizagem que envolvam a prática dialógica e os meios, em suas diferentes possibilidades. Neste cenário de pandemia, a prática educacional pode reduzir danos educacionais, partindo do pressuposto de que se pode sim ter uma educação de qualidade à distância.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho de. Projetos de intervenção em educomunicação. Campina Grande, 2016. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4615056/mod_resource/content/1/Projetos%20de%20Interven%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 14 jun. 2020.

BÉVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. Educ. Soc., Campinas, v. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a08.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2020

CANAVILHAS, João Manuel Messias. Ensino do jornalismo: o digital como oportunidade. In: Fidalgo, J. & Marinho, S. (Org.) (2009) Actas do Seminário “JORNALISMO: Mudanças na Profissão, Mudanças na Formação”. Universidade do Minho (Braga): Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS), 2008.

CITELLI, Adilson Odair. Educomunicação: Comunicação e educação: Os desafios da aceleração social do tempo. São Paulo: Paulinas, 2017.

CITELLI, Adilson Odair. COSTA, Maria Cristina Castilho. (Orgs.). Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

CITELLI, Adilson Odair. Comunicação e educação: A linguagem em movimento. São Paulo: Editora Senac, 2000.

GUIA DO ESTUDANTE. Entenda a avaliação de cursos 2017 do Guia do Estudante. 2017. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/universidades/entenda-a-avaliacao-de-cursos-2017-do-guia-do-estudante/>. Acesso em: 14 maio 2020.

GUIA DO ESTUDANTE. Graduação em Jornalismo. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/busca/?filtro=graduacao&termo=Jornalismo&graduacao-0=542030669&graduacao-3%5B0%5D=municipal&graduacao-3%5B1%5D=federal&graduacao-3%5B2%5D=estadual&graduacao-3%5B3%5D=privada>. Acesso em: 14 maio 2020.

MESQUITA, Naiane G. A Educomunicação nas escolas estaduais de Campo Grande: Um recorte a partir do Educomrádio.Centro-Oeste. 2019. Dissertação. (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

PINHEIRO, Rose Mara; PEREIRA, Antônia Alves. Jornalismo: uma análise da relação Comunicação/Educação em MT e MS a partir das contribuições de Paulo Freire. *Comunicação & Educação*, São Paulo, ano 23, n.2, p.85-94, jul-dez. 2018. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/146531/149972>. Acesso em: 20 maio 2020.

SANTINO, Renato. Uso do Microsoft Teams se multiplicou em quatro vezes desde março. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/noticia/uso-do-microsoft-teams-se-multiplicou-em-quatro-vezes-desde-marco/100949>. Acesso em: 14 jun. 2020.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio*. São Paulo: Editora Paulinas, 2011.

CAPÍTULO 10

ALFABETIZAÇÃO MIDIÁTICA EM TELAS: DESENVOLVIMENTO DE ESTRATÉGIAS TRANSMIDIÁTICAS EM CONTEXTO DE INFODEMIA

Vanessa Matos dos Santos, Ignacio Aguaded

INTRODUÇÃO

A pandemia gerada pela contaminação por coronavírus desencadeou uma série de mudanças sociais, políticas e econômicas em todo o mundo. Em poucos meses, o mundo se transformou e as ruas que antes eram lotadas, agora se apresentam completamente vazias em função da necessidade de conter a propagação do vírus e o colapso dos sistemas de saúde.

Levando-se em consideração o cenário aqui exposto e a premente necessidade de compreender o papel dos meios de comunicação em contextos de emergência sanitária, este artigo apresenta um estudo (amparado na metodologia de estudo de caso e análise de audiovisuais) no que se refere às estratégias utilizadas pela maior rede de televisão pública espanhola (RTVE), na emissora La 1, mais especificamente no telejornal *Telediario* edição das 21h, durante os 7 primeiros dias do decreto de alarme (entre 14 e 20 de março de 2020).

A análise relevou que o telejornalismo praticado pelo *Telediario* se sobressaiu ao lançar mão de estratégias que privilegiaram passos graduais rumo à alfabetização midiática. Ainda que não seja possível afirmar que tais ações estivessem ancoradas na perspectiva desenvolvida por Pérez e Delgado (2017), restou evidenciado que as estratégias se mostraram efetivas – o que culminou, inclusive, com aumento de *share* do telejornal em destaque. Para além desse aspecto, a pandemia – ainda que por caminhos

bastante dolorosos – demonstrou a importância que as emissoras de natureza pública desempenham nas sociedades contemporâneas. Este debate interessa especialmente ao Brasil, país que tem experimentado um contexto de diminuição de recursos destinados às rádios e TVs públicas, o que pode resultar no desmonte do sistema público de comunicação.

Alfabetização midiática

Partindo da ideia de que projetos que envolvam a mídia e a educação devem se pautar pelo planejamento que vise não apenas ao acesso à informação, mas, sobretudo, que objetivem ensinar princípios e estratégias que auxiliem na decodificação, análise, avaliação e produção comunicativa considerando uma infinidade de formatos possíveis, surgiu a concepção de Alfabetização Midiática²⁰, ou *Media Literacy*, que objetiva habilitar os Sujeitos a desenvolverem uma leitura acerca das mídias que os cercam. Isso significa assumir que os produtos midiáticos fazem parte da sociedade e são, portanto, formas de expressão comunicativa e, assim sendo, apresentam um imenso potencial educativo que precisa ser explorado.

Provenientes de diferentes contextos, *Media Education* e *Information Literacy* forçaram o processo de interdisciplinaridade e junção de conhecimentos. Enquanto a primeira esteve conectada às questões políticas e ideológicas, a segunda se originou de uma necessidade mais técnica de busca, coleta e utilização da informação em diferentes dispositivos. Apesar do esforço interdisciplinar, é importante considerar que as origens dizem muito sobre o contexto atual: enquanto a *Media Education* esteve sujeita às mais diversas críticas e debates políticos, a *Information Literacy* praticamente foi concebida como um bem inquestionável e necessário para o desenvolvimento das sociedades contemporâneas.

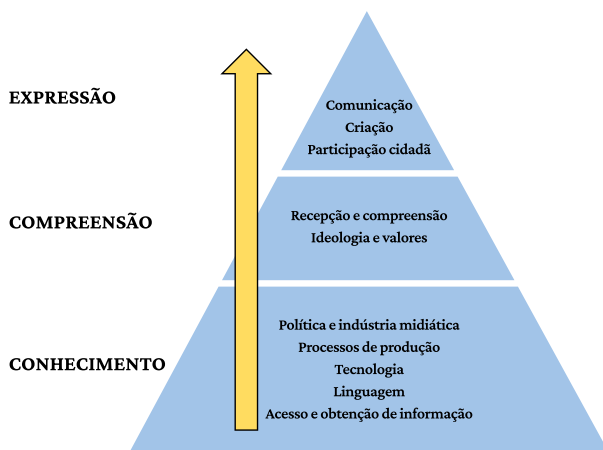
²⁰ O termo “letramento” é adotado no Brasil e em Portugal, de uma forma geral, como tradução do original “*literacy*” em inglês. Embora consideremos estas discussões, esclarecemos que adotamos o termo “Alfabetização midiática”, em consonância com o aporte teórico-conceitual que sustenta a presente pesquisa.

Um alinhamento mais dialógico entre as perspectivas foi evidenciado no início dos anos 2000 por meio do compartilhamento de conteúdos e práticas de pesquisa evidenciado em diferentes países. Aos poucos, a *Media Information Literacy* (MIL) foi ganhando escopo teórico e sustentação conceitual, a ponto do esforço de convergência entre as áreas culminar com diversas publicações da Unesco que abordam a temática. O organismo internacional enfoca a MIL como um conceito composto que deve ser combinado para a formação de um conjunto de competências essenciais para a vida e para o trabalho na sociedade contemporânea. Fruto de discussões acumuladas junto a diferentes setores da sociedade nos anos anteriores, o guia *Media and Information Literacy Curriculum for Teachers* (WILSON, GRIZZLE, TUAZON, AKYEMPONG & CHEUNG) foi lançado, pela primeira vez, em 2011 em língua inglesa. Nos anos seguintes, várias traduções foram disponibilizadas no site da Organização. A publicação do Guia foi crucial para inserir o tema na pauta das políticas públicas mundiais, mas não tardou também para que a necessidade de critérios de análise se colocasse igualmente nesse contexto.

A alfabetização midiática deve se pautar pelo desenvolvimento de uma consequente competência midiática que, de acordo com Férres e Piscitelli (2012, p.79), “[...] comporta el dominio de conocimientos, destrezas y actitudes relacionados con seis dimensiones básicas, de las que se ofrecen los indicadores principales”. A conceituação assumida pelas autoras alinha-se à concepção de competência assumida por Perrenoud (2009; 2018), para quem o conceito diz respeito a um processo de mobilização de saberes para a prática cotidiana. Levando em consideração esta perspectiva, Pérez e Delgado (2017) elaboraram um estudo acerca de dimensões e indicadores que poderiam ser reconhecidos e identificados em conteúdos midiáticos, quais sejam: 1- linguagem, 2- tecnologia, 3- processos de interação, 4 - processos de produção e difusão, 5 - ideologia e valores e 6 - estética.

Considerando a proliferação das telas no ecossistema comunicativo, Pérez e Delgado (2017) propuseram uma articulação entre competência audiovisual e competência midiática notadamente em ambientes digitais. Para as autoras, historicamente os conceitos se desenvolveram de formas separadas; enquanto a competência audiovisual “[...] centrava-se nos conhecimentos, nas habilidades e nas atitudes relacionadas com os meios de comunicação de massas e a linguagem audiovisual” (PÉREZ; DELGADO, 2017, p.5), a competência digital focaliza a busca, o processamento, criação e difusão de informação por meio das tecnologias digitais. Ao sublevar aspectos relacionados aos distintos conceitos, as autoras propuseram que é necessário promover uma espécie de convergência terminológica entre eles, uma vez que ambos abordam a complexidade de conteúdos midiáticos na sociedade hodierna. Partindo de uma estrutura piramidal, Pérez e Delgado (2017) sistematizaram dez dimensões em três âmbitos, conforme figura 1.

Figura 1: Dimensões e âmbitos da competência midiática



Fonte: PÉREZ; DELGADO, 2017, p.16

Pelo exposto, fica claro que, embora contemplem aspectos da proposta inicial de Férres e Piscitelli (2012), Pérez e Delgado (2017) adicionam pontos como acesso e obtenção de informação, política e indústria midiática, criação e participação cidadã que se relacionam diretamente ao universo audiovisual no escopo de um novo cenário permEaDo por telas. Os audiovisuais, neste sentido, implicam muito mais que som e imagens em movimento; trata-se de produções que implicam estéticas, discursos, narrativas e, sobretudo, experiências culturais (MACHADO, 2003; MARTÍN-BARBERO, 2001). As telas, para além de se configurarem como suportes tecnológicos que propiciam a difusão dos audiovisuais, repõem a discussão sobre as formas / contextos de recepção que, por sua vez, evocam a natureza da relação que se estabelece entre o indivíduo e estes objetos (TURKLE, 2007). Desta forma, são distintas as experiências audiovisuais proporcionadas pelo cinema (primeira tela), televisão (segunda tela), computador (terceira tela) e celulares (quarta tela).

Historicamente, o que se observa é que a digitalização da informação propiciou a base tecnológica necessária para a convergência tecnológica que, por sua vez, se coloca como elemento fundamental para o desenvolvimento da convergência midiática (BRIGGS; BURKE, 2016). Esta, por seu turno, foi amplamente estudada por Jenkins (2015), que a entende como um processo que está assentado na conexão, na interatividade e participação, espalhamento e materialidade. O aumento do índice de conectividade em diversos países, a miniaturização dos dispositivos de acesso à internet e a expansão de uma cultura que se baseia cada vez mais na participação ampliaram o alcance do antigo hábito humano de contar histórias.

As narrativas diversas rapidamente se espalharam em diversos sentidos, dando origem às narrativas transmidiáticas. De acordo com Scolari (2014, p.71), este fenômeno ocorre “[...] mediante la entrega de historias independientes pero conectadas a través de múltiples plataformas de medios”. Não se

trata da repetição (ou transposição) de um mesmo conteúdo em diferentes plataformas, mas sim de aspectos distintos (narrativas complementares) que se desenrolam por meio de diferentes mídias. Para o autor, as narrativas transmidiáticas são resultantes da junção entre a emergência da cultura participativa (usuários que não se cristalizam apenas na recepção, mas também se colocam como produtores e disseminadores de conteúdo) e as estratégias desenvolvidas pela indústria midiática.

Com relação às indústrias midiáticas, cabe uma reflexão essencial neste momento histórico: não é incomum que o cenário de desenvolvimento tecnológico nos leve a acreditar que existem variadas fontes de informação e pontos de vista à nossa disposição. Na verdade, o que se tem é a emergência de novos canais de disseminação de conteúdo, mas não necessariamente novos conteúdos, opiniões ou pontos de vista. Tal como verificado na mídia massiva, o mundo cibernético também enfrenta um processo de concentração. Canclini (2020) entende que os GAFA (*Google, Apple, Facebook e Amazon*) estão redefinindo significados sociais como hábitos, significado do trabalho e consumo, comunicação e isolamento das pessoas. O volume de usuários determina o sucesso da empresa, porque o que efetivamente move a base de negócios é o mapeamento desses usuários e sua conversão em um ativo lucrativo. É importante que o usuário esteja permanentemente conectado, clicando, navegando e, obviamente, gerando informações sobre si mesmo e sobre as pessoas com quem ele interage nesses espaços (MOROZOV, 2018).

É justamente em função da complexidade desse cenário (e da crescente exploração dos dados do cidadão sem sua prévia autorização) que o desenvolvimento de uma alfabetização midiática se coloca como algo necessário para o exercício da cidadania e urgente numa situação de pandemia – como a que o mundo vivencia atualmente.

Pandemia e infodemia

A pandemia gerada pela contaminação por coronavírus desencadeou uma série de mudanças sociais, políticas e econômicas em todo o mundo. Em poucos meses, o mundo se transformou e as ruas que antes eram lotadas, agora se apresentam completamente vazias em função da necessidade de conter a propagação do vírus e o colapso dos sistemas de saúde.

Na Espanha, terceiro país mais atingido pela doença (OMS, 2020), a pandemia se colocou para além da doença causada pelo coronavírus e se converteu em infodemia. O termo foi utilizado pela própria OMS em 2 de fevereiro de 2020 para designar a sobrecarga informacional à qual as pessoas estavam sujeitas diante da pandemia. De acordo com o *Reuters Institute* (2020), a junção entre as palavras “epidemia” e “informação” foi utilizada, pela primeira vez, em 2003 em um comentário feito por David J. Rothkop para designar “alguns fatos, misturados com medo, especulação e boato, amplificados e transmitidos rapidamente em todo o mundo pelas modernas tecnologias da informação²¹”. Rothkop se referia ao excesso de informações (verdadeiras e falsas) sobre a SARS, mas seu conceito se atualizou diante da epidemia por coronavírus e da profusão de mensagens disseminadas, especialmente, pelas redes sociais virtuais.

Criou-se, portanto, um cenário de excepcionalidade imposto pela epidemia e que pode ser compreendido como altamente infodêmico: amedrontada, a população passa a disseminar conteúdos desinformativos diversos, como as *fake news*. A desinformação passa a ser, portanto, muito mais que mera distribuição ingênua de conteúdos sem checagem; trata-se de uma potente arma política capaz de desestabilizar democracias (AGUADED; ROMERO-RODRÍGUEZ, 2015).

²¹ Tradução nossa: “a few facts, mixed with fear, speculation and rumor, amplified and relayed swiftly worldwide by modern information technologies”.

Sobre este aspecto, embora comumente usado, o termo notícias falsas (*fake news*) não abrange o escopo de distúrbios informacionais verificados diariamente. Wardle e Derakhshan (2018) propõem que esses desvios de informação podem ser divididos em três tipos: informações incorretas, más informações e desinformação. Todos os tipos de distúrbios são prejudiciais para a sociedade, mas as más informações são mais perigosas porque normalmente são divulgadas gratuitamente. Amplificadas pelas mídias sociais, a disseminação desse tipo de conteúdo busca conseguir acessos (*clicks*) para fomentar um modelo de negócios bastante lucrativo. Segundo Martins (2020, p.14), um estudo do Índice Global de Desinformação apontou que a “[...] receita gerada por publicidade programática [...] de 20 mil sites classificados como “desinformadores” pelo GDI alcançou US\$ 235 milhões”.

Essa lógica se expande para além das fronteiras culturais, geográficas e sociais, movimentando mercados multinacionais. Para além das conseqüências morais, éticas e democráticas, a disseminação desse tipo de conteúdo se colocou como um problema de saúde pública no escopo da pandemia ocasionada pelo novo coronavírus.

Telediário / La 1 (RTVe)

RTVe é a sigla que designa a Corporação de Rádio e Televisão Espanhola (em espanhol: Corporación de Radio y Televisión española - RTVE). Trata-se de uma empresa pública referência em mídia no mundo e congrega 7 emissoras da Televisión Española (TVE), seis rádios (RNE), Instituto RTVE (RTVE), orquestra sinfônica e coro. No que se refere ao escopo deste estudo, destacamos especificamente as emissoras de televisão da Corporação: La 1; La 2; Canal 24h, Clan, Teledeporte, TVE Internacional e Star TVE. Por ser o mais antigo canal televisivo da Corporação e também considerado referência, focalizamos La 1. No que se refere aos índices de audiência, durante o mês de março de 2020,

La 1 ficou em terceiro lugar, com *share* de 10,1%, atrás de *Telecinco* que alcançou 14,3% e *Antena 3* que registrou *share* de 11,5%.

É interessante destacar que, durante o período analisado houve aumento expressivo de índice de audiência de todas as emissoras espanholas em função do isolamento social. Os telejornais da rede TVE foram os que registraram maior crescimento quando comparados aos informativos diários de outras redes espanholas. De uma forma geral, e em função do contexto de pandemia, os telejornais passaram a não apenas informar sobre a pandemia, mas também começaram a traçar estratégias de combate à infodemia. Dentre os telejornais veiculados pela *La 1*, durante o mês de março, o *Telediário*, foi o que registrou o maior crescimento – *share* de 14,9%²².

No escopo deste artigo, as edições veiculadas entre 14 e 20 março de 2020 por este telejornal constituem-se, metodologicamente, como o caso a ser analisado (YIN, 2015). De acordo com o site oficial da RTVe, *Telediário* é um telejornal exibido de segunda a domingo em três edições (6h30, 15h e 21h). O recorte para esta análise contempla a edição das 21h e, no que se refere ao escopo temporal, focaliza a primeira semana a partir da promulgação do Real Decreto de Alarme²³ na Espanha. Além de desafiadora, esta primeira semana foi decisiva para o posicionamento dos telejornais e definição de estratégias diante do novo cenário.

Do ponto de vista político, diferentemente do que atualmente tem ocorrido no Brasil, desde a promulgação do Real Decreto, os meios de comunicação na Espanha pautaram-se pelo incentivo ao isolamento social. Em grande medida, tais ações estão relacionadas ao cumprimento

²² *Telediário* ficou em segundo lugar geral em índices de audiência. La Sexta Noticias, da rede La Sexta, foi o telejornal que concentrou as maiores audiências no período. Percentualmente, no entanto, *Telediário* registrou o maior crescimento no período analisado.

²³ O Real Decreto estabelece, dentre outros termos, a vigência de limitação da liberdade de circulação de pessoas (do original: “Limitación de la libertad de circulación de las personas”).

do Art.19²⁴ do Real Decreto que estabelece como obrigatória a inserção de mensagens e anúncios que as autoridades competentes delegadas julguem necessárias para a informação da população.

Resultados obtidos

No total, 557 minutos (cerca de 9 horas e 28 minutos) do telejornal foram coletados e analisados, por meio do software NVIVO, para esta pesquisa. A análise se deu em função da identificação do conteúdo audiovisual em função da dimensão e âmbitos da competência midiática proposta por Pérez e Delgado (2017). É importante ressaltar que, dado o volume de dados coletados, selecionamos aqui os exemplos mais emblemáticos e evidentes para que seja possível iniciar o debate acerca da temática. Além disso, é igualmente importante explicitar que as contribuições de Pérez e Delgado estão relacionadas às competências que podem ser desenvolvidas pelas pessoas de forma geral. Tais competências, no entanto, podem ser potencializadas pelas ações dos meios de comunicação. A observação direta intensiva assistemática não-padronizada (SILVERMAN, 2009; BAUER; GASKELL, 2017)²⁵ indicou que os conteúdos dos telejornais estavam se desenvolvendo segundo uma forma bastante peculiar que implicava justamente o modelo piramidal proposta pelas autoras, como exemplificado na sequência.

a) Conhecimento: Política e indústria midiática, processos de produção, tecnologia, linguagem, acesso e obtenção de informação

Em média, cada edição do telejornal tem duração de 1 hora e 10 minutos. A edição do dia 14/03/20 teve duração de 1 hora e 16 minutos.

²⁴ Do original: “*Los medios de comunicación social de titularidad pública y privada quedan obligados a la inserción de mensajes, anuncios y comunicaciones que las autoridades competentes delegadas, así como las administraciones autonómicas y locales, consideren necesario emitir.*”

²⁵ O início das observações se deu justamente durante o processo, ou seja, no momento em que o fenômeno se desenrolava, pois a pesquisadora estava em território espanhol desenvolvendo pesquisa sob orientação do Prof. Dr. Ignacio Aguaded, da Universidad de Huelva (UHU).

Iniciada com trechos do pronunciamento do governo sobre o decreto do estado de alarme, a edição contou com comentários e reportagens que buscavam explicar o que estava ocorrendo, os impactos possíveis dessa ação política, sempre relevando a importância do distanciamento e isolamento social. A imagem 1 destaca a situação na comunidade de Madrid e foi apresentada em tom de justificativa ou mesmo explicação para a ação que estava sendo tomada pelo governo.

Imagem 1: Justificativa para a promulgação do Decreto - 14/03/2020



Fonte: RTVe, 2020

A edição do dia seguinte (15/03/2020) teve quase duas horas de duração e contemplou uma aproximação maior com relação ao tema. Reportagens mais complexas e entrevistas mais longas foram exibidas com abordagens diversas: geral, saúde, comportamento, economia. É possível identificar, nas veiculações desses dois dias aspectos que se relacionam com a primeira dimensão proposta por Pérez e Delgado (2017). A indústria midiática começava a organizar seus processos de produção em função de uma pandemia. Não havia ainda um vocabulário específico e nem familiaridade temática construída com o espectador; todas as explicações estavam sendo pormenorizadas, checadas e as fontes oficiais eram sempre o foco do conteúdo.

b) Compreensão: recepção e compreensão, ideologia e valores

A segunda dimensão, denominada Compreensão, começou a ficar mais evidente a partir da edição do dia 16/03/2020 como que se houvesse um movimento de amadurecimento da temática e busca por sua compreensão, por seu aprofundamento. Além de mais equilibrada com relação à organização dos blocos, foi possível identificar o início da utilização da hashtag #QuedateEnCasa (vide canto superior esquerdo da Imagem 2) que se tornou o lema do período e rapidamente já estava sendo utilizada para dialogar com pessoas de diversos perfis: trabalhadores da saúde, donas de casa, aposentados, crianças etc. De alguma forma, naquele momento, todos dialogavam em torno da necessidade de proteger a si e aos demais, ficando em casa.

Imagem 2: Início de utilização da hashtag #QuedateEnCasa - 16/03/2020



Fonte: RTVe, 2020

A mesma edição também já indicava que o site oficial da RTVe continha mais detalhes sobre a pandemia (Imagem 3). Infográficos interativos, relatórios de pesquisa, áudios e vídeos já podiam ser acessados a qualquer hora do dia.

Imagem 3: Divulgação de conteúdos extras em site - 16/03/2020

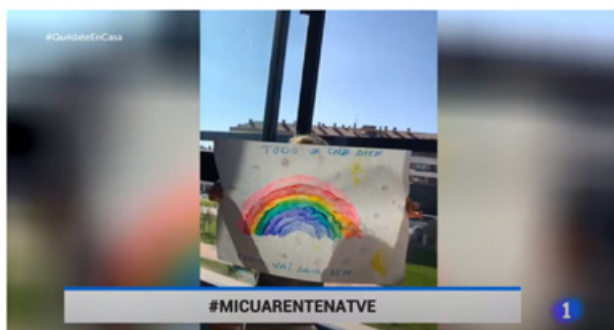


Fonte: RTVe, 2020

c) Expressão: Comunicação, Criação, Participação cidadão

A edição do dia 17 apresentou, após a exibição dos números de falecidos e contaminados pelo novo coronavírus, um espaço destinados aos materiais enviados pela audiência durante todos os dias. Ainda que representem um estágio bastante incipiente de participação do público, trata-se de uma iniciativa que dialoga diretamente com a dimensão da expressão. As imagens (algumas fixas, outras em movimento) não eram produzidas para a televisão (vide imagem 4) e ficava evidente que haviam sido feitas (criadas) pelo público. O telejornal passou a incentivar o envio desses materiais por meio da hashtag #micuarentenatve e não faltaram vídeos de piadas, imitações, anedotas, músicas etc.

Imagem 4: Exibição de mensagens enviadas pela audiência - 17/03/2020



Fonte: RTVe, 2020

Buscando evidenciar o aspecto humano por trás dos números de falecidos, a RTVe lançou, nas semanas seguintes, o Memorial do Coronavírus, um arquivo audiovisual destinado a registrar (e divulgar) cartas, bilhetes, memórias de pessoas que perderam seus entes queridos como forma de homenagem.

Considerações finais

A seleção dos fragmentos utilizados para exemplificar o amadurecimento das estratégias utilizadas pelo *Telediario* durante a primeira semana de isolamento social na Espanha. Os dados iniciais mostram aumento do índice de audiência das TVs, possivelmente em função desse contexto. O estudo do *Reuters Institute* e da Universidade de Oxford divulgado em abril deste ano (2020) demonstrou, paralelamente, que 55% dos espanhóis pesquisados se informam por meio de buscas no Google. O mesmo estudo demonstrou também que a busca por conteúdos (online) e a televisão têm sido as formas mais usuais de acesso à informação nos seis países pesquisados (a Espanha dentre eles).

A pesquisa de audiência divulgada por Barlovento (2020) referente ao mês de março, demonstrou que o tempo de consumo audiovisual aumentou de forma significativa quando comparado ao mês anterior. Embora inicialmente se acreditasse que o consumo desses conteúdos fosse se mostrar de forma mais prevalente em plataformas de *vídeo on demand* (como *YouTube*, por exemplo) não foi isso que os dados divulgados mostraram. O tempo dispensado aos conteúdos das emissoras de televisão abertas foi expressivamente maior do que aquele verificado em plataformas como o *YouTube*. Ao mesmo tempo, recordemos que o *share* de audiência da La 1 - uma emissora do sistema público de comunicação - foi um dos maiores dos últimos anos. Uma possível explicação para estes dados - que ensejam estudos mais aprofundados - esteja talvez no cenário infodêmico. A proliferação de conteúdos desinformativos num contexto de emergência sanitária talvez tenha feito com que o público buscasse pelo jornalismo com credibilidade.

Neste ecossistema, o telejornalismo praticado pelo *Telediario* se sobressaiu ao lançar mão de estratégias que privilegiaram passos graduais rumo à alfabetização midiática. Ainda que não seja possível afirmar que tais ações estivessem ancoradas na perspectiva desenvolvida por Pérez e Delgado (2017), restou evidenciado que as estratégias se mostraram efetivas - o que culminou, inclusive, com aumento de *share* do telejornal em destaque. Para além desse aspecto, a pandemia - ainda que por caminhos bastante dolorosos - demonstrou a importância que as emissoras de natureza pública desempenham nas sociedades contemporâneas.

Este debate interessa especialmente ao Brasil, país que tem experimentado um contexto de diminuição de recursos destinados às rádios e TVs públicas, o que pode resultar no desmonte do sistema público de comunicação. No extremo, esse desmonte pode ter reflexos nos níveis de alfabetização midiática verificados entre os cidadãos e ameaçar, inclusive, mecanismos democráticos arduamente conquistados ao longo dos últimos anos no País.

REFERÊNCIAS

AGUADED, Ignacio.; ROMERO-RODRÍGUEZ, L. M. Mediamorfosis y desinformación en La infoesfera: Alfabetización mediática, digital e informacional ante los cambios de hábitos de consumo informativo. *Education in the Knowledge Society*, v. 16, n. 1, p. 44-57, 2015.

BARLOVENTO COMUNICACIONES. Audiencias mensuales. Disponível em: <https://www.barloventocomunicacion.es/audiencias-mensuales/> Acesso em: 21 jun 2020.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Rio de Janeiro: Editora Vozes Limitada, 2017.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2016.

BUCKINGHAM, David. Media education: Literacy, learning and contemporary culture. John Wiley & Sons, 2013.

CANCLINI, Néstor. Ciudadanos reemplazados por algoritmos. Germany: Calas, 2020.

FERRÉS, Joan; PISCITELLI, Alejandro. La competencia mediática: propuesta articulada de dimensiones e indicadores. *Comunicar*, v. 19, n. 38, p. 75-82, 2012.

JENKINS, Henry. Cultura da convergência. São Paulo: Aleph, 2015.

MACHADO, Arlindo. Arte e Mídia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

MACHADO, Arlindo A televisão levada a sério. São Paulo: SENAC, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús e REY, Germán. Os Exercícios do Ver. Hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.

MARTINS, Heloísa. (Org.) Desinformação: crise política e saídas democráticas para as fake. São Paulo: Veneta, 2020.

MOROZOV, Evgeny. Big Tech: a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu, 2018.

PÉREZ, Maria Amor; DELGADO, Águeda. Da competência digital e audiovisual à competência midiática: dimensões e indicadores. *Lumina*, Juiz de Fora, v. 11, n. 1, 30 abr. 2017.

PERRENOUD, Philippe; THURLER, Monica Gather. As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação. Artmed Editora, 2009.

PERRENOUD, Philippe. Formando professores profissionais: quais estratégias? quais competências? São Paulo: Artmed Editora, 2018.

SCOLARI, Carlos. Narrativas transmedia: nuevas formas de comunicar en la era digital. *Anuário AC/E de cultura digital*, São Paulo, v. 2014, p. 71-81, 2014.

SILVERMAN, David. Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações. São Paulo: Bookman Editora, 2009.

TURKLE, Sherry. *Evocative objects: Things that matter*. Cambridge, MA: MIT Press, 2007.

WARDLE, Claire. *et al.* Information Disorder: the essential glossary. Shorenstein Center, NY, Harvard University, 2018.

WILSON, Carolyn *et al.* Media and information literacy curriculum for teachers. UNESCO Publishing, 2014.

YIN, Robert K. Estudo de Caso: Planejamento e métodos. São Paulo: Bookman editora, 2015.

SOBRE OS AUTORES

Adriana Maria Santos de Almeida Campana

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios da Universidade do Estado da Bahia (PPGESA/DCH III/UNEB. Vice-líder do Grupo de Pesquisa em Educação Contextualizada, Cultura e Território - EDUCERE. E-mail:didacampana@yahoo.com.br

Amaurícia Lopes Rocha Brandão

Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Campus Acaraú, CE.

E-mail: amauricialopes.prof@gmail.com

Ana Luisa Zaniboni Gomes

Jornalista e diretora da OBORÉ Projetos Especiais. Pós-Doutora pela ECA/USP, integra o Grupo de Pesquisa Mediações Educomunicativas (CNPq) e é vice-coordenadora do Grupo de Pesquisa Comunicação e Educação da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom.

E-mail: analuisa@oboré.com

Caio Teruel

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMS, onde também integra o Grupo de Pesquisa Comunicação e Educação (CNPq).

E-mail: caioteruel05@gmail.com

Cristinara Alves Rodrigues

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMS, onde também integra o Grupo de Pesquisa Comunicação e Educação (CNPq).

E-mail: cristinaraalves@gmail.com

Dalila Fernandes Vieira Sbardelotto

Graduada em Comunicação Social habilitação Publicidade e Propaganda pela UCDB, integra o Grupo de Pesquisa Comunicação e Educação da UFMS. Pós-Graduada em Administração de Marketing e Propaganda pela UCDB, e Pós-Graduada em Educação Corporativa também pela UCDB.
E-mail: dalilafvs@gmail.com

Dayse Maciel de Araujo

Doutora e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM, São Paulo, SP, e membro do Grupo de Pesquisa CNPq: Comunicação, Consumo e Identidades Sócio-Culturais, coordenado pela Profa. Dra. Marcia Perencin Tondato.
E-mail: daysema@terra.com.br; dmaraujo04@gmail.com

Diva Souza Silva

Docente da Universidade Federal de Uberlândia – UFU / MG. Tutora PET/Conexões/Educomunicação. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Tecnologias, Comunicação e Educação - GTECOM do Programa de Pós Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação - PPGCE.
E-mail: divasilva.73@gmail.com

Edilane Carvalho Teles

Doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade de São Paulo (PPGCOM – USP); Docente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Departamento de Ciências Humanas, Campus III. Coordenadora do Observatório Educom, Projeto Polifonia.
E-mail: edilaneteles@hotmail.com

Fernanda Lima Souza

Mestre em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação (GESTEC/ UNEB. Arte-educadora, Coordenação Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Itapicuru, professora da Faculdade Dom Luiz- BA e consultora educacional.

E-mail: nandasoli150@gmail.com

Filomena Maria Avelina Bomfim

Professora doutora do curso de Comunicação Social-Jornalismo, da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) e coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educomunicação (GEPEducomufsj).

E-mail: myosha@gmail.com.

Helena Corazza

Doutora pela ECA-USP; jornalista e licenciada em Letras; docente no SEPAC - Serviço à Pastoral da Comunicação e no Instituto Teológico São Paulo (ITESP); coordenadora do Curso de Especialização Comunicação, Teologia e Cultura: teórico-prático (ITESP/SEPAC). Pesquisadora do Grupo de pesquisa Mediações Educomunicativas (MECOM), ECA-USP/CNPq. Participa do Grupo Comunicação e Educação da Intercom. Coordena o grupo de Educomunicação e Pesquisa na Signis Brasil.

E-mail: helen.corazza@paulinas.com.br; helen.corazza@gmail.com

Ignacio Aguaded

Docente da Universidad de Huelva (UFU), editor-chefe da Revista Comunicar; líder do grupo de pesquisa Ágora e diretor-presidente da Rede Interuniversitária Euro-Americana de Pesquisa em Competências midiáticas para a Cidadania (Alfamed).

E-mail: aguaded@uhu.es ; director@grupocomunicar.com

Lucas Guimarães Resende

Graduando em Comunicação Social - Jornalismo pela UFSJ, bolsista de projeto de Iniciação Científica (PIBIC) aprovado no Edital 003/2019/PROPE, da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPE)/UFSJ e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educomunicação (GEPEducomufsj).

E-mail: lcsguimares1@gmail.com.

Marcele Aroca Camy

Mestranda (bolsa Capes) no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMS, onde também integra o Grupo de Pesquisa Comunicação e Educação (CNPq).

E-mail: marcelearocaa@gmail.com

Michelle Araújo do Nascimento

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMS, onde também integra o Grupo de Pesquisa Comunicação e Educação (CNPq).

E-mail: michelle.araujo@ufms.br

Naiane Gomes de Mesquita

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMS, onde também integra o Grupo de Pesquisa Comunicação e Educação (CNPq).

E-mail: naiane.tm@gmail.com

Rose Mara Pinheiro

Docente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), do curso de Jornalismo e do PPGCOM, em Campo Grande/MS. Diretora da Agência de Comunicação Social e Científica da UFMS. Sócia-fundadora e membro do Conselho da Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais da Educomunicação. Coordenadora do GP Comunicação e Educação da Intercom e da UFMS (CNPq).

E-mail: rose.pinheiro@ufms.br

Silvia Cristina dos Reis

Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela UFSJ, mestra pelo Programa Interdepartamental de Pós-Graduação Interdisciplinar em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade (PIPAUS), da UFSJ e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educomunicação (GEPEducomufsj).
E-mail: tudocinzagrafitte@gmail.com

Suëller Costa

Jornalista, professora, educadora e pesquisadora. Mestre em Ciências da Comunicação, na Área de Concentração Interfaces Sociais e na Linha de Pesquisa Comunicação e Educação do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM) da Escola de Comunicação e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo (USP).
E-mail: sueller.costa@gmail.com

Thayná Rafaela de Oliveira

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFMS, onde também integra o Grupo de Pesquisa Comunicação e Educação (CNPq).
E-mail: thayna.rafaela.oliveira@gmail.com

Vanessa Matos dos Santos

Doutora em Educação (2013), Doutora em Comunicação (2017) e Mestre em Comunicação (2009). Docente do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação (PPGCE), da mesma Universidade.
E-mail: vanmatos.santos@gmail.com

Este livro foi editorado com as fontes Crimson Text,
Barlow e Montserrat.
Publicado on-line em: <https://repositorio.ufms.br>